

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO
PSICOSSOCIAL

THALES VINÍCIUS MOZANER ROMANO

Contingências e fatores associados ao uso de substâncias de jovens com diferentes padrões de
conduta delituosa

Ribeirão Preto

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO
PSICOSSOCIAL

THALES VINÍCIUS MOZANER ROMANO

Contingências e fatores associados ao uso de substâncias de jovens com diferentes padrões de
conduta delituosa

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da Universidade de São Paulo, como parte das
exigências para obtenção do título de Mestre
em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e
Desenvolvimento

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marina Rezende Bazon

VERSÃO CORRIGIDA

Ribeirão Preto

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Romano, Thales Vinícius

Mozaner 168 p.: il.; 30cm.

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento. – Ribeirão Preto, 2023

Orientadora: Bazon, Marina Rezende.

1. Uso de substâncias. 2 Delinquência juvenil.

3. Relação crime-droga. 4. Análise de contingências 5. Métodos mistos

Nome: Romano, Thales Vinícius Mozaner

Título: Contingências e fatores associados ao uso de substâncias de jovens com diferentes padrões de conduta delituosa

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para obtenção do título de mestre em Ciências, Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Aprovada em: / /2023

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marina Rezende Bazon

Instituição: Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a.

Instituição:

Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

ESTE ESTUDO FOI DESENVOLVIDO JUNTO AO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA
EM DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL (GEPDIP)

Apoio financeiro:

O desenvolvimento deste estudo contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, mediante a concessão de Bolsa de Mestrado, processo nº 88887.463104/2019-00, com vigência de 09/2019 – 02/2022.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais, especialmente meus avós, que um dia sonharam poder estudar e escolher uma profissão, e que tanto contribuíram para minha trajetória;

Aos meus pais, Cássia Maria Mozaner Romano e Luiz Eduardo Romano, que batalharam incessantemente para que eu pudesse ter minhas próprias escolhas, que me ensinaram os valores da dedicação, do trabalho, da educação, do respeito e cuidado com as outras pessoas, e que me apoiaram tanto, mesmo com a distância imposta pela pandemia;

Ao meu irmão Vitor Augusto Mozaner Romano, meu novo companheiro de profissão e melhor amigo, que sempre me ensinou sobre diversas coisas do mundo;

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Marina Rezende Bazon, pelo acompanhamento e acolhimento no GEPDIP desde a graduação. Por ter me ensinado e servido de exemplo de profissionalismo, inspiração, dedicação e comprometimento com a ética, prática docente e pesquisa. Por especialmente, ter confiado a mim, a oportunidade de realizar esta pesquisa, até mesmo nos tempos de pandemia, e de representar o GEPDIP em tantas atividades que pude desenvolver durante o mestrado;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido a esta pesquisa, na forma de Bolsa de Mestrado;

À Secretaria de Cidadania e Assistência Social da cidade de São Carlos e ao Excelentíssimo Sr. Dr. Juiz de Direito Cláudio do Prado Amaral, que possibilitaram a realização deste estudo, e me confiaram esta oportunidade, e especialmente, às profissionais do Núcleo de Atendimento Integrado Eliana Drighetti e Patrícia Brancalhona, que me acolheram e não mediram esforços para me ajudar na coleta de dados,

À Secretaria da Saúde e às equipes dos Centros de Atenção Psicossociais da cidade de São José do Rio Preto, pelo acolhimento e pela oportunidade de realizar meu estudo piloto, especialmente representadas pelos profissionais Daniela Terada, Rafael Plastino e Tais Toninato;

À Prof^ª. Dr^ª. Paula Inez Cunha Gomide e ao Prof. Dr. Fábio Leyser Gonçalves pela atenção e pelas importantíssimas contribuições em meu exame de qualificação;

Aos colegas do GEPDIP, que tanto me auxiliaram e ensinaram, e que compartilharam momentos importantes desta trajetória, especialmente a André, Rafaelle, Fernanda, Laís, Lyara e Mariana;

Aos meus amigos de São Carlos e Ribeirão Preto, que sempre me apoiaram e me fizeram continuar, em especial meus queridos Hector Gonzaga, Juliana Coca, Kamila Veltroni, Livia Aranda e Priscila Ferri;

E por fim, e não menos importante, aos jovens participantes e suas famílias, que me confiaram tempo e atenção para a coleta de dados.

RESUMO

Romano, T. V. M. (2023). **Contingências e fatores associados ao uso de substâncias de jovens com diferentes padrões de conduta delituosa** (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Uso de substâncias e prática de delitos são condutas que podem se manifestar na adolescência. Ambas mantêm relação forte, e podem se retroalimentar, aumentando reciprocamente suas chances de persistência e agravamento, até a vida adulta. Investigações que focalizem variáveis pessoais e contextuais e denotem diferenças na função que uma conduta pode assumir para outra são ainda necessárias. Desta forma, este estudo objetivou investigar as características pessoais e contextuais implicadas na conduta problemática de uso de substâncias em jovens apresentando variados padrões de conduta delituosa, visando evidenciar diferenças em fatores atinentes ao uso problemático de substâncias e observar os mais relacionados a um maior engajamento em práticas de delitos. Participaram 21 adolescentes com idades entre 15 e 18 anos, que haviam sido detidos por prática de infrações e dirigidos a um Núcleo de Atendimento Integral, local de recrutamento. Esses responderam a um questionário para sua caracterização socioeconômica e instrumentos para descrição e classificação dos padrões de ambas as condutas (Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada e o *Drug Use Screening Inventory-Revised*), bem como para a análise de contingências do primeiro uso e uso atual de álcool e maconha, e da relação entre uso de substâncias e prática de delitos (Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências). Para comparação, foi possível agrupar os participantes em quatro grupos de acordo com o padrão de conduta delituosa (conduta normativa e conduta distintiva) e o padrão de uso de maconha (uso esporádico e uso diário). Por meio de metodologia mista, foram realizadas análises de estatística descritiva e análise temática das unidades funcionais, após a transcrição na íntegra das entrevistas gravadas em áudio. Observou-se que o primeiro uso de álcool e de maconha apresentaram diversas semelhanças contextuais, tais como a busca por sensações, fácil acesso às substâncias, percepção de maturidade atrelada, expectativas positivas em relação aos efeitos das substâncias, normalização do uso, familiares e pares usuários, ambientes de socialização e baixa supervisão parental. O que diferenciou os grupos apresentando conduta distintiva foi o início do uso junto a pares infratores em ambientes criminalizados. A análise de contingências do uso atual de álcool e de maconha evidenciou a função de regulação emocional para alguns grupos mediante a experiência de condições e de emoções aversivas. Este contexto se apresentou importante para a relação entre uso de substâncias e prática de delitos, especialmente para o grupo composto por jovens apresentando uso diário de maconha e padrão de conduta delituosa distintiva. Destacou-se também, para este grupo, o longo período de implicação em tráfico de drogas. Desta forma, identifica-se que o uso de substâncias e a prática infracional na adolescência podem se manifestar pelo compartilhamento de fatores de risco, mas se agravaram ponto de se tornar um problema único, também em função de problemas associados que concorrem para que as duas condutas se “fundam”. Assim, modelos pressupondo relações bidirecionais parecem mais adequados para investigar e entender esta relação complexa – crime-droga – nos casos em que ambas as condutas se manifestam em níveis problemáticos.

Palavras-chave: Uso de substâncias; delinquência juvenil; relação crime-droga; análise de contingências; métodos mistos.

ABSTRACT

Romano, T. V. M. (2023). **Contingencies and factors associated with substance use in adolescents with different patterns of offending** (Masters dissertation). Department of Psychology, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters at Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto

Substance use and delinquency are conducts that can emerge in adolescence, maintain a strong relationship and can reinforce each other, reciprocally increasing their chances of persistence and aggravation, until adulthood. Investigations that focus on personal and contextual variables and denote differences in the function that one conduct can assume for another are still needed. This study aimed to investigate the personal and contextual characteristics involved in the problematic conduct of substance use in adolescents presenting different patterns of offending, in order to highlight differences in factors related to problematic substance use and observe those most closely related to a greater involvement with delinquency. The sample consisted in 21 adolescents aged between 15 and 18 years old, who had been arrested for committing offenses and sent to the Núcleo de Atendimento Integral, the place of recruitment. They answered a questionnaire for their socioeconomic characterization and instruments to describe and classify the patterns of both conducts (Self-Report Delinquency Interview and the Drug Use Screening Inventory-Revised), as well as for the contingency analysis of the first and current use of alcohol and marijuana, and the relationship between substance use and delinquency (Semi-structured Interview of Contingency Analysis). For comparison, it was possible to allocate the participants into four groups according to the pattern of offending (normative and persistent conduct) and the pattern of marijuana use (sporadic and daily use). Through mixed methodology, descriptive statistical and thematic analysis of the contingencies were performed after transcription in full of the audio-recorded interviews. It was observed that the first use of alcohol and marijuana presented several contextual similarities, such as sensation seeking, easy access to substances, perception of maturity attached, positive expectations regarding the effects of substances, normalization of use, family and peer use, socialization environments and low parental supervision. What differentiated the groups presenting persistent conduct of offending was the onset of use with delinquent peers in criminalized environments. The contingency analysis of current alcohol and marijuana use evidenced the function of emotional regulation for some groups when experiencing aversive conditions and emotions. This context was important for the relationship between substance use and delinquency, especially for the group composed by adolescents with daily use of marijuana and a persistent pattern of offending. For this group, the long period of involvement in drug trafficking was also significant. In this way, it was identified that substance use and delinquency in adolescence may manifest themselves by sharing common risk factors but can aggravate to the point of becoming a single problem, also due to associated problems that contribute to the "merging" of the two conducts. Thus, models that assume bidirectional relationships appear to be more appropriate for investigating and understanding this complex relationship - "crime-drug" - in cases where both conducts manifest themselves at problematic levels.

Keywords: Substance use; juvenile delinquency; crime-drug relationship; contingency analysis; mixed methods.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Modelo de análise funcional do uso de substâncias - Adaptado de Reichert et al. (2021a).....	43
Tabela 2. Proposta de modelo de análise funcional utilizado neste estudo	44
Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da amostra geral.	52
Tabela 4. Tipos e definições de delitos investigados na Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada	56
Tabela 5. Áreas (ou domínios) investigados pelo DUSI-R	57
Tabela 6. Caracterização do padrão de conduta delituosa na amostra geral.	67
Tabela 7. Caracterização do primeiro delito e do mais cometido por cada participante da amostra geral.....	67
Tabela 8. Frequência de uso no último mês das 13 substâncias investigadas.	68
Tabela 9. Variáveis descritivas das densidades absolutas e relativas dos domínios do DUSI-R da amostra geral.	69
Tabela 10. Caracterização do padrão do uso e trajetória do uso de substâncias da amostra geral.	69
Tabela 11. Caracterização dos padrões de conduta delituosa.	71
Tabela 12. Caracterização do primeiro delito e do delito mais cometido de acordo com o padrão de conduta infracional.	72
Tabela 13. Densidades absolutas dos jovens com uso esporádico e diário de maconha	73
Tabela 14. Densidades relativas de problemas dos jovens com uso esporádico e diário de maconha.....	74
Tabela 15. Variáveis de caracterização do uso de substâncias dos jovens de uso diário e esporádico de maconha	75
Tabela 16. Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 1.	77
Tabela 17. Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 1.	79
Tabela 18. Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 1.	80

Tabela 19. Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 1. ...	81
Tabela 20. Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 1.	82
Tabela 21. Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 2.	83
Tabela 22. Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 2.	84
Tabela 23. Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 2.	85
Tabela 24. Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 2. ...	86
Tabela 25. Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 2.....	87
Tabela 26. Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 3	88
Tabela 27. Análise de contingência do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 3.	89
Tabela 28. Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 3.....	90
Tabela 29. Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 3. ...	91
Tabela 30. Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 3.....	92
Tabela 31. Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 4.	93
Tabela 32. Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 4.	94
Tabela 33. Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 4.....	95
Tabela 34. Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 4. ...	96
Tabela 35. Relação entre uso de substâncias e prática de delitos do Grupo 4	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema representativo do modelo teórico do comportamento operante - Adaptado de Meyer et al. (2010).	41
Figura 2. Esquema representativo de uma análise funcional - Adaptado de Costa e Marinho (2002).	42

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
1 INTRODUÇÃO	24
1.1 A relação entre uso de substâncias e a prática de delitos	32
1.2 A Análise Funcional do Comportamento	37
1.3 Análise de contingências do uso de substâncias	44
2 OBJETIVOS	48
3. MÉTODO	48
3.1 Caracterização do estudo	48
3.2 Local de Estudo	51
3.3 Participantes	51
3.4 Instrumentos	52
3.5 Procedimentos	61
4. RESULTADOS	66
4.1 Dados referentes a amostra geral	66
4.2 A composição dos grupos segundo indicadores dos padrões de conduta delituosa	70
4.3 Dados referentes aos padrões de uso de maconha (diário e esporádico)	72
4.4 Análise de contingências nos quatro grupos composto pelo cruzamento da informação relativa ao padrão de conduta delituosa e uso de maconha	75
5. DISCUSSÃO	97
6. LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	113

REFERÊNCIAS	115
--------------------------	------------

APÊNDICES.....	134
-----------------------	------------

Apêndice A - Questionário de caracterização socioeconômica.....	135
---	-----

Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências do Uso de Substâncias	138
--	-----

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Jovens Maiores de Idade	142
--	-----

Apêndice D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Jovens Menores de Idade	144
--	-----

Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais e Responsáveis de Jovens menores de Idade	146
---	-----

Apêndice F - Autorização para Formação de Banco de Dados – Jovens Maiores de Idade	148
--	-----

Apêndice G - Autorização para Formação de Banco de Dados – Pais e Responsáveis de Jovens menores de Idade	150
---	-----

ANEXOS	152
---------------------	------------

Anexo A - Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada	153
--	-----

Anexo B - Drug Use Screening Inventory – Revised (DUSI-R)	158
---	-----

Anexo C - Parecer Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP.....	162
--	-----

Anexo D - Autorização para realização da pesquisa – Secretaria de Cidadania e Assistência Social da cidade de São Carlos	167
--	-----

Anexo E - Autorização para realização da pesquisa – Secretaria de Cidadania e Assistência Social da cidade de São Carlos	168
--	-----

APRESENTAÇÃO

Ingressei na graduação em 2014 e formei-me como bacharel em Psicologia e como psicólogo no ano de 2019, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Durante a graduação, me interessei pela temática do uso de substâncias, ainda no início do curso, no contexto de uma disciplina de Psicologia Geral e Experimental. Naquele momento, conversando com o docente responsável, o Prof. Dr. José Lino Oliveira Bueno, descobri que ele já havia desenvolvido pesquisas que abordavam o tema e ingressei como estagiário no Laboratório de Processos Associativos, Controle Temporal e Memória, coordenado por ele, ali permaneci, por quatro anos, envolvido em atividades relacionadas ao tema. Assim, desenvolvi meu projeto de iniciação científica, sobre o fenômeno da tolerância aprendida a drogas, por meio de um modelo psicobiológico e comportamental de aprendizagem: o *occasion-setting* - a discriminação condicional de estímulos. Esta pesquisa resultou em minha monografia, cujo título é: “Identificação de relações associativas complexas da tolerância de um usuário de cocaína em atendimento clínico: um estudo observacional”. Vale salientar que esta experiência me aportou muitas aprendizagens, para além daquelas relacionadas ao tema do uso de substâncias psicoativas; vivenciei a rotina de um laboratório, com trabalho de equipe, assim como tive experiências em participação e em apresentações em congressos, estudo de aspectos teóricos e práticos em psicobiologia e ciências do comportamento, além da importante sensibilização aos parâmetros básicos de metodologia científica e de ética em pesquisa com seres humanos.

Em paralelo, algumas disciplinas foram despertando meu interesse para outras problemáticas relevantes e tiveram papel importante nas escolhas profissionais que fiz, subsequentemente. Destaco, aqui, as disciplinas Psicologia Criminal I e II, em que tive o primeiro contato com a Profa. Dra. Marina Rezende Bazon (docente responsável por essas disciplinas) e com as temáticas investigadas em seu grupo de pesquisa, o GEPDIP (Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto), especificamente o fenômeno da delinquência juvenil.

Na sequência, pude participar do estágio profissionalizante, supervisionado pela professora Marina, em serviços de execução de medidas socioeducativas de Liberdade Assistida (no contexto de uma ONG, a Organização Comunitária Santo Antônio Maria Claret – OCSAMC) e de Privação de Liberdade (no contexto de Unidades do Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – FUNDAÇÃO CASA – Regional de Ribeirão Preto). No estágio, tive a oportunidade de realizar avaliação e atividades de intervenção psicossocial, junto

a adolescentes em conflito com a Lei, no quadro do acompanhamento socioeducativo oferecido pelas instituições. Ao longo desta experiência, pude construir uma proposta de intervenção psicoeducativa, junto aos jovens em privação de liberdade, que foi apresentada no XI Seminário Internacional sobre Delinquência Juvenil, realizado pela Organização Comunitária Santo Antônio Maria de Claret (OCSAMC), pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP) e o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA), no ano de 2017, focalizando a psicoeducação e estratégias de regulação emocional no contexto do uso de maconha.

Nessa esteira, as temáticas da adolescência, da implicação em prática de infrações e o uso de substâncias psicoativas foram se colocando como norteadoras nas tomadas de decisão sobre o rumo que passei a dar a minha formação. Foi assim que busquei pelo estágio profissionalizante no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS-AD), onde tive a oportunidade de realizar atividades como avaliação, atendimentos psicológicos, acompanhamento e implementação de grupos terapêuticos com usuários de substâncias e seus familiares. Também me envolvi em atividades extracurriculares, dentre as quais destaco a participação no Projeto de Ensino Interdisciplinar Comunitário (PEIC), como professor de Ciências Humanas junto a alunos de ensino médio e a participação de eventos, como simpósios e minicursos com esses temas, dentre eles, o SUPERA: “Sistema para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substâncias Psicoativas: Encaminhamento, Intervenção Breve, Reinserção Social e Acompanhamento” – 12ª Edição, realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD).

Assim, interessado em continuar estudando as mencionadas temáticas, decidi pela realização do mestrado, tendo ingressado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na área de concentração de Psicologia em Saúde e Desenvolvimento, em 2019, propondo um projeto envolvendo justamente a relação entre o uso de substâncias e a prática infracional, na adolescência, com uma perspectiva desenvolvimental. O projeto foi elaborado sob a supervisão da professora Marina e, assim, fui integrado ao GEPDIP, passando a realizar diferentes atividades atinentes à pesquisa, ao ensino e à extensão, sempre conectadas com as temáticas de interesse. Nesse percurso, queria destacar as seguintes atividades: a preparação e a atuação em três cursos de extensão universitária, pela Pró-Reitora de Extensão e Cultura da USP (entre 2021 e 2022), para profissionais do Sistema Socioeducativo; a realização do curso “Intervenção em Casos de Dependência Química e Comportamental”, oferecido pelo Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento – Paradigma (no ano de 2021); e a implementação e conclusão

de um estudo de revisão sistematizada da literatura, sobre a relação “crime-droga”, convertido em manuscrito e submetido para à apreciação, para publicação.

Nesse processo de estudo e de aprofundamento das questões teórico-metodológicas e de contato com as questões da prática de intervenção, no campo da delinquência juvenil, as perguntas que nortearam a pesquisa aqui relatada foram se delineando. São elas: Como se processa a trajetória de desenvolvimento da conduta de uso de substâncias em adolescentes que apresentam diferentes níveis de engajamento com a prática de atos infracionais? Quais consequências mantêm o uso de substâncias em adolescentes que apresentam e que não apresentam engajamento em prática de delitos? Existem diferenças entre jovens que apresentam e que não apresentam engajamento em prática de delitos, no tocante à natureza e à densidade de problemas associados ao uso de substâncias? Em função dessas questões, o presente estudo foi planejado e, nessa esteira, a seguir, são apresentados os principais conceitos envolvidos no estudo, assim como o referencial teórico de base, para, então, explanar sobre o método implementado, os resultados que obtivemos e a discussão destes, tendo em vista o alcance e os limites da pesquisa. Para além da aprendizagem pessoal que o percurso me propiciou, espero estar dando uma contribuição para a área de conhecimento específica.

1. INTRODUÇÃO

A juventude remete a uma fase da vida e, ao mesmo tempo, a um segmento populacional composto por indivíduos em intenso processo de transformação biopsicológico, em contextos socioculturais diversos, também em transformação. Enquanto período, se configura como momento da vida de transição, da adolescência para a vida adulta, abarcando, em geral, indivíduos dos 15 aos 29 anos, conforme o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) e outros dispositivos legais internacionais (Silva & Silva, 2011). Nesta fase é possível observar diversas condutas de risco, exploratórias, tais como direção perigosa, sexo sem proteção, uso de drogas legais e ilegais e práticas de alguns delitos (Komatsu & Bazon, 2015; Romer, 2010). Pesquisas com enfoque desenvolvimental e abordagem longitudinal, utilizando dados de grandes amostras, puderam mostrar que a manifestação de tais condutas são parte de um processo normativo, associado a variáveis características à fase (Galinari, Guimarães & Bazon, 2020; Le Blanc & Bouthillier, 2003; Loeber, Farrington & Petechuk, 2013; Moffit, 2018), relacionadas à imaturidade neurobiológica e emocional, bem como a fatores sociais, atinentes aos contextos de convivência/socialização típicos aos jovens, em diferentes sociedades (Komatsu & Bazon, 2017; Romer, 2010).

Em se tratando especificamente da prática de delitos, estudos em diferentes países têm identificado que mais de 60% dos adolescentes da população, especialmente os do sexo masculino, se implicam em atividades que se constituem em violação de leis (Barberet et al., 2004; Elliott, Ageton, Huizinga, Knowles & Canter, 1983; Komatsu & Bazon, 2015; Le Blanc & Bouthillier, 2003). A manifestação dessa conduta obedece a um certo padrão. Para a maioria, ela se inicia na adolescência, com um pico entre os 15 e 19 anos, e declina sensivelmente no começo dos 20 anos de idade (Kazemian, Farrington & Piquero, 2019). Este padrão remete a trajetórias de desenvolvimento da conduta delituosa, para as quais se verifica o fenômeno da desistência espontânea da prática de delitos (Moffit, 2018). As metatrajetórias atinentes a este padrão de conduta delituosa são denominadas na literatura especializada da área por “delinquência comum” (caracterizada por poucos delitos, episódicos) e delinquência transitória (Le Blanc, 2003) [ou limitada à adolescência (Moffit, 2018)] (caracterizada por um número mais significativo de delitos, porém circunscritos a essa fase).

Apenas uma minoria – entre 5% e 10% dos cerca de 60% anteriormente citados – apresentaria um padrão de conduta “atípico”, em relação ao qual não se verifica declínio/desistência espontânea, entre o final da adolescência e o começo da vida adulta. Ao contrário, a conduta se mantém estável, para além dos 20 anos, podendo inclusive agravar-se,

nesse momento de transição, em termos de frequência e de natureza/tipos. Este remete a uma metatrajetória denominada “delinquência persistente”, caracterizada por início mais precoce e por atos mais frequentes e mais diversificados, se comparada à delinquência comum e à transitória (Farrington et al., 2006; Komatsu & Bazon, 2017; Le Blanc, 2003; Moffit, 2018; Piquero, 2000).

A Teoria da Regulação Social e Pessoal da Conduta Delituosa (Le Blanc, 1997) representa uma grande contribuição para o entendimento da delinquência juvenil, enquanto fenômeno heterogêneo, a partir desta perspectiva desenvolvimental. Partindo da clássica Teoria do Vínculo Social, elaborada por Travis Hirschi (1969), na teoria da Regulação, além do destaque dado ao apego às pessoas e às instituições (e seus valores), mostra-se o papel de outras variáveis sociais, como os modelos, as oportunidades e os constrangimentos, bem como de variáveis psicológicas, como o autocontrole (Bazon, Komatsu, Panosso & Estevão, 2011; Bazon & Komatsu, 2021; LeBlanc, 2006). Dessa forma, o agir delituoso seria explicado por quatro mecanismos principais: o vínculo com as instituições e as pessoas/membros das instituições; o autocontrole, que se refere à capacidade do indivíduo regular suas emoções e comportamento; a exposição a modelos sociais representado por pessoas do convívio direto - familiares, amigos etc. - e as oportunidades sociais, no entorno comunitário e que circunscrevem as atividades de rotina; e os constrangimentos operados pelas instituições e pessoas, no sentido de impor limites a comportamentos contra normativos (Bazon et al., 2011; Bazon & Komatsu, 2021; Galinari, 2019; Le Blanc, 1997; Le Blanc, 2003). Estes mecanismos agiriam de acordo com as capacidades do indivíduo, em se considerando certas características que traz consigo ao nascer, e os contextos nos quais se desenvolve, em se considerando características atinentes ao status socioeconômico, ao ambiente físico e social da comunidade na qual vive. Os mecanismos sociais regulariam a conduta por meio de uma dinâmica de influência recíproca, geral e específica, ou seja, no âmbito das diferentes instituições sociais – família e escola, por exemplo – e, também, em interação de influência recíproca com o mecanismo pessoal/psicológico (o autocontrole) (Bazon et al., 2011; Bazon & Komatsu, 2021; Galinari, Costa, Komatsu & Bazon, 2020; Le Blanc, 1997; Le Blanc, 2003).

Importante se faz explicitar o conceito de Regulação (Le Blanc, 1997). Este corresponde ao espectro dos processos de socialização desencadeados pelas variáveis influenciadoras, no transcurso do tempo. Uma teoria geral da regulação do fenômeno da delinquência pode, então, assumir a seguinte forma: em um ambiente e condições favoráveis, os mecanismos regulatórios são eficazes na promoção e manutenção da conformidade às normas / às leis (Le Blanc, 1997;

2005). Os mecanismos podem, contudo, serem mais ou menos eficazes, de um momento a outro do tempo, fomentando trajetórias da conduta social/antissocial diferenciadas (continuidades e mudanças). Os processos atinentes à regulação são a aceleração, a desaceleração, a manutenção e a desistência (Bazon et al., 2011; Le Blanc & Fréchette, 1989; Moffit, 2018, White, 2015). A aceleração remete ao aumento, em frequência, da manifestação de delitos, de acordo com a idade do indivíduo (e a possível precocidade), enquanto a desaceleração se refere a sua diminuição, processo que geralmente remete à desistência – uma diminuição drástica, até o cessar da manifestação de atos de violação das leis. Além destes processos, pode-se pensar na influência de outros fatores (manutenção) para a estabilização da prática infracional, ou seja, a relação entre permanência e duração da manifestação da conduta delituosa. Há também a diversificação e o agravamento, que dizem respeito, respectivamente, ao aumento do repertório de atividades ilegais do indivíduo e à prática de delitos violentos, envolvendo diretamente pessoas como vítimas.

Outras diversas variáveis se mostram importantes na regulação da conduta delituosa, pela influência que exercem nos processos acima citados. Décadas de estudos de diversas áreas se propuseram a investigar os fatores de risco e proteção (Basto-Pereira & Farrington, 2022; Coie et al., 1993; Farrington, 2015; Galinari, Vicari & Bazon, 2019; Komatsu, Wenger, Costa, Bazon & Pueyo, 2019). Os fatores de risco, especificamente, consistem em variáveis que aumentam a probabilidade de um desfecho negativo, e os de proteção diminuem sua probabilidade (mediante a exposição aos de risco), podendo esses fatores serem dinâmicos ou estáticos (suscetíveis ou não a intervenção). Dentre os fatores de risco estáticos destacam-seo próprio histórico de problemas de comportamento/delitos; dentre os dinâmicos figura o uso/abuso de substâncias psicoativas (Basto-Pereira & Farrington, 2022; Galinari, et al., 2019; Le Blanc, 1997; Le Blanc, 2003; Le Blanc, 2006).

O uso de substâncias psicoativas é, a rigor, uma conduta que pode ser considerada no espectro das “condutas de risco”², presentes nesta fase da vida, em alguma medida normativa. O uso de substâncias psicoativas é uma prática presente na história da humanidade, sendo que

¹ Os crimes relacionados às drogas estão estabelecidos na Lei 11343/06 (Lei de Drogas). Na lei, em nenhum momento, o legislador determina que "usar drogas" é crime. Isso basta para que se afirme que o ato de consumir drogas não é uma prática criminosa. O artigo 28 estabelece que está sujeito a sanções quem "adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar", mas nada menciona sobre "usar". Assim, quem apenas usa drogas não comete infração penal. É certo que é muito incomum, na prática, o consumo de drogas sem a prática de uma das ações do artigo 28 da Lei de Drogas.

a atribuição à conduta, de um rótulo negativo, de uma perspectiva “antissocial”, varia segundo os processos histórico-culturais e as características de cada civilização/sociedade (Labate, Goulart, Fiore, MacRae & Carneiro, 2008; Escohotado, 2010). Na atualidade, nas sociedades ditas ocidentais, muitos jovens fazem um uso experimental de algumas substâncias, sendo que alguns fazem um uso que remete a um padrão de maior frequência, portanto, mais sério, atrelado a alguns problemas psicossociais (Kandel & Yamaguchi, 1993).

O uso de substâncias psicoativas frequentemente é descrito como a ingestão de alguma droga que altera o sistema nervoso central (SNC) e que atua nos mecanismos de recompensa, localizados principalmente no *Núcleo Accumbens*, do sistema mesolímbico (McKim & Hancock, 2013). Dessa forma, é também um dos comportamentos que se mantém pelo condicionamento clássico e operante, de acordo com os pressupostos comportamentais behavioristas (McKim & Hancock, 2013; Ramos, Siegel & Bueno, 2002; Siegel, 2005; Silva, Guerra, Gonçalves e Garcia-Mijares, 2001; Skinner, 1953).

Como já mencionado, é uma conduta que se risca manifestar na adolescência. A título de ilustração, no VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino, realizado junto a uma amostra composta por 50.890 estudantes de 10 a 19 anos (ou mais), de ambos os sexos, em 27 Capitais Brasileiras, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) e pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), em 2010, verificou-se que 60,5% relataram ter feito uso de álcool na vida (Carlini et al. 2010). Tratando o dado por faixa etária, 82,8% dos jovens com idades entre 16 e 18 anos e 30,6% com idades entre 10 e 12 anos relataram uso na vida, e 65,3% e 15,4%, respectivamente, relataram uso no último ano. A respeito das outras drogas (excluindo o álcool e o tabaco), 25,5% da amostra geral relatou ter feito uso na vida e 10,6% no ano. Além destas categorias, o levantamento também trouxe os índices de uso no mês (5,5%), de uso frequente (0,8%) e de uso pesado (1,1%). As substâncias que mais se destacaram (na categoria uso na vida) foram a combinação de energético e álcool (15,4%), solventes/inalantes (8,7%), maconha (5,7%) e cocaína (2,5%).

Segundo estudos transversais e longitudinais, com amostras representativas, o padrão geral identificado para essa conduta, para boa parte dos jovens, seria ligeiramente diferente daquele relativo à conduta delituosa, notando-se um aumento em frequência e volume, no uso de diferentes classes de drogas (álcool, tabaco, maconha, cocaína), com um pico situado num período compreendido entre os 18 e os 20 anos. Depois disto, observar-se-ia um declínio

bastante acelerado, na frequência do uso, para a maior parte dos jovens, (Hawkins et al., 1997; Kandel & Yamaguchi, 1993; King & Chassin, 2007). Em relação à categoria de “uso pesado”, os dados do levantamento citado (Carlini et al., 2010), mostraram que os índices nas faixas etárias aumentam com a idade. Verificou-se na amostra de adolescentes que participaram do levantamento, que a taxa de uso pesado de substâncias (excluindo álcool e tabaco) para grupo de 10-12 anos foi 0,4%; para o grupo de 13-15 foi 1,0%; para os grupos de 16-18 anos e 19 ou mais foram 1,8% e 2,2%, respectivamente.

Desta forma, pode-se destacar que, assim, como para a prática de delitos, o uso de substâncias pode associar-se aos mesmos processos de mudança descritos anteriormente (Le Blanc, 2006; Le Blanc, 2009). Há trajetórias relacionadas ao uso de substância, atinentes a padrões diferenciados, sendo que a conduta pode variar no tempo, com aumento ou diminuição em frequência, com aumento da diversidade das classes e tipos de drogas usadas, alcançando níveis com alto risco para maiores prejuízos. Alguns jovens apresentarão o uso de substâncias de forma mais precoce (inclusive o uso pesado, em crianças de 10-12 anos), de acordo com a exposição a fatores de risco e de proteção (McKim & Hancock, 2013; White, 2014; White, 2015).

Estas diferenças nos padrões de uso podem ser classificadas de diferentes formas, de acordo com sintomatologias e prejuízos observados no indivíduo. Dentre as classificações gerais, se destacam o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (American Psychiatric Association [APA], 2013) e o Código Internacional de Doenças – CID -10, aceito pela Organização Mundial da Saúde [OMS]. O primeiro classifica os prejuízos e os níveis de Transtorno de Uso de Substâncias em “leve”, “moderado” ou “grave”, de acordo com a presença dos critérios adotados. O segundo classifica os padrões do uso de substâncias como “uso”, “uso nocivo” ou “abuso” (prejudicial ou abusivo) e “dependência”, também de acordo com o preenchimento dos critérios elencados.

Diferentes variáveis distinguem a probabilidade de desenvolvimento de um ou outro padrão de conduta. Vale notar que o uso de substâncias frequentemente é descrito na literatura como preditor do transtorno de uso de substâncias e da dependência (padrões menos intensos do uso podem predizer padrões mais intensos e problemáticos) assim como o uso precoce, anterior à adolescência (Costello, Copeland, & Angold, 2011; Madruga et al. 2012). Os fatores associados ao potencial uso de substâncias também são chamados “fatores de risco”, e os associados à redução do potencial de uso também são os “fatores protetivos”, ou “de proteção”, sendo que ambas as categorias podem ser mutuamente excludentes (National Institute on

Drug Abuse [NIDA], 2003). Os fatores de risco podem resultar em diferentes efeitos de acordo com os traços de personalidade do indivíduo, fase do desenvolvimento e ambiente, ou seja, não representam leis gerais, que se aplicam do mesmo modo, a todos indivíduos.

Além das características genéticas do indivíduo, que podem aumentar o risco de desenvolvimento de abuso e de dependência de substâncias, Lopes, Nobrega, Del Prette e Scivoletto (2013) destacam que os processos neurobiológicos que ocorrem durante a adolescência, como a perda de receptores dopaminérgicos no *Núcleo Accumbens* e a maturação tardia do córtex frontal, podem desempenhar um aumento de sensações de tédio e a facilitação da busca por sensações, além da dificuldade para acessar e prever consequências, fatores apontados na literatura como fatores de risco para o início do uso de substâncias. Dessa forma, adolescentes podem ter dificuldades em compreender riscos, associações causais e de lidar com a impulsividade e a busca por sensações, característica desta etapa do ciclo vital.

Craig, Zettler, Wolff e Baglivio (2019) e Mersky, Topitzes, Reynolds (2013) apontam que estressores, como experiências adversas na infância, podem contribuir para o desenvolvimento de condições desadaptativas, no início da vida adulta, no plano da saúde mental, manifestando-se na forma de ansiedade e depressão, assim como por meio do uso de álcool, tabaco e maconha. Como a acumulação de fatores de risco torna mais provável o início, a manutenção e o agravamento de um comportamento desviante, os autores argumentam que experiências adversas na infância se relacionam com o aparecimento de múltiplas condições desadaptativas. Essa hipótese foi explorada com dados da população adolescente brasileira, que se alinham ao esperado (Madruga et al. 2012).

Apesar de poder configurar-se como um transtorno em si, o uso de substâncias também se mostra fortemente associado a comorbidades, ou seja, somado a outras condições psicopatológicas, sendo que as associações podem variar de acordo com o estágio de desenvolvimento, com o tipo de droga e psicopatologia (Clark, Watson & Reynolds, 1995; Swendsen et al., 2010). Sabe-se que algumas das condições psicopatológicas podem iniciar suas trajetórias na transição da infância para a adolescência e da adolescência para a vida adulta, como depressão, abuso de substâncias, síndrome do pânico e agorafobia (Costello et al., 2011). A literatura descreve associações específicas entre uso de tabaco e sintomas depressivos e de ansiedade, (Fluharty, Taylor, Grabski & Munafò, 2017), álcool e depressão (Madruga et al., 2012) álcool, tabaco e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (Romer, 2010), além do uso de substâncias em geral com o transtorno bipolar e sintomas ansiosos (Swendsen et al. 2010). Na literatura, essas correlações são, por vezes, entendidas como problemáticas que se

combinam por compartilharem fatores de risco (Swendsen et al. 2010). Ademais, além dos danos no plano psicológico (dependência e comprometimento do funcionamento mental), níveis nocivos de uso de substâncias podem colocar os indivíduos em risco de outras formas de danos, como os físicos (mortalidade e outros prejuízos) e sociais (perdas de relacionamentos e ocupações no mercado de trabalho) (Nutt, King & Phillips, 2010).

Almohaishi et al. (2018), em sua revisão de literatura, avançam ao apontar, além de alguns processos neurobiológicos, outros aspectos pessoais como baixa autoestima. Para esses autores, baixa autoestima e baixo desempenho escolar, resultando na evasão ou no abandono da escola, são os principais fatores de risco associados ao abuso de substâncias. Eles também apontam alguns fatores protetivos relativos a características pessoais, como força do ego, e certas circunstâncias, tais como cultura de abstinência, orientação e pares pró-sociais.

No âmbito social, destacam-se fatores relacionados a aspectos de família ditos disfuncionais: abusos e negligência, violência entre os responsáveis, além do uso substâncias parental (Romer, 2010). Cabe ressaltar que os níveis educacionais e socioeconômico dos responsáveis na família, enquanto fatores de vulnerabilidade, contribuem para uma menor ou uma maior exposição a fatores de risco associados ao abuso de substâncias (Almohaishi et al., 2018), assim como pertencer ou não a minorias sociais (Mersky et al., 2013). Como apontam Hawkins, Catalano e Arthur (2002), existem fatores de risco sociais que englobam a dimensão da comunidade na qual vive o indivíduo como, por exemplo, ter valores/normas favoráveis a uso de substâncias (além de outras condutas divergentes) e facilitação de acesso a drogas, assim como a desorganização social e o baixo controle comunitário. A esse respeito, Madruga et al. (2012) assinalam que os adolescentes que vivem em áreas urbanas do Brasil, tendem a apresentar maiores índices de abuso de álcool, visto que estão mais expostos a uma cultura que facilita o acesso a essa e a outras substâncias.

Ainda no âmbito social, tem-se a pressão por parte de pares e os sentimentos atrelados a uma popularidade percebida, fatores também descritos como risco para o início do uso de substâncias, especialmente quando adolescentes relacionam esta popularidade com o uso de substâncias (Almohaishi et al, 2018). O uso de tabaco é comumente atrelado por adolescentes a uma ideia de maturidade, assim como o uso de álcool é frequentemente usado como forma de aceitação em um grupo e testes de limites, visto que em diversos países é proibido para adolescentes. Nessa direção, sublinha-se, conforme o apontado por Hecht et al. (2008), que a percepção dos adolescentes com respeito ao uso de substâncias exerce papel de fator de risco, visto que os indivíduos que apresentam expectativas positivas em relação aos efeitos das drogas

estão mais propensos a iniciarem e a manterem este uso em comparação àqueles que não compartilham as mesmas expectativas. Isto pode ser regulado pela afiliação a pares que possuem crenças de que o uso de substâncias é algo positivo.

Em se considerando ambas as condutas – a prática de delitos e o uso de substâncias psicoativas – se faz importante sublinhar que a literatura aponta existir uma forte relação entre elas: a “relação crime-droga”. Isso é possível de se observar, principalmente, ao se estudar subgrupos que apresentam um padrão mais problemático, de ambas as condutas (Agra, 2008; White, 2014; White, 2015). Infratores reportam uso mais acentuado de álcool e outras drogas, assim como usuários de substâncias reportam mais delitos em comparação a não-usuários (Bennett, Holloway & Farrington, 2008; Dembo, Wareham & Schmeidler, 2007).

Na literatura científica, diferentes modelos explicativos de base empírica foram construídos para explicar a relação entre ambas as condutas (Agra, 2008). Os modelos causais propõem que há uma ordem hierárquica de manifestação das condutas, e que assim, a segunda conduta seria produto da primeira (Brochu, 1997). Destes, o que mais se destaca é o modelo Tripartite, que propõe que o uso de substâncias causaria o início da prática infracional de três formas: a ação farmacológica das substâncias, a necessidade de obtenção de dinheiro para o sustento do uso e o contexto criminalizado da venda e compra de drogas (Goldstein, 1985). Opostamente, alguns teóricos apontam que a conduta delituosa causaria o início da conduta de uso de substâncias, em decorrência do dinheiro obtido pelas infrações (Menard, Mihalic & Huizinga, 2001) ou como forma de enfrentamento a emoções vivenciadas durante a prática infracional (White, 2014).

Com o intuito de se afastar de afirmações determinísticas e causais, os modelos de causa comuns foram elaborados, assumindo que ambas as condutas podem se manifestar e se intensificar de maneira concomitante, devido a influência de fatores de risco em comum, em diferentes dimensões (níveis pessoais, familiares, interpessoais e sociais) (Bean, 2014; Komatsu, Estevão & Bazon, 2018). Dessa forma, fatores de risco poderiam aumentar a probabilidade de ambas as condutas se desenvolverem no repertório dos indivíduos. Contudo, observando-se que nem todos os jovens apresentam ambas as condutas em seu desenvolvimento, também foram formulados modelos que propõem uma relação de reciprocidade entre crime e droga, ou seja, relações bidirecionais, de forma que as condutas poderiam se manifestar de acordo com fatores de risco específicos e em comum, mas ainda assim, se influenciarem em termos de probabilidade de manifestação, agravamento e manutenção (Le Blanc, 2006, 2009; Mason & Windle, 2002).

Em paralelo à esta pesquisa, foi realizado um estudo de revisão sistematizada da literatura, com o objetivo de investigar as possíveis relações entre ambas as condutas, analisando a temporalidade de manifestação e os processos de manifestação, agravamento e manutenção, em estudos de desenho longitudinal e metodologia quantitativa. Os dados apontaram diferenças para a manifestação das condutas de acordo com o gênero e permitiram sublinhar que apenas um modelo explicativo não é o suficiente para abordar esta relação complexa, mas que diferentes processos de influência ocorrem entre o uso de substâncias e a prática de delitos, sugerindo relações de reciprocidade.

Apesar de diversas investigações teóricas e empíricas, ainda se observam inconsistências em tais modelos explicativos e lacunas que impõem necessidade de mais estudos. Alguns autores apontam, por exemplo, que ainda são necessárias investigações mais complexas a respeito de variáveis pessoais e contextuais que caracterizam os jovens, para os quais essa relação significativa é verificada (Brook, Lee, Finch & Brook, 2015; Drazdowski, Jaggi, Borre & Kliwer, 2015; Shpiegel, Lister, & Isralowitz, 2016; Walters, 2018; White, 2014; White, 2015). Com o objetivo de contribuir com resultados que diminuam tais lacunas da literatura relacionada a “relação crime-droga”, na juventude, propôs-se a presente pesquisa, que será detalhada nas seções a seguir.

1.1 A relação entre uso de substâncias e a prática de delitos

A relação entre o uso de substâncias e a prática de delitos, como apontado anteriormente, frequentemente chamada de “relação crime-droga”, é descrita como complexa e multideterminada. A literatura internacional aponta que ambas as condutas mantêm entre si uma relação significativa, forte, dispondo-se de evidências de que elas podem se retroalimentar, no sentido de aumentarem reciprocamente as chances de persistência e de agravamento uma da outra, ao longo do tempo, até a vida adulta, sobretudo quando se iniciam na adolescência, acarretando prejuízos à sociedade e aos próprios indivíduos, em termos de saúde física e mental, assim como no plano das suas interações sociais (Agra, 2008; Komatsu & Bazon, 2015; Komatsu et al., 2018, Le Blanc, 2006; Le Blanc, 2009; White, 2014; White, 2015).

Na realidade brasileira, o interesse por essa relação fomentou alguns estudos. Na cidade de Porto Alegre, um estudo abrangeu toda a população institucionalizada na Fundação Estadual

do Bem-Estar do Menor (FEBEM/RS), seja por medida de proteção, seja por medida socioeducativa. Entrevistaram-se crianças e adolescentes (n=382) com idades entre 10 e 20 anos, sobre diferentes temáticas, dentre as quais o uso de substâncias. Os resultados apontaram que 80,9% revelaram o uso experimental de uma ou mais substâncias, sendo as mais utilizadas a maconha (69,2%), seguida da cocaína (54,6%), solventes (49,2%), ansiolíticos (13,4%), alucinógenos (8,4%), anorexígenos (6,5%) e barbitúricos (2,4%). Enfatizou-se serem essas taxas muito mais elevada que a apresentada em meio a jovens da população geral - estudantes (Ferigolo, Barbosa, Arbo, Malysz, & Stein, 2004). Na mesma cidade, outro estudo mais específico, buscou comparar um grupo de adolescentes infratores (n=148), em medida de internação, com um grupo de adolescentes estudantes, não infratores (n=163), todos do sexo masculino, em diversas variáveis. Com relação ao uso de substâncias, observaram que no grupo dos adolescentes infratores 87,4% usavam algum tipo de droga, ao passo que no grupo de estudantes apenas 30,9% (Pacheco & Hutz, 2009).

Outro estudo realizado no contexto de Unidades de Internação para adolescentes infratores, em unidades de internação em cidades do interior do Estado de São Paulo (Ribeirão Preto e Sertãozinho, respectivamente), apontou que a quase totalidade (95%) dos entrevistados (n=150) havia experimentado álcool, tabaco e maconha. As drogas mais utilizadas eram, em ordem de prevalência, maconha, álcool, tabaco. As duas primeiras associaram-se significativamente ao roubo, furto, tráfico de drogas, porte de arma e porte de drogas. No que diz respeito aos dados relativos à idade de início do "uso de drogas" e a da "prática de ato infracional", de acordo com os relatos dos próprios adolescentes, verificou-se que eles teriam iniciado o uso de substância em média aos 12 anos e a prática de infrações em média aos 13 anos de idade (Martins & Pillon, 2008).

Um estudo mais abrangente, com o intuito de traçar um panorama da situação dos adolescentes em conflito com a lei em 320 unidades de internação, nos 26 estados da Federação e no Distrito Federal, foi implementado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2012). Nesse, foram entrevistados 1.898 adolescentes. Os resultados mostraram que aproximadamente 75% dos participantes referiram fazer uso de substâncias ilícitas no momento da apreensão, confirmando a prevalência superior àquela observada na população em geral, que seria em torno dos 3%. De forma geral, a droga mais consumida seria a maconha, seguida da cocaína, embora na região Nordeste, destacar-se-ia o uso de crack, ocupando o segundo lugar entre as mais utilizadas nessa região do país (CNJ, 2012).

Novamente em Porto Alegre, Nardi, Jahn e Dell'Aglio (2014) entrevistaram 143 jovens que cumpriam medida socioeducativa em regime fechado, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 20 anos. A respeito do uso de substâncias, no grupo de jovens do sexo masculino, as maiores taxas de uso foram relativas ao álcool (87,7%), à maconha (73,8%) e ao cigarro (72,1%), o que denota um emparelhamento entre drogas lícitas e ilícitas. Outros resultados apontaram que os fatores de vulnerabilidade desta amostra foram a idade média de início de uso destas substâncias (13 anos), e a presença de familiares e pares usuários de drogas (54% e 92,7%, respectivamente).

Buscando ultrapassar a informação geral de prevalência de uso de substâncias no segmento de adolescentes em conflito com a lei, algumas investigações específicas foram levadas a cabo no Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento em Intervenção Psicossocial (GEPDIP), contexto no qual se desenvolve a presente pesquisa. Komatsu e Bazon (2015), por exemplo, buscaram mensurar a diferença nos padrões de uso de álcool e de maconha entre jovens judicializados e estudantes. Verificou-se que, enquanto 61% dos participantes do meio escolar relataram já ter feito uso de álcool e 5% consumir regularmente, 93% dos judicializados relataram uso na vida e 13% consumir regularmente. No que diz respeito ao uso de maconha, 12% dos escolares relataram uso na vida e 2% uso regular, ao passo que as taxas em meio aos judicializados foram respectivamente de 85% e 42%.

Também no contexto do GEPDIP, Bono (2015), trabalhando exclusivamente com uma amostra de adolescentes em conflito com a lei (n=120), no contexto da custódia inicial, após a elaboração do Boletim de Ocorrência, procurou verificar não só relação crime-droga, mas as relações entre nível de engajamento em prática de delitos e padrão de uso de substâncias psicoativas. Como resultado, o autor destaca, num primeiro plano, o fato de haver uma proporção, ainda que pequena, de adolescentes abstinentes (16% da amostra). Em relação aos que referiram uso de substâncias, as drogas mais usadas na vida e no mês foram a maconha e o álcool. A maioria destes referiu uso de substâncias no último mês, apresentando uso frequente de maconha (mais de 20 vezes). Todavia, análises de clusters em termos de engajamento em prática de delitos, denotaram três agrupamentos distintos. Nesses, o padrão de uso também se diferenciou. Quanto maior o engajamento, mais problemático o padrão. Segundo o autor, embora tenha-se descrito diferentes relações crime-droga, o delineamento do estudo não permitiu estabelecer com exatidão a direção dessas relações.

Costa, Komatsu e Bazon (2019), de forma mais específica, partindo do pressuposto de que diferentes padrões de conduta delituosa se mostrariam associados a diferentes padrões de

uso de substâncias, buscaram identificar diferenças mais particulares associadas ao envolvimento em delitos violentos (V) e não-violentos (NV), tendo em conta o sexo (feminino e masculino). Os dados foram coletados junto a 778 adolescentes da população, 333 do sexo feminino e 445 do sexo masculino. Os dados, tanto os concernentes aos delitos quando ao uso de substâncias, foram obtidos por meio de autorrelato. As substâncias focalizadas foram álcool, maconha e outras drogas ilícitas. Os grupos, uma vez comparados, mostraram-se diferentes, embora os tamanhos de efeito das amostras encontrados tenham sido pequenos. As médias do grupo V, em ambos os sexos, foram superiores às do grupo NV. Os adolescentes do grupo V teriam frequência de uso de álcool com embriaguez, de maconha e de outras drogas maior. Segundo os autores, os resultados estariam alinhados ao pressuposto, sendo a necessidade de entender o desenvolvimento das duas condutas, uma questão em aberto.

Komatsu, Costa, Galinari, de La Torre e Bazon (2020) conduziram um estudo com dados de uma amostra de 6.702 adolescentes escolares, oriunda de um banco do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). Por meio de uma análise de classes latentes, os autores conseguiram identificar diferentes classes de usuários de substâncias e relacionar estes padrões de uso com níveis de violência (nos papéis de autores e de vítimas) com problemas de saúde geral e saúde mental. Os resultados apontaram cinco classes diferentes: os abstêmios (18%), os usuários exclusivos de álcool (26% da amostra), usuários de drogas convencionais (álcool associado a tabaco ou maconha – 28% da amostra), poli usuários de substâncias (uso de três substâncias, de forma concomitante – álcool, tabaco e maconha – 23%) e usuários de drogas pesadas (5% uso de todas as substâncias investigadas, mais crack). Os resultados indicaram que a frequência de uso era proporcional à diversidade (tipos de diferentes de substâncias utilizadas). Assim, quanto mais diversificado, maior a frequência de uso.

No que diz respeito às situações de violência e de problemas de saúde, em geral, e de saúde mental, em particular, observou-se que os abstêmios e usuários exclusivos de álcool apresentaram índices baixos nessas variáveis. Os usuários de drogas convencionais, grupo compreendendo maior proporção da amostra, apresentaram maior envolvimento em violência, como vítimas e/ou como agressores, se comparados aos grupos dos abstêmios e dos usuários de álcool exclusivamente. Contudo, não pontuaram de forma significativa para os tipos de problemas de saúde, sinalizando que este grupo se caracterizaria como um grupo “médio”, apresentando comportamentos de risco, mas sem repercussão significativa para a saúde.

Os dois grupos com padrão de uso mais problemático, que apresentaram maior frequência e diversidade de substâncias usadas, também apresentaram os maiores índices de

comportamentos de risco e de problemas de saúde. Os poli usuários apresentaram um envolvimento em violência (em ambas as formas) significativamente maior, se comparado aos grupos anteriores e, também, piores índices de problemas de saúde que os abstêmios e usuários exclusivos de álcool; esses índices, contudo, seriam similares aos dos usuários de drogas convencionais, o que, como apontam os autores, pode sugerir que o aumento no número de diferentes substâncias usadas não necessariamente leva à deterioração das condições de saúde. Mas, conforme o tempo passa, denota-se agravamento e maior exposição a riscos (visto os maiores índices, comparado aos dois primeiros grupos).

Por fim, os usuários de drogas pesadas foram os que apresentaram maior frequência de uso, maior diversidade (todas as classes de drogas estudadas) e maiores escores para envolvimento em situações de violência. No papel de agressores, destacaram-se agressões com diferentes tipos de armas; e no de vítimas, envolvimento em situações com violência física por parte de um membro da família, abuso sexual e mais de três episódios de violência sofridos nos últimos 30 dias. Paralelamente, este grupo também foi o que apresentou maiores índices nos problemas de saúde geral e mental, denotando-se associação entre maior frequência e maior diversidade de substâncias usadas ao maior risco para envolvimento em eventos negativos e para manifestações de problemáticas em saúde.

A partir dessas observações, considera-se importante melhor entender a motivação e as variáveis contextuais implicadas no padrão de uso problemático de substâncias psicoativas em jovens, apresentando diferentes padrões de conduta delituosa. Conforme apontam Dowden e Latimer (2006), aceder a esse conhecimento é fundamental para desenvolver estratégias terapêuticas efetivas aos usuários de substâncias. Esses autores indicam, por exemplo, que indivíduos que usam certas drogas para a autoestimulação, talvez necessitem de intervenções diferentes daqueles que as usam para se automedicar. Nesse sentido, apreender as motivações de uso naqueles que têm engajamento em atividades delituosas mais sério, em contraste aos que não têm engajamento tão sério, pode também ajudar a entender as relações entre as duas condutas.

White (2014) defende que novas pesquisas devem identificar as variáveis pessoais e contextuais que fazem com que o uso de substâncias potencialize a conduta delituosa para alguns indivíduos, em particular a conduta violenta. Indica, também, que futuras investigações devem compreender os fatores pessoais e contextuais que aumentam o risco de o uso de substâncias fomentar a trajetória da conduta delituosa e identificar quais fatores são responsáveis pela progressão de ambas as condutas, na trajetória manifesta por determinados

indivíduos (White, 2015). Outros autores apontam a necessidade de investigar estas variáveis, e sugerem também, investigações mais complexas, focalizando a relação entre tais manifestações (Brook et al., Drazdowski et al., 2015; Komastu & Bazon, 2015; Shpiegel et al., 2016; Walters, 2018).

Ao estudar os papéis e as contribuições do contexto sobre comportamentos, uma das abordagens da Psicologia que se destaca é a da Análise do Comportamento, que se propõe a entender o indivíduo, epistemológica e empiricamente, como um ser relacional, de forma que compreende os comportamentos de um organismo como fruto das interações entre suas ações e o ambiente – o contexto (Meyer et al., 2010). A análise destas interações é frequentemente nomeada na literatura comportamental como análise funcional do comportamento (Costa & Marinho, 2002; de Rose, 2001; Follette, Naugle & Linnerooth, 2000; Matos, 1999, Souza, 2001). Esse é o referencial adotado para a realização do estudo proposto, sendo que conceitos que lhes são inerentes serão abordados a seguir.

1.2 A Análise Funcional do Comportamento

Baseada no Behaviorismo Radical, sistematizado por B. F. Skinner, a Análise do Comportamento, ao contrário de descrições exclusivamente topográficas, determinísticas ou de causalidade, propõe que os comportamentos podem ser explicados por relações dinâmicas, de forma que são selecionados pelas consequências que geram no ambiente (Skinner, 1953). O conceito de seleção provém da teoria darwinista, que aponta que as espécies são selecionadas de acordo com características que permitem a sua sobrevivência e reprodução. Aplicada à ciência do comportamento, o modelo de seleção por consequências estabelece que os comportamentos dos organismos também são selecionados pelos efeitos (consequências) gerados no ambiente, que aumentam ou diminuem a probabilidade de serem emitidos e, principalmente, mantidos (Matos, 1999; Micheletto, 2001).

Esta seleção operada pelo ambiente se estabelece em três níveis: a filogênese, a ontogênese e a cultura (Catania, 1999; Matos, 1999; Meyer et al, 2010; Skinner, 1953). A filogênese corresponde ao histórico evolutivo da espécie, suas capacidades e sensibilidade a mudanças, e comportamentos inatos, adquiridos durante a evolução e mantidos pela reprodução de seus genes. A ontogênese diz respeito ao histórico de aprendizagem específico de cada organismo, ou seja, as condições e relações únicas que esse estabeleceu com seu ambiente. Por último, a cultura corresponde aos comportamentos ou às práticas em níveis populacionais,

aceitos e/ou transmitidos entre gerações, de acordo com os valores de seu respectivo grupo cultural.

Nestes três níveis, como já apontado, o comportamento se mantém de acordo com a função que desempenha no ambiente. Na análise do comportamento, segundo estes pressupostos apresentados, para observar, estudar e manipular um comportamento, se realiza, então, a análise funcional dos comportamentos (Banaco, 1999). Esta não se configura como um instrumento em si, mas sim como um produto da aplicação de métodos de avaliação comportamental, empregados para investigar as funções e as relações ordenadas entre variáveis ambientais e outros comportamentos existentes: o valor de sobrevivência de um comportamento, ou seja, a probabilidade de ele ser mantido ou não (Haynes & O'Brien, 1990; Matos, 1999; Nery & Fonseca, 2018). As relações ordenadas são denominadas contingências (Souza, 2001).

Os comportamentos podem ser classificados de duas formas gerais: os respondentes (ou reflexos) e os operantes. Os respondentes são respostas inatas de um organismo, que permitiram a sobrevivência de sua espécie, sendo, dessa forma, selecionadas pelo seu histórico evolutivo. Essa resposta é eliciada (se produz) após a apresentação de um estímulo, de forma que sua relação com o ambiente se resume em “estímulo-resposta” (Catania, 1999; de Rose, 2001; Skinner, 1953). Por exemplo, em humanos, observa-se a salivação após a apresentação do estímulo comida, ou a diminuição da pupila após o estímulo luz.

As mudanças nestas relações “estímulo-resposta” (aprendizagem) podem ocorrer por meio do condicionamento respondente, que consiste na mudança de propriedades dos estímulos nesta relação (Catania, 1999; Siegel, 1975; Skinner, 1953). Como mencionado anteriormente, estímulos inatos ou incondicionados (US – *unconditioned stimulus*) eliciam respostas inatas ou incondicionadas (UR – *unconditioned response*), devido ao histórico evolutivo da espécie. Contudo, ao emparelhar de forma sucessiva o estímulo incondicionado com um estímulo neutro (NS – *neutral stimulus*), observa-se que o estímulo neutro adquire a propriedade de eliciar a resposta (antes eliciada especificamente pelo US), ou seja, adquire a propriedade de um estímulo condicionado (CS – *conditioned stimulus*). Desta forma, pela aprendizagem e emparelhamento entre estímulos, o estímulo condicionado passa a eliciar uma resposta condicionada (CR – *conditioned response*).

O comportamento operante, contudo, se caracteriza pela sua natureza de agir sobre o ambiente, de forma que produz alterações que modificarão a probabilidade desse mesmo

comportamento ocorrer novamente. Estas alterações são denominadas consequências e, portanto, os operantes se resumem pela relação “resposta-consequência” e podem ser descritos também pela relação “se... então” (Catania, 1999; de Rose, 2001; Skinner, 1953; Souza, 2001). Por exemplo, se um adolescente conta uma piada para seu grupo de amigos, que responde com risadas e aprovação, há um aumento da probabilidade da resposta de contar aquela piada ser novamente emitida. Caso os amigos não respondam com risadas, ou não aprovem a piada, há uma menor probabilidade dessa resposta se repetir.

As operações que aumentam e diminuem a probabilidade de um comportamento ser emitido são denominadas, tradicionalmente, pela literatura da Análise do Comportamento como reforço e punição, e compõem as relações de aprendizagem por meio do condicionamento operante (Catania, 1999; Skinner, 1953). Quando uma resposta produz um reforçador, ou uma consequência reforçadora, aumenta-se a probabilidade desta resposta ser emitida novamente; portanto, essa resposta foi reforçada. O reforço pode operar de duas formas: positivamente e negativamente. No reforço positivo a resposta é reforçada pela adição, apresentação ou acréscimo de um estímulo reforçador, enquanto no reforço negativo há aumento da probabilidade da resposta pela remoção de um estímulo, frequentemente aversivo (desagradável ou irritante). O reforço negativo, especificamente, está vinculado a dois tipos de comportamento que são negativamente reforçados: a fuga e a esquiva. Os comportamentos de fuga suspendem um estímulo aversivo, quando este é apresentado, enquanto o de esquiva evita a apresentação futura de um estímulo aversivo.

As operações que diminuem a probabilidade de um comportamento são denominadas por punições, e podem ser realizadas de forma positiva e negativa. Similarmente ao reforço, os termos “punição positiva” e “punição negativa” dizem respeito à adição e à suspensão. A punição positiva adiciona um estímulo punitivo, de forma que suprime o comportamento punido, de forma imediata ou temporariamente. A punição negativa, por sua vez, consiste na retirada de estímulos reforçadores na relação com um comportamento antes reforçado, de forma que também diminui sua frequência e probabilidade de futura emissão (Catania, 1999; Skinner, 1953).

Como apontado, o comportamento operante se caracteriza pelas alterações no ambiente e, assim, na probabilidade do responder. Retomando o conceito de contingência e análise funcional, depreende-se que as contingências são as relações presentes no comportamento operante, entre resposta e consequência, e que realizar uma análise funcional consiste em analisar estas relações e as operações presentes, como reforço e punição. As contingências se

constituem por três partes principais, de forma a descrever a ocorrência de um comportamento: **uma resposta** específica, dentro de uma classe de comportamento; **as consequências** que aumentam ou diminuem a probabilidade de sua manutenção; o contexto em que ela ocorre, os **antecedentes** do comportamento (Costa & Marinho, 2002; de Rose, 2001; Follette et al., 2000; Matos, 1999, Souza, 2001).

Os antecedentes dizem respeito às condições, a ocasião em que o comportamento ocorre, ou seja, o contexto no qual o indivíduo que se comporta está situado. São constituídos pelos estímulos discriminativos (verbais e não verbais) e pelas operações estabelecedoras (Follette et al., 2000; Meyer et al., 2010; Nery & Fonseca, 2018). Um comportamento pode ocorrer em diferentes contextos, porém, sua função e seus efeitos podem mudar de acordo com os estímulos discriminativos presentes e com o decorrer do tempo (Tsai et al. 2009). Os estímulos discriminativos (SD) são as condições ambientais que indicam uma maior probabilidade de um comportamento ser reforçado. Sua ausência indica uma menor probabilidade dele ser reforçado. Os SD não verbais podem ser as condições físicas e estímulos presentes, como o local, a presença de pessoas específicas, suas expressões faciais e corporais, enquanto os SD verbais se constituem por regras ou autorregras. Estas últimas se configuram como enunciados verbais de contingências, que aumentam a probabilidade de um comportamento ser reforçado ou não, emitidos por outro indivíduo (regra) ou por si mesmo (autorregra). Comportamentos governados por contingências, pela exposição direta do indivíduo ao ambiente e às consequências de seu comportamento, são mais sensíveis às mudanças ambientais, enquanto os comportamentos controlados por enunciados verbais podem apresentar uma menor sensibilidade à mudança, além de que as instruções verbais nem sempre especificam contingências reais. Isso denota uma diferença entre estes estímulos discriminativos (SD) (Banaco, 1997; Catania 1999; Costa & Marinho, 2002; Medeiros, 2010).

A outra parte constituinte dos antecedentes são as operações estabelecedoras (ou motivacionais). Estas condições ambientais fazem variar o valor reforçador ou punitivo de uma resposta e, assim, têm função de “motivação”. Alguns exemplos são os processos de privação, saciação e estimulação aversiva que, quando presentes, podem alterar o valor do reforço de uma resposta e, assim, influenciar em sua manutenção e probabilidade de nova emissão (Aureliano & Borges, 2012; Follette et al., 2000; Meyer et al., 2010; Nery & Fonseca, 2018).

O outro componente da análise funcional refere-se ao fato de o comportamento que se deseja analisar consistir em respostas públicas (passíveis de observação direta) ou privadas (encobertas, que não podem ser observadas, como emoções, pensamentos e sentimentos). Nesta

parte, especifica-se a resposta a se analisar, evitando uma forma negativa (um “não comportamento” como, por exemplo, trocar “não obedecer ao farol vermelho” por “seguir dirigindo” ou “seguir acelerando”), focando em comportamentos operantes.

Os comportamentos respondentes podem ser incluídos em uma análise funcional, porém, devem ser colocados sob controle dos antecedentes (que os eliciam) ou como efeitos das consequências (Costa & Marinho, 2002, Follette et al., 2000; Matos, 1999; Nery & Fonseca, 2018). Modelos mais recentes, inclusive, tentam ilustrar a interação entre comportamentos operantes e respondentes. Por exemplo, um estímulo discriminativo, que indica a ocasião em que um operante pode ser reforçado, pode adquirir a propriedade de eliciar respostas emocionais – estímulos antes incondicionados que, por sua vez, também podem funcionar como estímulos discriminativos ou operações estabelecedoras (Darwich & Tourinho, 2005; Thomaz, 2012; Zamignagi & Banaco, 2005).

Por fim, porém não menos importante, tem-se as consequências produzidas pela resposta analisada e os processos contingentes - reforço positivo ou negativo (fuga/esquiva), punições positivas ou negativas. As consequências podem ser mensuradas a curto, médio e longo prazo (Costa & Marinho, 2002, Follette et al., 2000; Matos, 1999; Nery & Fonseca, 2018). Meyer et al. (2010) adaptaram um modelo teórico do comportamento operante, como proposto por Follette et al., (2000). A Figura 1 apresenta de forma esquemática o modelo:

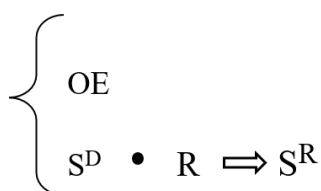


Figura 1: Esquema que representa o comportamento operante, em que OE constitui as operações estabelecedoras, S^D os estímulos discriminativos, o símbolo • as relações de probabilidade de emissão da resposta R. A seta indica a relação de contingência, após a resposta, quando há a alteração do ambiente por uma consequência S^R, que altera a probabilidade desta resposta ser emitida novamente. Fonte: Meyer et al. (2010).

Alguns modelos ilustrativos também foram elaborados para representar a análise funcional de um comportamento. Adaptado de Costa e Marinho (2002), a Figura 2 representa um esquema de análise funcional. Importante notar, contudo, que Costa e Marinho (2002) não especificam a presença de operações estabelecedoras em seu modelo.

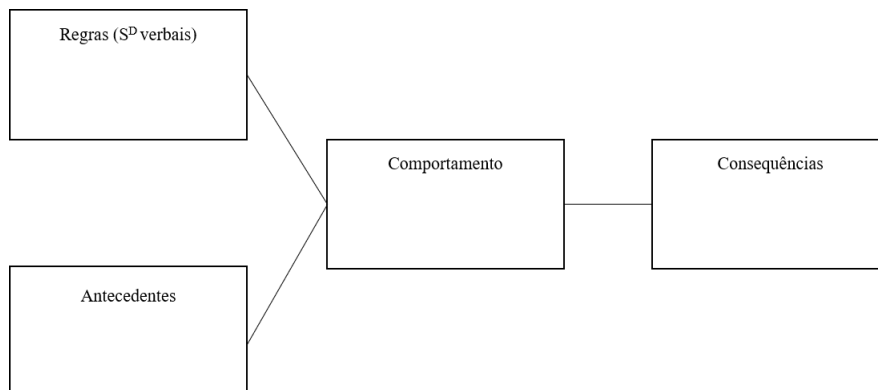


Figura 2. Esquema representativo de uma análise funcional, adaptado de Costa e Marinho (2002). Nas respectivas caixas, em uma análise funcional no contexto clínico, se preenche com informações importantes a respeito do cliente.

Outros modelos foram criados para representar os paradigmas operantes e ilustrar o modelo de análise funcional. Darwich e Tourinho (2005) ilustram os processos de interrelações entre respondentes e operantes. Eles, contudo, também não especificam as operações estabelecedoras em seus antecedentes. Thomaz (2012) ilustra em seu modelo diferentes tipos de operações estabelecedoras e, também, apresenta as relações entre respondentes e operantes, apontando que estímulos discriminativos nas contingências podem adquirir propriedade de estímulo condicional, e passar a eliciar respondentes (respostas emocionais, por exemplo). Contudo, não apresenta de forma específica, em seus antecedentes, a presença de estímulos discriminativos verbais (regras e autorregras).

Reichert, Legal, Oliani e Zamignani (2021), abordando especificamente a análise funcional do uso de substâncias, propõem um modelo multidimensional, visando expandir a análise “antecedente-comportamento-consequência”. Indicam a importância de que o modelo inclua a história de desenvolvimento do indivíduo, de forma que contemple fatores que expliquem a forma de interação com o ambiente, tais como práticas parentais na fase de desenvolvimento, exposição a diferentes esquemas de reforço, eventos e experiências marcantes do ciclo vital, e variáveis de outras dimensões (variáveis distais), como a profissional, a familiar, a financeira e a de saúde mental, por exemplo. Além disso, indicam a importância de utilizar uma perspectiva mais complexa das consequências, adicionando

também, os processos (reforço positivo/negativo, punição positiva/negativa e extinção, por exemplo) e os efeitos experienciados após o comportamento do uso de substâncias. Os autores construíram esse modelo baseando-se nos 5 Ws abordados por Spadin, Chohfi e Zanelato (2018), que dizem respeito a quando, onde, por que e com quem o comportamento foi emitido, além do que aconteceu depois (do inglês *when, where, why, with* e *what happened*). Desta forma, utilizam o modelo representado pela Tabela 1, para a análise funcional do uso de substâncias.

Tabela 1 – Modelo de análise funcional do uso de substâncias (Adaptado de Reichert et al. (2021a))

História e desenvolvimento	Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos	Efeitos

Apesar de expandirem e tornarem mais complexo o modelo de análise funcional, os antecedentes ainda podem ser mais específicos, de forma que contemplem os estímulos discriminativos verbais (regras e autorregras) e operações estabelecedoras. Assim, nesta perspectiva, pode-se conceber um modelo de análise funcional que inclua nos antecedentes, os elementos citados acima, conforme o apresentado na Tabela 2. A primeira coluna, intitulada “desenvolvimento e fatores de risco”, envolvem as variáveis distais, que auxiliam na explicação da forma de interação do indivíduo com o ambiente, como proposto por Reichert et al., (2021a), além da probabilidade de desenvolvimento de desfechos negativos (fatores de risco). A coluna intitulada “Sd” diz respeito aos estímulos discriminativos envolvidos na contingência, tais como local, em que momento e com quem. A coluna subsequente - coluna “Sd verbais” - que diz respeito às regras e autorregras vigentes na manutenção do comportamento, que auxiliam a entender por que o comportamento se mantém. As operações estabelecedoras (na quarta coluna) também devem ser incluídas, de forma a entender se há condições que aumentam o valor reforçador das consequências. Na sequência, as colunas correspondem aos mesmos conceitos utilizadas por Reichert et al. (2021a): resposta, consequências, processos e efeitos.

Tabela 2 – Proposta de modelo de análise funcional utilizado neste estudo

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos

O analista do comportamento busca identificar contingências atuais e inferir sobre contingências que operaram no passado a partir da observação direta ou de relatos de comportamentos (Meyer et al, 2010). A análise funcional apresenta diversos temas e definições (Ulian, 2007) e pode se diferenciar de acordo com o contexto em que se encontra, e se nortear por diferentes metodologias. Como apontam Iwata, Vollmer e Zarcone (1990), existem diferentes formas de se realizar uma análise funcional, como a entrevista e o relato verbal, que usualmente é empregada no contexto clínico. Contudo, no contexto de experimentação e de pesquisas científicas, o termo análise funcional diz respeito a controle e a manipulação de variáveis, teste experimental de hipóteses e predição de comportamento (Beavers, Iwata & Lerman, 2013; Cone, 1997; Hanley, Iwata & McCord, 2003; Iwata et al., 1990). Quando se pretende analisar operantes e suas relações com o ambiente, sem que se proceda ao controle de variáveis e a testes experimentais de hipóteses, pode-se utilizar o termo “**Análise de Contingências**”, como apontam Meyer et al. (2010). Assim, no presente estudo adota-se este termo, sendo que o procedimento específico para a realização da análise será melhor detalhada na seção Método.

1.3 Análise de contingências do uso de substâncias

O uso de substâncias é uma conduta amplamente investigada em estudos com abordagem comportamental, em humanos e em outras espécies (Higgins, Heil & Sigmon, 2007). Vastas evidências experimentais apontam a possibilidade de substâncias terem propriedades de reforçadores primários, gerando consequências reforçadoras, sem prévio condicionamento. Isto é explicado, principalmente, pelos rápidos efeitos, após o consumo, e pela ação neurofarmacológica nos sistemas neurais de recompensa, principalmente nas vias dopaminérgicas do sistema mesolímbico (McKim & Hancock, 2013). Estes efeitos dizem

respeito ao histórico evolutivo da espécie humana, compondo o nível de seleção da filogênese (Borloti, Haydu & Machado, 2015; Silva et al., 2001).

O comportamento de usar uma substância também apresenta sensibilidade ao ambiente e está sujeito aos processos de aprendizagem, e pode se manifestar e se manter via condicionamento respondente e operante (Higgins, Heil & Lussier, 2004). Diversos estudos exploraram o uso de substâncias e suas interações com o ambiente, analisando as relações “estímulo-resposta”, e apontam que, por meio do condicionamento respondente (ou pavloviano), os estímulos neutros ambientais podem adquirir a propriedade de eliciar as respostas farmacológicas das drogas (antes respostas incondicionadas), e gerar seus efeitos (McKim & Hancock, 2013; Siegel, 1975).

Contudo, não só os efeitos das substâncias podem se emparelhar ao ambiente, mas também, outros processos relacionados, como a fissura, a tolerância, e a “recaída”. Respectivamente, a fissura consiste em um forte e intenso desejo ou necessidade pela droga; a tolerância remete à necessidade gradual do aumento da quantidade ou da concentração de uma droga para se obter o efeito inicial; a recaída, por seu turno, refere-se ao uso de uma substância após um período de privação, mesmo contra a vontade (Siegel, 1999; 2005; Siegel & Ramos, 2002; Volkow et al., 2006). Dessa forma, por meio deste processo de aprendizagem, o próprio ambiente condicionado ao uso pode eliciar tais respostas.

O uso de substâncias também produz alterações no ambiente e, por isso, se caracteriza como um operante, mantido e modificável por suas consequências (Silverman, Roll & Higgins, 2008). Por meio do reforço positivo, o uso de substâncias pode aumentar a probabilidade de se repetir, em decorrência de seus efeitos farmacológicos. Também pode ser reforçado negativamente, de forma que os efeitos e as sensações geradas pelo uso da substância diminuam ou cessam estímulos e estados aversivos (Aranha & Oshiro, 2018). Por exemplo, um indivíduo pode manter o uso de alguma droga pelos efeitos prazerosos que ela pode aportar (reforço positivo), ou porque seus efeitos diminuem sensações aversivas como raiva, ansiedade, tédio e a própria fissura - reforço negativo (Avery, 2011). Neste caso, alguns autores apontam que o uso de substâncias viria a adquirir uma “função medicamentosa” (Dowden & Latimer, 2006).

Contudo, faz-se importante analisar a possibilidade de processos concorrentes na manutenção do uso de uma droga. Frequentemente, o uso leigo dos termos reforço positivo e negativo referem-se erroneamente a produções de efeitos positivos e negativos, de forma que se entende que o consumo de substâncias não traz prejuízos e, dessa forma, funciona sobre

esquema de punições. Entretanto, a literatura mostra que o efeito das substâncias não é reforçador para todos e que o uso também pode trazer consequências prejudiciais para o indivíduo, como sensações desprazerosas e danos físicos, psicológicos e sociais. Esta dualidade de efeitos faz pensar na razão da continuidade deste comportamento (Aranha & Oshiro, 2018; Nutt et al., 2010).

McKim e Hancock (2013) apontam que a razão do reforço positivo e negativo continuarem controlando este comportamento tem a ver com a rapidez e com a força de seus efeitos farmacológicos, enquanto os efeitos de aversivos gerados (punição positiva) e perdas consideráveis (punição negativa) normalmente costumam se manifestar, ou serem percebidas com certo atraso. Por exemplo, Aranha e Oshiro (2018) citam o exemplo de um jovem que sente efeitos desagradáveis ao beber, mas que acompanhado de seus amigos, recebe reforço social por meio da aprovação e atenção, cujos efeitos de reforço positivo se sobressaem aos da punição positiva. Neste exemplo, pode-se observar consequências de punição positiva (efeitos desagradáveis) que concorrem com as consequências de reforço positivo (atenção e aprovação por pares), e que denotam a importância do reforço social (neste caso), responsável pela manutenção do comportamento de ingerir bebidas alcoólicas.

Outras explicações importantes sobre a manutenção do uso se dão pela relação entre respondentes e operantes (Benvenuti, 2004). Estímulos discriminativos nas contingências operantes podem adquirir a propriedade de estímulos condicionais (por meio do condicionamento respondente) e, dessa forma, eliciar estados emocionais e pensamentos que aumentam o valor reforçador de uma droga (operação estabelecadora), citando o exemplo da fissura, cujos efeitos são diminuídos por meio de reforço negativo, pelos efeitos da substância (Borloti et al., 2015; Silva et al., 2001).

Além disso, faz-se importante ressaltar que os diferentes tipos de substâncias psicoativas possuem diferentes efeitos farmacológicos no sistema nervoso central (Gonçalves, 2021; Mitsuhiro, 2013; Reichert, Silveira, Lopes e De Micheli, 2021). Adotando o critério do tipo de efeito farmacológico, as drogas são usualmente divididas em três grandes categorias: as depressoras (álcool, opiáceos, solventes), responsáveis por diminuir a atividade cerebral; os estimulantes (crack/cocaína, cafeína, nicotina), que estimulam ou aumentam a atividade cerebral; e as perturbadoras (maconha, LSD e ecstasy), que promovem mudanças “qualitativas” no funcionamento do sistema nervoso, alterando a percepção e outras funções cognitivas. Faz-se importante salientar que apesar de o álcool caracterizar-se como uma substância depressora do sistema nervoso central, seus efeitos farmacológicos inicialmente são excitatórios,

geralmente experienciados por euforia e desinibição, seguidos dos efeitos depressores, como diminuição da atividade motora (Mitsuhiro, 2013). Dessa forma, pelos mecanismos neurofarmacológicos, tipos específicos de substâncias podem alterar o ambiente de diferentes formas, gerando consequências variadas que, assim, podem ser reforçadas de forma diferencial, de acordo com as condições do ambiente (McKim & Hancock, 2013).

Portanto, avaliar o uso de substâncias e sua manutenção significa analisar as condições mantenedoras: os antecedentes, a resposta e suas consequências. Alguns autores apontam questões a serem investigadas na **análise de contingências do uso de substâncias**. Em relação aos **antecedentes**, faz-se importante investigar os “gatilhos” externos, como locais em que é realizado o uso, com frequência, pessoas presentes e os momentos do dia, e “gatilhos” internos, como pensamentos comuns, sensações físicas e emoções que precedem o uso. No que diz respeito ao **comportamento** em si, diferentes respostas podem ser investigadas: o uso de diferentes substâncias e suas quantidades. Por fim, ao analisar as **consequências** mantenedoras, deve-se avaliar os efeitos gerados pela substância e as sensações decorrentes, como a produção de estados de prazer, sensações de bem-estar, euforia, aumento da autoconfiança; e os efeitos atrelados ao consumo, em si, como o reforço social de pares. Também deve-se atentar para a redução ou para o alívio de sensações aversivas, como pensamentos e emoções (Aranha & Oshiro, 2018; Borloti et al., 2015; Tuten, Jones, Schaeffer & Stitzer, 2012; Magidson, Young & Lejuez, 2014; Mancini, 2013; Meyers & Squires, 2001; Silva et al., 2001).

Como apontado, anteriormente, a relação entre prática de delitos e uso de substâncias requer investigações mais minuciosas, de forma que seja possível apreender sobre variáveis individuais e contextuais implicadas nesta relação, que possam inclusive, potencializar e manter esta relação (Brook et al., 2015; Drazdowski et al., 2015; Komastu & Bazon, 2015; Shpiegel et al., 2016; Walters, 2018; White, 2014; 2015). Assim, com o que foi exposto a respeito das leis de aprendizagem que envolvem a manutenção do uso de substâncias, estima-se que a análise de contingências pode ser uma ferramenta importante para avaliar fatores pessoais e contextuais implicados no uso de substâncias em jovens que apresentem diferentes padrões de conduta delituosa, de forma que seja possível identificar possíveis diferenças nas unidades funcionais do uso e sua relação com a prática de delitos.

2. OBJETIVOS

Como mencionado, a relação crime-droga é complexa e ainda requer investigações em torno de variáveis pessoais e contextuais existentes para adolescentes com diferentes níveis de engajamento em prática de delitos, no tocante ao uso de substâncias. No presente estudo, a proposta foi investigar fatores motivacionais e contextuais associados ao uso de substâncias, em jovens caracterizados por apresentarem diferentes níveis de engajamento em condutas delituosas, para melhor entender o papel exercido pelo uso de substâncias no engajamento em prática de delitos, ou seja, entender a função do uso de substância psicoativas no desenvolvimento e na manutenção da conduta delituosa. Assim, o presente estudo objetivou investigar as características pessoais e contextuais implicadas na conduta problemática de uso de substâncias em jovens que apresentavam variados padrões de conduta delituosa, visando evidenciar as diferenças em fatores atinentes ao uso problemático de substâncias e observar aqueles que mais relacionados a um maior engajamento em práticas de delitos.

De forma específica, considerando diferentes padrões de conduta delituosa em jovens (indicativo de maior ou de menor engajamento na prática de delitos/infrações), os objetivos do estudo foram: a) descrever suas trajetórias de uso de substâncias em jovens, focalizando a idade de início, as circunstâncias de uso e as substâncias usadas; b) identificar as motivações para o uso de substâncias, na atualidade, por meio da análise de contingências, focalizando as unidades funcionais implicadas; c) verificar a existência de diferenças entre os jovens em termos de natureza e de densidade de problemas associados, ao uso problemático de substâncias, e as possíveis relações com a prática de delitos.

3. MÉTODO

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo caracteriza-se como por um delineamento transversal, pois investigou as variáveis psicossociais dos jovens em um ponto determinado do tempo (com apenas uma coleta de dados), embora se adote uma perspectiva longitudinal retrospectiva, buscando elementos para compor uma história do desenvolvimento das duas condutas de interesse: a prática de delitos e o uso de substâncias. Ademais, o estudo pode ser caracterizado como descritivo e comparativo, pois visa reconhecer e comparar diferenças atinentes ao uso de substâncias e variáveis psicossociais em grupos diferentes de jovens, formando em função de

seu padrão de conduta delituosa (um atinente à delinquência comum e um à delinquência persistente).

No tocante à coleta e à análise de dados, empregou-se uma metodologia mista, com a aplicação de métodos quantitativos e qualitativos. Os métodos mistos (ou abordagem multimétodos) surgem como forma de investigação no campo das ciências sociais e comportamentais, como síntese de um processo histórico e dialético, marcado por influências e junções das primeiras ondas metodológicas, quantitativas e qualitativas (Powell, Mihalas, Onwuegbuzie, Suldo & Daley, 2008). Marcado, principalmente, pela combinação e emprego de ambas as técnicas, os métodos mistos surgem com a introdução do termo triangulação, pelos autores Campbell e Fiske (1959), fazendo alusão ao método da ciência militar, em que, por meio de duas fontes de informações geográficas, se torna possível determinar um ponto específico no mapa. Da mesma forma, em pesquisas das ciências sociais e comportamentais, é possível empregar técnicas qualitativas e quantitativas para investigar um problema ou hipótese (Powell et al., 2008).

Como aponta Gunther (2006), não existe um paradigma que seja superior, e sim aquele que melhor se propõe a responder à pergunta de pesquisa do cientista. As vantagens e desvantagens de cada metodologia se determina de acordo com a qualidade dos dados obtidos, a possibilidade de acesso e obtenção das técnicas empregadas, sua utilização e análise. Ainda assim, é necessária uma constante indagação e exposição dos limites do método e da qualidade dos resultados. Powell et al. (2008) apontam que na Psicologia Escolar, apenas a combinação de ambos os paradigmas pode avaliar o arranjo complexo de fatores cognitivos, sociais, biológicos e interpessoais, de forma que a investigação traga resultados de qualidade. Da mesma forma, outros autores sustentam esta ideia em outros campos da Psicologia, como o da Psicologia do Esporte (Sparkes, 2015), Psicologia Clínica Aplicada (Hanson, Creswell, Clark, Petska e Creswell, 2005), Psicologia Ambiental (Gunther, Elali e Pinheiro, 2004), e da saúde (Dures, Rumsey, Morris e Gleeson, 2010).

Entretanto, é necessário pontuar que o que define a qualidade de estudos que empregam métodos mistos não é apenas a combinação de técnicas, mas sim, o entendimento, planejamento e avaliação de como e em que parte do estudo serão empregadas tais técnicas (Hanson et al., 2005; Powell et al., 2008). A literatura aponta que existem cinco objetivos gerais de estudos com métodos mistos: a triangulação, que consiste na convergência de diferentes métodos que examinam o mesmo fenômeno; a complementaridade, que busca aprimorar os resultados de um método, empregando um segundo; a iniciação, que consiste em descobrir paradoxos e

contradições que irão reformular questões de pesquisa; o desenvolvimento de metodologias, visto que uma técnica qualitativa pode aprimorar ou desenvolver uma técnica quantitativa (e vice-versa); por fim, a expansão, que busca aumentar a amplitude e a abrangência do estudo (Hanson et al., 2005; Powell et al., 2008). De acordo com especificidades de delineamento e objetivos, os métodos mistos podem propiciar um aprofundamento do conhecimento de um fenômeno de interesse, possibilitar generalizações de amostras para populações, auxiliar no teste de fidedignidade de instrumentos e enriquecer a análise de dados e de intervenções, além de possibilitar diferentes tipos de análise, como micro e macro análises.

Entretanto, há também algumas dificuldades que podem se transformar em limitações dos estudos no emprego da abordagem multimétodos como, por exemplo, falhas na justificativa de métodos mistos (ao invés de monométodos), falhas na transparência metodológica, distanciamento entre método, perguntas e objetivos de pesquisa, além da falta de clareza no planejamento e escolha por delineamentos claros. Tais dificuldades podem ser explicadas pela dicotomia que se observa nas “preferências” pelos métodos quantitativos e experimentais em certas subáreas da Psicologia, e pelos qualitativos em outras, até mesmo pela dificuldade em aprender e aplicar os dois paradigmas, e pela falta de atenção dada na formação e nos treinamentos de psicólogos e de outros cientistas que trabalham com o comportamento humano. Dessa forma, os métodos mistos podem auxiliar de diversas formas em pesquisas em Psicologia, desde que exista clareza e precauções com os aspectos expostos acima (Dures et al., 2010; Hanson et al., 2005; Powell et al., 2008).

Acerca dos objetivos, este estudo pleiteia dois dos propostos por Powell et al. (2008): a triangulação, que consiste na convergência de diferentes métodos que examinam o mesmo fenômeno e a complementaridade, que busca aprimorar os resultados de um método, empregando um segundo. A respeito dos delineamentos existentes, adotando os critérios de Cresswell, Plano Clark, Gutmann e Hanson (2003), é possível afirmar que esta pesquisa buscou empregar o delineamento coocorrente de triangulação, comumente empregado para fazer convergir ou divergir dados, sem prioridade para nenhum dos paradigmas. Isto se explica pelo fato de que foram realizadas as coletas e as análises com instrumentos qualitativos e quantitativos de forma concomitante, sem priorizar nenhum dos paradigmas.

3.2 Local de Estudo

O recrutamento dos participantes foi realizado no Núcleo de Atendimento Integral (NAI), da cidade de São Carlos, instituição responsável por realizar o atendimento inicial dos adolescentes autuados por prática de atos infracionais, que são representados ao Juizado da Infância e Juventude, a fim de que sejam processados no Sistema de Justiça Juvenil. Nesse contexto atuam de forma integrada diferentes operadores do direito - o Juiz, o representante do Ministério Público, da Defensoria, da Segurança Pública - e profissionais da Assistência Social. Esta instituição foi escolhida pelo fato de atender adolescentes que praticaram atos infracionais, mas que podem apresentar diferentes padrões de conduta infracional/delituosa (apresentando maior ou menor engajamento com a prática de delitos) e que, potencialmente, podem fazer uso de substâncias psicoativas (apresentando, também, diferentes padrões de consumo).

3.3 Participantes

Foram entrevistados 27 jovens que foram encaminhados ao NAI, junto aos seus responsáveis, para atendimento na instituição, e espera da oitiva e tomada de decisão judicial. Os dados coletados junto a seis destes jovens foram, contudo, descartados, em razão do fato de não preencherem os critérios de inclusão (n=5) ou do fato de a entrevista ter sido interrompida e não ter sido finalizada (n=1). Desta forma, participaram do presente estudo 21 jovens de 15 a 18 anos, com idade média de 16,43 anos e desvio padrão de 0,92.

A inclusão dos participantes na amostra seguiu alguns critérios de seleção. Primeiramente, os critérios de inclusão foram ser do sexo/gênero masculino; pertencer à faixa etária dos 15 aos 21 anos; reportar uso de substâncias e diferentes níveis de envolvimento com a prática de delitos. A escolha pelo estudo de jovens do gênero masculino, exclusivamente, se deve ao fato de haver indicativos de mecanismos específicos na relação crime-droga, de acordo com o gênero, sendo importante, por isso, focalizar separadamente os gêneros, em vista os objetivos do estudo (Bright et al., 2017; Kim, Gilman, Kosterman & Hill, 2019; Lanctôt & Le Blanc, 2002). No que diz respeito à idade, o recrutamento de jovens com idade entre 15 e 21 anos, justifica-se pela consideração daquilo que coloca a literatura com relação aos picos das condutas de interesse, a prática de delitos e o uso de substâncias, e seus declínios espontâneos, nas trajetórias normativas (típicas), colocados como parâmetro para contrastar trajetórias não normativas (atípicas), ou seja, aquelas que revelam um padrão de engajamento em delitos significativo (distintivo/persistente) e de uso de substâncias problemático (não exploratório)

(Farrington et al., 2006; Komatsu & Bazon, 2017; Piquero, 2000). Como contraponto, os critérios de exclusão foram apresentar idade fora da faixa desta etária, não ser do sexo/gênero masculino, preencher critérios de abstinência e apresentar alguma condição aparente de saúde mental que inviabilizasse a entrevista e/ou a confiabilidade dos resultados. Em efeito, os cinco jovens cujos dados foram excluídos das análises, o foram por preencheram critérios para abstinência do uso de substâncias.

Em relação à caracterização socioeconômica dos participantes, a maior parte dos jovens preencheu critérios para a classe socioeconômica C2 (57,10%), sendo que mais da metade referiu que a família recebia benefícios sociais (66,70%). A maioria também indicou não trabalhar (85,70%). No que diz respeito à raça, a maioria se identificou como pardo (71,40%) e preto (19,00%), sendo que quase 62,00% tinham como nível de escolaridade o ensino médio incompleto. A Tabela 3 apresenta sintetiza as principais características sociodemográfica da amostra.

Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da amostra geral

Variável	Resultado				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Idade	16,43	0,92	17,00	15,00	18,00
Classe socioeconômica	B2	C1	C2	D-E	
	3 (14,20%)	5 (24,00%)	12 (57,10%)	1 (4,76%)	
Raça	Preto	Pardo	Branco		
	4 (19,04%)	15 (71,42%)	2 (9,52%)		
Escolaridade	Fundamental II Incompleto	Fundamental II Completo	Ensino médio Incompleto		
	7 (33,33%)	1 (4,76%)	13 (61,90%)		
Trabalho	Sim	Não			
	14,30%	85,70%			
Benefícios sociais	Sim	Não			
	14 (66,66%)	7 (33,33%)			

3.4 Instrumentos

3.4.1. Questionário de caracterização socioeconômica

Este questionário consiste em um roteiro de questões visando caracterizar os participantes do ponto de vista sociodemográfico, a partir de informações concernindo idade,

raça, escolaridade, trabalho, bairro, condições de habitação, família – composição e renda. O roteiro de questões (Apêndice A) foi construído de acordo com o Critério Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2020; 2022), de modo que fosse possível classificar os participantes nos critérios propostos. Por meio da quantificação de variáveis como bens materiais (número de eletrodomésticos, automóveis, cômodos da casa), acesso a serviços públicos disponíveis em sua casa e rua, além da escolaridade de familiares, são somados pontos que servem para classificar o participante em determinada classe socioeconômica.

3.4.2 Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada

Esse roteiro de entrevista visa explorar, junto ao adolescente, de forma retrospectiva e não estigmatizante, a trajetória de sua conduta delituosa, identificando os delitos já cometidos, independentemente da apreensão policial, focalizando a idade de início da prática desses, as modalidades e sua frequência. Este método de investigação refere-se ao autorrelato do participante a respeito do histórico em envolvimento em condutas antissociais, frequentemente denominado como “autorrevelação”. Normalmente, a trajetória da conduta delituosa é investigada por meio de duas formas: pelos dados oficiais de apreensão e pelo autorrelato. Visto que nem sempre os adolescentes são apreendidos pela polícia, o autorrelato pode oferecer informações mais fidedignas a respeito do comportamento do jovem e, assim, uma aproximação da trajetória de desenvolvimento da conduta delituosa por ele apresentada. Esse levantamento permite caracterizar o padrão de conduta delituosa do adolescente (Barberet et al., 2004; Gilman et al., 2014).

O modelo de entrevista empregado (Anexo A) foi formatado no Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP), coordenado pela orientadora desta pesquisa, a partir das adequações iniciais, feitas por profissionais psicólogos, atuando em medidas socioeducativas, na cidade de Ribeirão Preto, a partir do modelo original proposto por Michel Fréchette, da Universidade de Montreal, no Canadá, usado correntemente em serviços na província do Quebec. Com a ajuda de cartões que nomeiam e explicam as condutas delituosas, o pesquisador aborda um a um, de modo a perguntar ao entrevistado, primeiramente, se ele tem conhecimento (sabe o significado), separando entre aqueles que ele conhece e desconhece. Após essa etapa, é requisitado que o participante explique aqueles delitos que ele disse conhecer/saber o significado, verificando sua compreensão e oferecendo alguma elucidação, caso necessário. Neste momento, lhe é perguntado se já teria praticado ação descrita/explicada por ele (mesmo sem ter tido problemas com a polícia). Assim, o participante é solicitado a separar esses cartões em dois grupos: aqueles que indica ter praticado e os que

indica não ter praticado. Finalizada essa etapa, retomam-se os cartões concernindo os delitos que o entrevistado disse desconhecer o significado. Com a ajuda da definição que consta no verso do cartão, o pesquisador apresenta a definição e pergunta se o jovem já teria praticado a ação descrita (também sem ter necessariamente sido apreendido). Novamente, procede-se à separação, se necessário, dos cartões entre aqueles que ele menciona já ter praticado, dos que menciona não ter.

Dessa forma, somam-se os cartões que representam os delitos que o entrevistado refere ter praticado e, assim, inicia-se uma investigação minuciosa acerca de cada um, focando a idade em que teria praticado a primeira vez, quantas vezes teria praticado, se já teria tido problemas com a polícia por ter-se envolvido na prática do referido delito, se teria tido que comparecer perante o Juiz e cumprido alguma medida socioeducativa e, se sim, se teria levado a cabo a medida do modo esperado – sem “quebra de medida”. Além disso, se investiga se o mesmo ato foi praticado no último mês e sua que frequência, indagando se, na última vez, teria sido praticado com pares de idade e, se sim, qual teria sido o seu papel na execução do ato (papel de liderança ou de coadjuvante), assim como sobre algumas características dos pares/colegas: idade e histórico de passagem pelo sistema de justiça. Por fim, indaga-se se teria havido planejamento para a execução do ato; se teriam sido utilizados instrumentos (armas etc.) ou se teria havido destruição de objetos para a consecução; se teria havido violência contra vítimas (no caso de ser um delito com vítimas); assim como qual teria sido o motivo / a razão para ter praticado o ato. As motivações podem ser classificadas de acordo com sua função: hedonista (busca por sensações e prazeres imediatos), utilitária (conseguir resultados ou vingança) ou para liberação de tensões (movido por emoções negativas, como a raiva)².

Este instrumento ainda não conta com estudos específicos de validação na realidade brasileira. Contudo, ele já foi usado em várias pesquisas, sempre oferecendo dados de qualidade para a investigação. D’Abreu (2011) investigou padrões de conduta delituosa com um instrumento semelhante, junto a 211 adolescentes que estavam cumprindo medidas socioeducativas de prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida, identificando que a entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada era eficaz para investigar a trajetória das condutas infracionais e discriminá-las, de acordo com o nível de engajamento infracional,

² O roteiro de Entrevista propõe ainda uma questão sobre o uso de substâncias antes ou durante a execução do ato. Esta questão foi excluída, visto que, nesta pesquisa, o tema do uso de substâncias é investigado de modo mais aprofundado, por meio de instrumento específico - o Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências que será detalhado a seguir.

apontando inclusive, que o instrumento poderia ser importante para um melhor planejamento de intervenções no meio socioeducativo.

No contexto do GEPDIP, Bono (2015) empregou a entrevista autorrevelada para realizar uma análise de clusters em função do nível de engajamento infracional, e avaliá-los no tocante ao padrão de uso de substâncias psicoativas. De igual modo, Franco e Bazon (2017) utilizaram o mesmo instrumento para compor grupos diferenciados em termos de padrão de conduta delituosa e, então, estudá-los no plano do processamento da informação social, buscando por diferenças entre os grupos compostos. Franco e Bazon (2019) também a empregaram para, em função dos dados das trajetórias das condutas delituosas, examinar as trajetórias escolares. Guimarães (2018), por sua vez, usou o roteiro para entrevistar adolescentes dos gêneros masculino e femininos, judicializados em função da prática de atos infracionais, verificando sua exposição a experiências adversas (vitimizações). Em todas essas pesquisas, os dados assim coletados permitiram identificar diferenças entre os participantes, em termos de padrões de conduta delituosa, atinentes a diferentes trajetórias de desenvolvimento da conduta, sendo que em todos os estudos os dados convergiram, descrevendo agrupamentos preconizados na literatura. Ademais, os dados coletados com os outros instrumentos se alinharam aos da “delinquência autorrevelada” de forma notável, mostrando que o roteiro cumpre bem sua função de orientar uma coleta de dados que útil e vai ao encontro da expectativa.

Os dados coletados com este instrumento permitem não só avaliar a manifestação da conduta delituosa, no tempo, devido à perspectiva retrospectiva adotada, possibilitando, assim, aferir a idade de início da prática de delitos, de modo a verificar ou não precocidade, assim como a frequência da prática (total de delitos praticados) e a diversidade dos atos (o número de delitos diferentes praticados), observando a presença de delitos com violência contra pessoas, indicativo de agravamento (Franco, 2018).

Os delitos investigados no procedimento da Entrevista de Delinquência Autorrevelada foram identificados por membros do GEPDIP, como os mais praticados por jovens em conflito com a lei, tendo por base um levantamento de boletins de ocorrência (2012), assim como descrito por Bono (2015). A seguir, a Tabela 4 apresenta os tipos e definições dos delitos investigados pelo instrumento.

Tabela 4. Tipos e definições de delitos investigados na Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada

Delitos/infrações	Definição*
Ameaça	Ameaçar alguém por palavra, escrito, gesto, ou qualquer outro modo simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave.
Dano	Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia.
Direção de veículo automotor (sem habilitação)	Dirigir veículo automotor, em via pública, sem a devida permissão para dirigir ou habilitação, ou ainda, se cassado o direito de dirigir, gerando perigo de dano.
Estupro	Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso. Praticar ato libidinoso com alguém mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação da vítima. Induzir alguém menor de 14 anos a satisfazer a lascívia de alguém.
Explosão	Expor a perigo de vida a integridade física ou o patrimônio de outrem mediante explosão.
Furto	Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel.
Homicídio	Matar alguém.
Lesão Corporal	Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem.
Porte de armas de fogo	Portar, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, emprestar, empregar, manter sob guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição sem autorização e em desacordo com determinação legal.
Receptação	Adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte.
Rixa	Participar de luta desordenada, tumulto, envolvendo troca de agressões físicas entre pelo menos três pessoas, salvo para separar os contedores.
Roubo	Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência.
Tráfico	Importar, exportar, preparar, produzir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal.

*A definição é extraída do Código Penal Brasileiro – Compilado - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm

3.4.3 *Drug Use Screening Inventory – Revised* (DUSI-R)

O DUSI-R (Anexo B) é um instrumento sensível que objetiva avaliar o padrão de uso de substâncias de adolescentes e problemas associados em diversos domínios. Desenvolvido por Tarter (1990), nos Estados Unidos. Essa ferramenta foi elaborada com o intuito de avaliar

de forma prática, rápida e objetiva a gravidade de problemas multidimensionais, fornecendo um perfil de intensidade de problemas. Ele é dividido em 2 partes (áreas): a primeira consiste em uma tabela que investiga a frequência de uso de 14 classes de substâncias no último mês: álcool, anfetaminas/estimulantes (sem prescrição médica), ecstasy, cocaína/crack, maconha, alucinógenos (LSD, mescalina), tranquilizantes (diazepam, barbitúricos – sem prescrição médica), analgésicos (sem prescrição médica), opiáceos (morfina, heroína), fenilciclidina (pó de anjo), anabolizantes, inalantes/solventes (lança perfume), tabaco e outras (caso o adolescente relate consumo de alguma droga que não tenha sido descrita). Além disso, a tabela fornece as opções de marcar “tenho problemas com essa droga” e “essa é a minha droga predileta”, a fim de investigar problemas e preferências em relação a essas classes. A segunda parte avalia problemáticas em 10 domínios diferentes, que se encontram resumidas na Tabela 5. Esta segunda parte é constituída por 149 questões, que devem ser respondidas em “sim” ou “não”, sendo que as respostas afirmativas equivalem à presença de problemas. Além disso, existem 10 questões relativas a uma Escala de Mentira no final de cada domínio, cujo intuito é apontar a confiabilidade das respostas fornecidas pelo participante.

Tabela 5. Áreas (ou domínios) investigados pelo DUSI-R

Área	Descrição
Área 1 – Uso de substâncias	Busca investigar possíveis prejuízos do uso (como abstinência, fissura e tolerância)
Área 2 – Comportamento	Propõe-se a identificar presença de isolamento social, raiva, e níveis de autocontrole
Área 3 – Saúde	Visa identificar ferimentos, sintomas de doenças, envolvimento em acidentes e autocuidado com a saúde
Área 4 – Transtornos psiquiátricos	Investiga sintomas psicóticos, de ansiedade, depressão, e comportamento antissocial
Área 5 – Competência social	Aprecia habilidades sociais e relacionamento interpessoal
Área 6 – Sistema familiar	Avalia cuidados parentais e conflitos familiares
Área 7 – Escola	Aprecia desempenho acadêmico, ajustamento escolar e relações na escola
Área 8 – Trabalho	Busca identificar competências, relações e prejuízos oriundos do uso no trabalho
Área 9 – Relacionamento com amigos	Avalia a rede de pares, vínculo e envolvimento com gangues
Área 10 – Lazer/Recreação	Avalia os tipos de atividades realizadas em tempo livre e suas qualidades

Fonte: Adaptado a partir das informações do trabalho de Bono (2015) e do curso “Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento (SUPERA), realizado pela parceria entre a UNIFESP e a SENAD.

O inventário DUSI-R foi adaptado e validado para a realidade brasileira por De Micheli e Formigoni (2000), que o aplicaram em três grupos de adolescentes de 10 a 19 anos, separados de acordo com critérios diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais III - DSM-III da American Psychiatric Association (1987). O instrumento foi capaz de discriminar os problemas associados e os padrões de uso nos diferentes grupos, apresentando índice de correlação de 0,86 com os critérios do DSM-III. De Micheli e Formigoni (2002) também estudaram as propriedades psicométricas do inventário e encontraram níveis percentuais de 80% de sensibilidade, 90% de especificidade e um índice correto de classificação de 83,6% que, segundo as autoras, mostram que a versão adaptada do DUSI-R para a realidade brasileira preserva as propriedades psicométricas originais e apresenta-se como um instrumento sensível de triagem para uso de substâncias em adolescentes. Atualmente, o Inventário encontra-se disponibilizado na internet pelo curso SUPERA³.

De acordo com as respostas positivas do DUSI-R nas 10 áreas, é possível mensurar a contribuição de problemas de cada área em porcentagem, denominadas densidades de problemas. A densidade absoluta indica a severidade de problemas em cada domínio isoladamente, sendo calculada pelo número de respostas afirmativas dividido pelo total de respostas daquela área e multiplicado por 100. A densidade relativa permite calcular a contribuição porcentual de problemas de cada área comparado com o valor total, e é determinada pelo número de respostas afirmativas de cada área dividido pelo total de respostas afirmativas, multiplicado por 100. A densidade global, que indica a intensidade geral de problemas, é calculada pelo número total de respostas afirmativas dividido por 149 (respostas possíveis) e multiplicado por 100. A escala de mentira é computada pela soma de respostas negativas da última pergunta de cada área, sendo que a presença de cinco ou mais respostas indica possibilidade de resultados inválidos (De Micheli & Formigoni, 2000).

Além disso, o DUSI-R permite a classificação do padrão de uso do participante, de acordo com o número de respostas afirmativas no domínio 1 da parte 2. As classificações possíveis são: abstêmios (ausência de respostas), uso exploratório (1 a 2 respostas), uso abusivo (3 a 6 respostas) e provável dependência (acima de 7 respostas). Estes critérios foram utilizados no presente estudo para certificar-se de que os jovens incluídos no estudo, nos dois grupos, tivessem um padrão de uso classificado como abusivo ou dependente.

³ http://www.vs2.com.br/cursos_html/Drogas_IFMG_2013/8_MOD_III_Cap3_DUSI_T_ASI.pdf

3.4.4 Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências do uso de substâncias

Entrevistas são, frequentemente, utilizadas como forma de investigação nas ciências do comportamento e em análises clínicas. Especificamente, a entrevista semiestruturada permite utilizar questões abertas para investigar comportamentos, e buscar informações que permitam detalhar/aprofundar o entendimento de uma questão (Cozby, 2003). Assim, na presente pesquisa, com o intuito de realizar uma análise de contingências do uso de substâncias de jovens com diferentes padrões de prática infracional, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice B). Alguns estudos já aplicaram este modelo de entrevista para realizar análise de contingências de outros comportamentos, como adesão e não adesão ao tratamento para diabetes e tentativas de suicídio (Coelho & Amaral, 2008; Ribeiro, 2006). O roteiro, composto por 35 questões é dividido em três conjuntos de questões, que visam respectivamente: investigar como se iniciou o uso de substâncias, como ele se mantém, e possíveis relações entre o uso de substâncias a prática de delitos. Estas perguntas são referentes aos delitos reportados na aplicação da Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada e às substâncias que o adolescente referiu fazer uso atual, identificadas pela área 1 da aplicação do DUSI-R.

Como foi apontado na introdução, a análise de contingências do uso de substâncias psicoativas buscou compreender os fatores de risco e desenvolvimentais implicados, e os processos de aprendizagem (condicionamento respondente e operante) implicados neste comportamento (Higgins et al., 2004). Respectivamente, as perguntas procuram identificar emparelhamentos de estímulos e as alterações resposta-ambiente, possivelmente responsáveis pela emissão e manutenção do comportamento. Em relação à aprendizagem operante, como exposto na introdução e apresentado pela Tabela 2, foram investigados os antecedentes (história de desenvolvimento e fatores de risco, estímulos discriminativos verbais e não verbais, operações estabelecedoras e possíveis processos de condicionamento respondente, como fissura e tolerância), a resposta (tipo e quantidade da substância) e suas consequências, detalhando os processos e efeitos envolvidos (efeitos resultantes das ações farmacológicas de cada droga). Todas estas perguntas foram elaboradas de acordo com sugestões da literatura (Aranha & Oshiro, 2018; Borloti et al., 2015; Jones et al., 2012; Magidson et al, 2014; Mancini, 2013; Meyers & Squires, 2001; Silva et al., 2001).

A primeira parte do roteiro busca investigar o histórico de aquisição da resposta de usar cada substância. Em relação aos antecedentes, as perguntas foram elaboradas com o intuito de investigar estímulos discriminativos não verbais (*Onde você estava? Estava sozinho ou*

acompanhado?”) e verbais, de forma que fosse possível identificar possíveis expectativas e pensamentos em relação a substância e, também, discursos/regras mencionados pelo participante (“O que as pessoas que estavam junto te disseram que fez você usar a droga?”, “Você já havia ouvido falar alguma coisa dessa droga?”, “Você teve algum pensamento que te encorajou a fazer o uso?”). Outras perguntas abertas buscam analisar possíveis operações estabelecedoras. Por exemplo: “Você acha que algo contribuiu para você se encorajar a usara droga?”. A respeito das consequências, alguns exemplos de perguntas são: “Quando você fez uso dessa droga, o que você sentiu?”, “Seus pais e/ou cuidadores ficaram sabendo que você fez uso? Eles se importaram com isso?”).

A segunda parte da entrevista busca analisar as contingências que operariam na atualidade, no uso cotidiano. Em relação aos antecedentes, são investigados os estímulos discriminativos não verbais – Sd (“Em que momento do dia você faz uso dessa droga?”, “Em que lugares você faz uso dessa droga? Por que nesses lugares?”), e verbais – Sd verbais (“Quando você faz uso dessa droga, você tem algum pensamento que contribui pra você fazer o uso que te encoraje?”, “Se você faz uso dessa droga acompanhado de outras pessoas, elas dizem algo para te motivar a usar ou que te influencie a usar?”). A respeito das operações estabelecedoras, foram elaboradas as seguintes questões: “Quando você sente uma emoção diferente, você sente vontade de usar a droga? Por exemplo, quando está estressado, sentindo raiva, tristeza ou tédio?”. Também é investigado possíveis emparelhamentos de estímulos com a eliciação da fissura e da tolerância como, por exemplo: “Existe alguma situação ou lugar em que você sente vontade de fazer uso?”, “Existe alguma situação em que você usa mais do que usa normalmente? Ou sente mais vontade?”.

No que diz respeito às consequências, são investigados os processos de reforço positivo e negativo, por perguntas como: “Quando você faz uso dessa droga, o que você sente?”, “Você sente alguma sensação de prazer ou de alívio?”. Também são investigados possíveis efeitos de punição, como “Existe alguma situação em que você não sente vontade nenhuma de fazer uso dessa droga? Qual? Por quê?”, “Você sente medo de fazer uso dessa droga nestas circunstâncias? Por quê?”. Em relação às respostas, são investigados as quantidades e os diferentes tipos de substâncias usadas.

Nas duas partes, são investigadas também a própria percepção do jovem a respeito do uso, com o intuito de avaliar o entendimento de riscos, motivação para cessar ou diminuir e, assim, comparar possíveis diferenças entre a primeira vez que usou e os dias atuais. A última parte deste roteiro remete a possíveis relações diretas entre os efeitos das substâncias e os delitos

reportados previamente, de forma que fosse possível investigar o uso de substâncias antes, durante ou depois do delito, se houve intuito de usar a substância para auxiliar a prática infracional, se o uso de substâncias é realizado junto a pares infratores, e se o jovem percebe que houve ajuda dos efeitos da substância para o cometimento do delito. Alguns exemplos de perguntas elaboradas são: “*Alguma vez você cometeu esses delitos depois de fazer uso de alguma dessas drogas?*”, “*Alguma vez você usou a droga depois de cometer algum desses delitos?*”, “*Você acha que a droga te ajudou de alguma forma para cometer algum desses delitos?*”.

De acordo com o que foi exposto acerca das bases teóricas, por meio destas questões objetivou-se realizar uma análise de contingências do comportamento do uso de substâncias em jovens que o reportassem, considerando diferentes padrões de conduta delituosa. Com isso, pretendeu-se realizar uma avaliação minuciosa dos fatores pessoais e contextuais implicados na manutenção do uso da(s) substância(s) e sua relação com a prática de delitos, de forma que fosse possível relacionar os dados oriundos deste instrumento, com os demais, coletados com os instrumentos descritos anteriormente.

3.5 Procedimentos

3.5.1 Aspectos éticos

O presente estudo foi submetido e aprovado (Anexo C) no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto – USP (CAAE 31010220.2.0000.5407). Além disso, o estudo foi submetido e aprovado pela Secretaria de Cidadania e Assistência Social da Cidade de São Carlos (Anexo D), e pelo juiz da Vara da Infância da Comarca de São Carlos (Anexo E). Nesses contextos, o projeto foi apresentado e um cronograma para presença do pesquisador no serviço foi planejado (o NAI). Após algum tempo de frequência do serviço pelo pesquisador, para conhecimento de sua rotina institucional, deu-se início ao procedimento de recrutamento de potenciais participantes. Como havia a possibilidade de se trabalhar com jovens maiores e menores de idade, visto que alguns jovens com 18 anos ou mais ainda podem estar cumprindo medidas socioeducativas, foram preparados diferentes termos de consentimento, relacionados às normativas ética. Para os jovens maiores de idade, foi apresentado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido preparado para essa faixa etária (TCLE – Apêndice C). Para os jovens menores de idade, utilizou-se o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – Apêndice D) e os TCLEs

para seus pais/responsáveis (Apêndice E), elaborados para garantir a participação de jovens com menos de 18 anos. Esses documentos explicam os objetivos e a metodologia da pesquisa, assim como explana sobre seus direitos, enquanto colaboradores da pesquisa. Adicionalmente, foi preparado e apresentado um Termo para autorização para compilação e formação de um banco de dados (Apêndices F e G). Os modelos desses documentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP. Outros detalhes estão descritos nos próprios documentos.

3.5.2 Coleta de dados

O pesquisador compareceu na instituição em seu horário de funcionamento regular para a coleta de dados. Aplicando-se os critérios de inclusão e de exclusão explicitados, os potenciais participantes da pesquisa foram contatados, pessoalmente, no dia do atendimento psicossocial na instituição, logo após o encerramento deste. Em paralelo, também foi realizada uma busca por prontuários de adolescente que haviam passado recentemente pelo serviço e selecionados aqueles que preenchiam os critérios de seleção, de modo que alguns foram contatados e convidados a participar da pesquisa por meio telefônico. Contudo, nenhum dos participantes convidados via telefone confirmou disposição em colaborar com a pesquisa e a agendou a entrevista. Dessa forma, a coleta de dados foi realizada sempre junto aos que compareceram à instituição para o atendimento.

Assim, os jovens foram sendo convidados pessoalmente e mediante manifestação de disposição em colaborar, esse era conduzido até uma sala disponibilizada pela instituição (por vezes acompanhado do responsável legal, dependentemente de sua idade), onde, de modo privativo, apresentavam-se algumas informações importantes a respeito da pesquisa, elucidando os objetivos, os instrumentos que seriam aplicados e as informações éticas contidas nos termos. Mediante aceite formal e obtenção da autorização prévia dos responsáveis, eram disponibilizados os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido e, uma vez assinados, dava-se início a coleta de dados, com a aplicação dos instrumentos. A entrevista com cada adolescente, individualmente, teve uma duração média de uma hora, em uma única sessão. Importante ressaltar que foram realizados os devidos cuidados de combate à proliferação do COVID-19, tais como uso de máscara, disponibilização de álcool gel para higienização das mãos, limpeza dos assentos e materiais da coleta, e distanciamento social.

Durante a sessão, foram empregados os instrumentos na seguinte ordem: Questionário de Caracterização Socioeconômica, Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada, *Drug Use Screening Inventory – Revised* (DUSI-R), e Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências do uso de substâncias. Na aplicação dos três primeiros instrumentos, o pesquisador realizava as perguntas e marcava as respostas nos crivos impressos. Quanto ao roteiro de entrevista, o jovem era lembrado que a conversa seria gravada em áudio, em conformidade ao que havia sido solicitado nos Termos (TCLE e TALE) e, assim, iniciava-se a gravação com um aplicativo de celular, de forma que o pesquisador fazia as questões e escutava as respostas do participante, sendo possível o aprofundamento de algumas questões, com a formação de questões mais específicas, em caso de respostas muito gerais.

3.5.3 Análise dos dados

Para identificação e garantia do sigilo, os participantes foram codificados de acordo com a ordem da coleta de dados. Os dados obtidos com os instrumentos foram transpostas para um banco de dados no Excel, de acordo com as variáveis categóricas e quantitativas descritas a seguir. Especificamente, as respostas referentes ao Questionário Socioeconômico foram codificadas e transpostas para o banco de dados, para sua quantificação e caracterização, de acordo com as principais variáveis: idade, escolaridade, raça, se trabalhava e/ou recebia benefícios sociais governamentais e, por fim, a classe socioeconômica, de acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2020; 2022).

As informações gerais da Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada foram apreciadas e, também, transferidas para o banco. Após a apreciação dos dados brutos de cada delito e o contexto da prática infracional, foram criadas categorias sintéticas da informação, de modo que pudessem ser quantificadas e realizada a comparação entre os jovens. Lidou-se com as seguintes categorias, para cada delito: idade em que o havia praticado pela primeira vez; frequência total; problemas com a polícia – sim ou não; medida socioeducativa – sim (qual) ou não; cumprimento da medida – sim ou não, prática recente do delito – sim (frequência) ou não; prática acompanhada de pares com histórico infracional e/ou mais velhos, planejamento (sim ou não), utilização e destruição de objetos (sim ou não); motivação (hedonista, utilitarista, liberação de tensão ou vingança). Após a categorização, pôde-se estimar a idade do primeiro delito, o primeiro delito, o delito mais praticado, o número total de delitos praticado “na vida”

(frequência total de delitos)⁴, o número de delitos diferentes/diversidade, a presença (ou não) de delito com violência, e a frequência total de delitos com violência.

Com base nisso, procedeu-se à classificação dos padrões de conduta delituosa de cada jovem, como “comum” (padrão típico/normativo) ou “distintivo” (atípico/persistente), considerado os parâmetros relativos à precocidade, à frequência total, à diversidade e à presença de violência, de modo a compor dois grupos distintos nesse tocante. Para tanto, foram empregados os critérios propostos e empregados por Franco (2018). Para se considerar um padrão de conduta delituosa como atípico, considerou-se que para um mesmo adolescente era preciso verificar, conjuntamente, precocidade na manifestação inicial (a idade de início da prática de delitos está situada na primeira metade da adolescência ou antes – abaixo dos 15 anos); frequência total de delitos superior a dez; diversificação da prática, relacionada a um número de delitos diferentes praticados, superior a cinco. No mais, para a classificação desse padrão de conduta, considerou-se, ainda, o agravamento, observando se a prática de delitos autorrevelada envolvia atos que se caracterizam pela violência contra a vítima, na sua execução. Vale explicitar que os delitos que se caracterizam por violência são: ameaça, estupro, homicídio, lesão corporal, rixa e roubo. Assim, reitera-se que para que o participante fosse classificado como apresentando “delinquência distintiva”, seus dados tinham que preencher todos estes critérios de forma concomitante. Contrariamente, os participantes cujos dados oferecidos não preenchessem um ou mais dos critérios considerados, conforme proposição de Franco (2018), foram classificados como apresentando “delinquência comum” (padrão de conduta delituosa normativa). A partir desse procedimento de classificação, foram compostos dois grupos, segundo o padrão de conduta delituosa (atinentes ao nível de engajamento em prática de delitos).

As análises referentes ao DUSI-R, para cada participante, referem-se à identificação da frequência de uso no último mês, percepção de problemas associados e predileção das diferentes classes de substâncias destacadas na área 1; e a soma das respostas afirmativas da parte 2. Os dados da área 1, após a correção com o crivo do instrumento, foram transpostos para o banco de dados, de forma que fosse possível quantificar a frequência de uso, no último mês, de cada

⁴ Faz-se importante ressaltar que o delito de tráfico pode gerar, por ocasião da contabilização de sua frequência, um número muito elevado, porque se conta os dias em que o participante estava praticando o tráfico de drogas, no período que refere ter praticado esse delito. Contudo, para diminuir o efeito de confusão, foram criadas as categorias de análise “Frequência total de delitos” e “Frequência total de delitos, excluindo o tráfico”, ambas relativas ao total de delitos reportados “na vida”.

droga, para cada participante. Os resultados brutos da parte 2 foram transpostos para o banco (total de respostas afirmativas em cada área) e, em seguida, foram calculadas as densidades absolutas e relativas de cada domínio, a densidade global de problemas e a escala de mentira. Por fim, de acordo com o número de respostas afirmativas do domínio 1 e da parte 2, o padrão de uso de substâncias de cada participante foi categorizado segundo a classificação proposta pelo instrumento em “abstêmios”, “uso exploratório”, “uso abusivo” e “provável dependência”. Pode-se adiantar que esse procedimento concorreu para a verificação, na amostra geral, de que apenas cinco participantes (23,80%) preencheram critérios para uso abusivo ou provável dependência. Contudo, analisando a frequência de uso no último mês (conforme se poderá observar na Tabela 8) e o relato de uso atual, na entrevista de análise de contingências, foi possível identificar que uma parcela dos jovens entrevistados reportou uso diário de maconha. Essa frequência de uso dessa substância, foi considerado indicativo de “uso problemático”, mesmo que os participantes não reportassem (ou percebessem) prejuízos associados. Assim, mediante tal constatação, optou-se por agrupar os jovens de acordo com a presença de uso diário de maconha ou não (e não em função das classificações propostas pelo DUSI). Nesse momento, também compôs-se dois grupos distintos, segundo o padrão de uso de maconha: um apresentando “uso diário”; outro apresentando “uso não-diário”/esporádico.

Em seguida, procedeu-se à formação de quatro grupos, a partir do cruzamento das classificações do padrão de conduta delituosa (normativa ou distintiva) e do uso de maconha (uso problemático/diário ou uso não-diário/esporádico). A partir disto, as análises subsequentes focalizaram os dados no interior de cada um dos quatro grupos estabelecidos: Grupo 1 – Uso diário de maconha e conduta delituosa distintiva; Grupo 2 – Uso diário de maconha e conduta delituosa normativa; Grupo 3 – Uso esporádico de maconha e conduta delituosa distintiva; Grupo 4 – Uso esporádico de maconha e conduta delituosa normativa.

Cumprir informar que as informações quantificáveis, obtidas com cada instrumento, foram agrupadas por meio de cálculos estatísticos descritivos, realizados no RStudio. Com relação aos dados obtidos com as entrevistas realizadas com base no Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências do uso de substâncias, deve-se indicar que essas foram transcritos na íntegra, antes da formação dos quatro grupos, para posterior análise temática, buscando-se evitar vieses (Braun & Clarke, 2006). A análise do uso consistiu em três categorias amplas, pré-concebidas, de acordo com a construção do roteiro de entrevista: “Análise do primeiro uso”, “Análise do uso atual” (manutenção) e “Relação do uso de substâncias com a prática de delitos”. As duas primeiras investigaram o primeiro uso e o uso

atual de álcool e de maconha, visto que foram as duas substâncias mais reportadas, que apresentaram maior frequência. A categoria “Análise do primeiro uso” investigou as unidades funcionais implicadas nas primeiras vezes em que o participante efetuou o uso de álcool e maconha. As variáveis analisadas nesta categoria foram: idade, desenvolvimento e fatores de risco, estímulos discriminativos, motivação, pensamentos e regras antecedentes ao uso, efeitos, processos de aprendizagem, percepção a respeito de riscos, se os responsáveis ficaram sabendo e, se sim, quais foram as reações dos responsáveis.

A segunda categoria (uso atual) investigou as unidades funcionais implicadas no uso de álcool e maconha, constituindo-se das unidades de análise: quantidade, estímulos discriminativos verbais e não verbais, operações estabelecidas, consequências, condicionamento, contexto em que não refere uso das substâncias, prática de estratégias de redução do uso, percepção de riscos, mudança na percepção e justificativa para o uso no presente. Importante ressaltar que os estímulos discriminativos verbais (regras e autorregras) apresentados não representam a transcrição literal do relato verbal do participante, mas sim um enunciado geral do agrupamento dos relatos dos participantes.

Por fim, a terceira categoria, relativa à relação entre uso de substâncias e prática de delitos, investigou possíveis relações entre as condutas, sendo sintetizada pelas unidades de análise: uso antes de delito, uso depois de delitos, uso com o intuito de cometer o delito, uso com pares antissociais e percepção quanto ao papel da substância na prática infracional. Após a apreciação das transcrições das categorias, os dados referentes às categorias citadas acima foram transpostos em tabelas de síntese de informações. Dessa forma, as análises consistiram na caracterização dos grupos de acordo com os dados coletados e a apresentação das categorias temáticas depreendidas com a análise de contingências.

4. RESULTADOS

4.1 Dados referentes a amostra geral

No que diz respeito à caracterização da conduta delituosa da amostra geral (Tabela 6), foi possível observar que a idade média do primeiro delito foi de 12,52 anos, e que a média da frequência total de delitos reportados foi de 430,20. Contudo, excluindo os dias de tráfico reportados na vida, a média da frequência total de delitos na vida identificada foi de 18,00. Em relação à diversidade, a amostra geral relatou a prática de 2 a 10 tipos diferentes de delitos, sendo que a média foi de 4 tipos diferentes. Analisando a prática de delitos violentos (ameaça,

estupro, homicídio, lesão corporal, rixa e roubo), 85,70% dos participantes reportaram já ter praticado algum/alguns desses delitos, sendo a média da frequência total de delitos violentos 5,74, variando entre 0 e 20,00.

Tabela 6 – Caracterização do padrão de conduta delituosa na amostra geral

Variável	Resultados				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Idade primeiro delito	12,52	1,93	13,00	8,00	17,00
Frequência total de delitos	430,20	587,07	99,00	4,0	1868,00
Frequência total de delitos excluindo tráfico	18,00	13,00	14,00	2,00	44,00
Frequência de delitos violentos	5,74	5,65	4,00	0,00	20,00
Diversidade de delitos	4,33	2,30	4,00	2,00	10,00
	Sim	Não			
Prática de delitos violentos	18 (85,71%)	3 (14,28)			

A respeito das classes de delitos identificadas, o primeiro delito mais praticado pelos participantes foi o tráfico de drogas (19,04%), seguido da direção de veículos automotores e lesão corporal (28,57% cada). Ao analisar o delito mais cometido, em geral, por cada participante, o tráfico de drogas continua prevalecendo (62,00%), seguido da direção (19,04%). A Tabela 7 apresenta os primeiros e mais cometidos delitos de acordo com as 13 classes investigadas.

Tabela 7 – Caracterização do primeiro delito e do mais cometido por cada participante da amostra geral

Delito	Primeiro delito		Delito mais cometido	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Ameaça	1,00	4,76%	0,00	0,00%
Dano	2,00	9,52%	0,00	0,00%
Direção	6,00	28,57%	4,00	19,04%
Estupro	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Explosão	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Furto	0,00	0,00%	1,00	4,76%
Homicídio	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Lesão corporal	6,00	28,57%	2,00	9,52%
Porte ilegal de armas	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Receptação	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Rixa	2,00	9,52%	0,00	0,00%
Roubo	0,00	0,00%	1,00	4,76%
Tráfico de drogas	4,00	19,04%	13,00	62,00%

Quanto aos dados obtidos pelo DUSI-R, abordando primeiramente a frequência de uso no último mês, de 13 classes de substâncias psicoativas, foi possível identificar que a substância mais utilizada foi o álcool, sendo que 95,24% reportaram uso, seguida da maconha, sendo que 76,20% reportaram uso. Contudo, ao observar a frequência de uso no último mês, a maconha se destacou por ser utilizada mais de 20 vezes por 52,38% da amostra, sendo que nenhum dos participantes referiu uso maior que 20 vezes de álcool, no último mês. Em relação à predileção pelas substâncias, 62% da amostra apontou a maconha como droga favorita, seguida do álcool (14,28%). Apesar de todos os participantes reportarem uso de alguma substância, nenhum apontou percepção de prejuízos decorrentes do uso de qualquer substância. A Tabela 8 apresenta a frequência de uso dos participantes no último mês.

Tabela 8 – Frequência de uso no último mês das 13 substâncias investigadas

Substância	Frequência						Droga predileta	Percebe prejuízos
	Não usou	1 a 2 vezes	3 a 9 vezes	10 a 20 vezes	Mais de 20 vezes			
Álcool	1 (4,76%)	10 (47,60%)	8 (38,09%)	2 (9,52%)	0,00	3 (14,28%)	0,00%	
Anfetaminas e Estimulantes	19 (90,47%)	1 (4,76%)	1 (4,76%)	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Ecstasy	16 (76,19%)	3 (14,28%)	2 (9,52%)	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Cocaína/Crack	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Maconha	5 (23,80%)	2 (9,52%)	2 (9,52%)	1 (4,76%)	11 (52,38%)	13 (62%)	0,00%	
Alucinógenos	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Tranquilizantes	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Analgésicos	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Opiáceos	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Fenilciclídina	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Anabolizantes	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Inalantes	15 (71,42%)	3 (14,28%)	3 (14,28%)	0,00	0,00	0,00%	0,00%	
Tabaco	16 (76,19%)	2 (9,52%)	2 (9,52%)	0,00	0,00	1 (4,76%)	0,00%	
Outras	21 (100%)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00%	0,00%	

Além da frequência de uso reportada pelos participantes, foi possível calcular a média das densidades absolutas e relativas de cada domínio do DUSI-R. A densidade absoluta diz respeito à somatória de problemas reportados em cada domínio. Destes se destacaram

lazer/recreação, relacionamento com amigos e escola. Contudo, ao calcular a média das densidades relativas, que dizem respeito à contribuição de cada domínio para a somatória de problemas de cada participante, os que se destacaram foram, respectivamente, escola, comportamento e relacionamento com amigos. A Tabela 9 apresenta as principais variáveis descritivas das densidades absolutas e relativas da amostra geral.

Tabela 9 – Variáveis descritivas das densidades absolutas e relativas dos domínios do DUSI-R da amostra geral

Domínio	Resultado									
	Densidade absoluta					Densidade relativa				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Uso de substâncias	13,96	12,63	6,66	6,60	53,33	4,02	2,91	3,10	1,30	13,30
Comportamento	38,81	13,68	40,00	15,00	65,00	16,12	5,13	15,30	7,30	28,20
Saúde	22,38	14,10	20,00	0,00	50,00	4,25	2,19	4,30	0,00	9,20
Desordens psiquiátricas	30,24	14,87	35,00	0,00	60,00	11,78	4,48	13,00	0,00	20,00
Competência social	28,23	14,19	28,57	0,00	50,00	7,91	3,51	8,60	0,00	14,20
Sistema familiar	32,30	17,87	28,57	7,14	85,71	9,14	3,75	9,09	2,20	18,70
Escola	42,86	13,00	40,00	25,00	70,00	18,09	5,12	17,80	9,20	28,10
Trabalho	17,62	13,38	20,00	0,00	60,00	3,53	2,31	3,50	0,00	8,80
Relacionamento com amigos	46,26	16,84	50,00	21,43	71,43	13,24	3,48	13,30	6,50	21,70
Lazer/recreação	46,82	16,55	50,00	16,67	75,00	11,85	4,43	10,80	4,50	23,00

Utilizando o DUSI-R, também foi possível calcular a densidade global de problemas e caracterizar o padrão de uso de substâncias da amostra, como demonstrado na Tabela 10.

Tabela 10 – Caracterização do padrão do uso e trajetória do uso de substâncias da amostra geral

Variável	Resultado				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Densidade global	32,71	9,46	30,80	16,70	49,60
Idade primeiro uso de substâncias	13,90	1,51	14,00	10,00	17,00
Padrão de uso	Uso exploratório		Uso abusivo		Provável dependência
	16 (76,19%)		4 (19,04%)		1 (4,76%)
Primeira substância	Álcool		Maconha		
	17 (80,95%)		4 (19,04%)		

A amostra geral apresentou média de 32,71% de problemas globais, variando em um intervalo de 16,70 até 49,60. Além disso, a maioria dos participantes reportou baixa taxa de

problemas no domínio I da Área II (problemas com uso de substâncias), classificando os padrões de uso da amostra, majoritariamente, como exploratório (76,19%) e abusivo (19,04%). Com os dados referentes ao Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências, foi possível também identificar que a idade média de início do uso de substâncias foi de 13,90 anos, e que a primeira substância utilizada foi, na maior parte do tempo, o álcool (80,95%).

4.2 A composição dos grupos segundo indicadores dos padrões de conduta delituosa

Os dados referentes à prática autorrevelada de delitos/infrações dos jovens foram empregados para aferir o padrão de conduta delituosa dos jovens, conforme critérios e procedimentos descritos no método (seção “procedimentos de análise”), de modo a compor dois grupos distintos (Tabela 11). Reitera-se que para que o padrão de conduta do adolescente fosse classificado como “distintivo”, era necessário que os quatro critérios, conjuntamente, fossem verificados para ele, em termos precocidade, frequência total de delitos, diversidade e gravidade. Cumpre dizer que a idade do primeiro delito para a estimativa de precocidade ou não, não produziu diferenciação de grupos. Assim, em ambos os grupos se verifica a mesma média de idade (12 anos). Então, pode-se considerar a existência de precocidade em ambos. Contudo, é interessante observar que os valores mínimo e máximo de idade de início da prática infracional dos jovens com conduta distintiva foram menores, o que sugere uma diferenciação dos jovens alocados num ou noutro grupo.

Em relação à frequência de delitos, o valor total ajudou na composição dos grupos, com os jovens apresentando padrão de conduta distintiva com uma média muito superior (830,00), quando comparada aos jovens apresentando padrão de conduta normativa (66,20). Essa diferenciação foi mais bem estabelecida com o cálculo da frequência total, desprezando-se a contabilização dos “dias realizando tráfico de drogas”: De um lado, os jovens caracterizados por apresentar padrão de conduta distintiva apresentaram média de 28 delitos e os jovens apresentando padrão de conduta normativa apresentaram média de 8 delitos. De igual modo, a diferenciação também se deu ao se considerar a categoria diversidade de delitos: o grupo caracterizado por apresentar padrão distintivo apresentou um número total de delitos variando entre 5 a 10 tipos de delitos diferentes, enquanto o grupo caracterizado pelo padrão de conduta normativa, entre 2 e 4 tipos, apenas.

Reitera-se que o aspecto de ter ou não se implicado em delitos violentos também foi considerado como critério para classificação do padrão de conduta. Se presente, juntamente com precocidade, frequência e diversidade, caracterizou o padrão distintivo. Contudo, vale

notar que a implicação em delitos considerados violentos se fez presente para vários jovens que tiveram seu padrão de contudo classificado como “comum”. Ou seja, cerca de 72% dos jovens alocados no grupo que se considerou ter padrão de conduta normativa reportaram pelo menos um delito violento (enquanto 100% dos jovens alocados no grupo que se considerou ter padrão distintivo reportaram um ou mais delitos com violência). Deve-se frisar, contudo, que média de frequência de delitos violentos do grupo distintivo é superior (9,00 delitos violentos) que a que caracteriza o grupo normativo (2,70 delitos violentos).

Tabela 11 – Caracterização dos padrões de conduta delituosa

Variável	Resultados									
	Normativa (n=11, 52,38%)					Distintiva (n=10, 47,61%)				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Idade primeiro delito	12,80	1,90	13,00	10,00	17,00	12,20	2,00	13,00	8,00	14,00
Frequência total de delitos	66,20	99,50	19,00	4,00	318,00	830,70	644,00	746,00	29,00	1868,00
Frequência total de delitos excluindo tráfico	8,80	6,00	7,00	2,00	22,00	28,10	10,90	27,00	11,00	44,00
Frequência de delitos violentos	2,70	3,00	2,00	0,00	10,00	9,00	6,20	8,50	1,00	20,00
Diversidade de delitos	2,80	0,60	3,00	2,00	4,00	6,00	1,70	5,00	5,00	10,00
Prática de delitos violentos	Sim	Não				Sim	Não			
	8 (72,72%)	3 (27,27%)				10 (100%)	0 (0,00%)			

Quanto aos primeiros e mais praticados delitos verificados nos dois grupos, nota-se, como sintetizado na Tabela 12, que os participantes apresentando conduta normativa reportaram, em maior número a lesão corporal como primeiro delito e o tráfico como o mais delito mais praticado. A lesão corporal é um dos delitos considerados violentos e, nesse sentido, em princípio, parece contraditório que jovens apresentando um padrão de conduta normativa tenham, preponderantemente, iniciado a participação em delitos por via da implicação em “delitos violentos”. Ressalta-se, contudo, que a análise dos conteúdos das entrevistas permitiu

observar que a “lesão corporal” nesse grupo esteve, majoritariamente, contextualizada em brigas com pares, principalmente no ambiente escolar, e em atividades esportivas, sugerindo que o atodecorreu de conflito interpessoal, em relações com pessoas do convívio, relacionado a baixa/frágil habilidade de resolução de conflitos e baixo autocontrole.

Em contrapartida, a análise dos conteúdos das entrevistas dos participantes cujo padrão de conduta delituosa foi classificado como “distintivo”, que necessariamente reportaram implicação em delitos violentos, mostrou que, diferentemente, esses delitos, nesse grupo, remeteram maiormente à rixa (brigas/batalhas envolvendo grupos maiores de jovens) e ao roubo. Ademais, para esses adolescentes, a frequência desse tipo de delito (violento) foi mais elevada. De todo modo, destaca-se que a direção de veículo automotor apareceu, nesse grupo, como primeiro delito mais frequentemente relatado e o tráfico de drogas, também, como delito mais praticado.

Tabela 12 – Caracterização do primeiro delito e do delito mais cometido de acordo com o padrão de conduta infracional

Delito	Normativa (n=11)		Distintiva (n=10)	
	Primeiro delito	Delito mais cometido	Primeiro Delito	Delito mais cometido
Ameaça	1 (9,09%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Dano	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (20,00%)	0 (0,00%)
Direção	2 (18,18%)	3 (27,27%)	4 (40,00%)	1 (10,00%)
Estupro	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Explosão	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Furto	0 (0,00%)	1 (9,09%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Homicídio	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Lesão corporal	5 (45,45%)	2 (18,18%)	1 (10,00%)	0 (0,00%)
Porte ilegal de armas	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)
Receptação	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0(0,00%)
Rixa	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (20,00%)	0 (0,00%)
Roubo	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (10,00%)
Tráfico de drogas	3 (27,27%)	5 (45,45%)	1 (10,00%)	8 (80,00%)

4.3 Dados referentes aos padrões de uso de maconha (diário e esporádico)

Como já apontado no método, apesar de a maioria dos participantes não preencherem critérios para “uso abusivo” ou “provável dependência”, mais da metade reportou uso diário de maconha (n=11). Dessa forma, optou-se por agrupar os participantes, de acordo com o uso de substâncias, pela presença de “uso esporádico de maconha” ou “uso diário de maconha”. Dessa forma, esta seção tem o intuito de apresentar as principais variáveis de caracterização do uso de substâncias destes dois grupos.

No que diz respeito às densidades absolutas de problemas identificadas pelo DUSI-R, os jovens apresentando uso esporádico de maconha apresentaram escores mais elevados nas dimensões de problemas de comportamento, relacionamento com pares e lazer/recreação, enquanto os jovens apresentando uso diário de maconha apresentaram escores mais elevados nas dimensões lazer/recreação, relacionamento com pares, e problemas no ambiente escolar. A Tabela 13 exhibe as principais distribuições das densidades absolutas de problemas.

Tabela 13 – Densidades absolutas dos jovens com uso esporádico e diário de maconha

Domínio	Resultado									
	Uso esporádico (n=10)					Uso diário (n=11)				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Uso de substâncias	11,30	10,00	6,70	6,60	33,30	16,40	14,70	13,30	6,60	53,30
Comportamento	46,50	13,30	45,00	25,00	65,00	34,50	13,10	35,00	15,00	55,00
Saúde	22,00	16,20	20,00	0,00	50,00	22,70	12,70	20,00	10,00	40,00
Desordens psiquiátricas	35,00	17,30	35,00	0,00	60,00	25,90	11,40	25,00	10,00	45,00
Competência social	32,90	15,10	32,10	7,10	50,00	24,00	12,50	28,60	0,00	42,90
Sistema familiar	32,90	14,80	28,60	21,40	71,40	31,80	21,00	28,86	7,10	85,70
Escola	39,50	14,00	35,00	25,00	70,00	45,90	11,80	45,00	25,00	65,00
Trabalho	14,00	9,70	15,00	0,00	30,00	20,90	15,80	20,00	0,00	60,00
Relacionamento com amigos	42,90	17,80	46,40	21,40	71,40	49,30	16,10	50,00	28,60	71,40
Lazer/recreação	40,00	14,10	41,70	16,70	58,30	53,00	16,80	58,30	25,00	75,00

Ao analisar as densidades relativas de problemas dos participantes, de acordo com o uso esporádico e diário de maconha (Tabela 14), foi possível observar que para os jovens de uso esporádico, os domínios que apresentaram maior contribuição para o total de problemas foram problemas de comportamento, no ambiente escolar e desordens psiquiátricas. Para os jovens com uso diário de maconha, foi possível identificar que os domínios com maior contribuição de problemas foram os do ambiente escolar, relacionamento com pares e problemas de comportamento.

Tabela 14 – Densidades relativas de problemas dos jovens com uso esporádico e diário de maconha

Domínio	Resultado									
	Uso esporádico (n=10)					Uso diário (n=11)				
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo
Uso de substâncias	3,40	2,50	2,20	1,30	9,20	4,60	3,30	3,50	2,00	13,30
Comportamento	18,50	5,70	16,40	10,20	28,20	13,90	3,50	14,20	7,30	18,50
Saúde	4,00	2,50	3,90	0,00	9,20	4,50	1,90	4,50	2,00	8,30
Desordens psiquiátricas	13,50	5,40	14,70	0,00	20,00	10,20	2,90	10,00	6,20	14,50
Competência social	9,00	2,80	9,30	3,80	13,00	6,90	3,90	7,30	0,00	14,20
Sistema familiar	9,40	2,30	9,40	6,10	13,50	8,90	4,80	8,30	2,20	18,70
Escola	16,50	3,90	16,80	9,20	22,50	19,50	5,80	17,80	13,00	28,10
Trabalho	3,20	2,50	3,00	0,00	7,60	3,90	2,20	4,00	0,00	8,80
Relacionamento com amigos	12,30	4,30	12,00	6,50	21,70	14,10	2,50	14,20	10,40	17,00
Lazer/recreação	10,40	5,10	9,80	4,50	23,00	13,20	3,40	14,20	6,60	17,00

Por fim, ao analisar as últimas variáveis de caracterização do uso de substâncias, foi possível identificar que os jovens de ambos os grupos formados em função do padrão de uso de maconha apresentaram médias parecidas de densidade global de problemas (32,00%, aproximadamente) e, também, médias de idade de início do uso de substâncias próximas. Contudo, uma parcela (36,36%) dos jovens apresentando uso diário reportaram terem experimentado a maconha antes do álcool, enquanto todos os jovens apresentando uso esporádico indicaram terem iniciado o uso de substâncias pelo álcool, como resume a Tabela 15.

Tabela 15 – Variáveis de caracterização do uso de substâncias dos jovens de uso diário e esporádico de maconha

Variável	Resultado										
	Uso esporádico (n=10)					Uso diário (n=11)					
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	
Densidade global	32,60	9,70	30,80	17,40	49,60	32,80	9,80	32,20	16,70	49,60	
Idade primeiro uso de substâncias	14,00	1,90	14,50	10,00	17,00	13,80	1,10	13,00	13,00	16,00	
Padrão de uso (DUSIR)	Exploratório	Abusivo	Dependência				Exploratório	Abusivo	Dependência		
	8 (80,00%)	2 (20,00%)	0 (0,00%)				8 (72,72%)	2 (18,18%)	1 (9,09%)		
Primeira substância	Álcool	Maconha				Álcool	Maconha				
	10 (100%)	0 (0,00%)				7 (63,60%)	4 (36,36%)				

4.4 Análise de contingências nos quatro grupos composto pelo cruzamento da informação relativa ao padrão de conduta delituosa e uso de maconha

Conforme o já mencionado, foram formados quatro grupos, compondo as classificações dos indivíduos em termos de padrão de conduta delituosa – distintiva ou normativa – e padrão de uso de maconha – diário ou esporádico. Esses grupos são a seguir descritos e caracterizados em função das análises de contingências, nas seguintes categorias: análise do primeiro uso de álcool, análise do uso atual de álcool, análise do primeiro uso de maconha, análise do uso atual de maconha e, por fim, análise da relação entre uso de substâncias e prática de delitos.

4.4.1. Grupo 1 (G1) – Uso diário de maconha e conduta delituosa distintiva (n=6)

O Grupo 1 apresentou média de idade de 17 anos, média de idade de início da prática de delitos de 12 anos e de aproximadamente 14 anos, para o uso de substâncias. Em sua

maioria, G1 foi composto por jovens pardos, que estavam no Ensino Médio e não trabalhavam, oriundos de famílias do estrato socioeconômico C2 e que recebiam benefícios sociais. A respeito da contribuição de problemas associados ao uso, os domínios que mais se destacaram foram a escola, relacionamento com pares e problemas de comportamento.

Utilizando o Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências, foi possível realizar a análise de contingências do primeiro uso e uso atual de álcool e maconha do Grupo 1. A Tabela 16 apresenta as condições em que ocorreu o primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 1. Ao observar os antecedentes, especificamente os fatores de risco presentes, destacaram-se a busca por sensações, o fácil acesso a bebidas alcoólicas, a presença de pares e familiares usuários. O contexto de uso mais frequente foi o de festas com amigos e os pensamentos e regras mais comuns foram em relação aos efeitos do álcool e à percepção de que outras pessoas também faziam uso. As consequências que mais se destacaram foram relacionadas aos efeitos do álcool (gerando efeitos de euforia e relaxamento) e a atenção social de pares.

Tabela 16 – Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 1

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Busca por sensações(6)	Festa com amigos (4)	“Álcool deixa animado”		Agitação motora	R+	Euforia
Pressão por pares		“Nessas festas todo mundo bebe”		Atenção e aprovação de pares (3)	R+	Euforia
Fácil acesso a bebidas alcoólicas(5)	Sozinho em casa (sem supervisão) (2)	“Álcool dá coragem para conversar com as meninas”		Atenção de pares do gênero feminino	R+	Euforia
Pares usuários de álcool(2)		“Todo mundo bebe, vou beber também”		Percepção de maturidade(2)	R+	Euforia
Pares mais velhos		Álcool dá uma sensação legal (brisa)”		Sensação de prazer(2)	R+	Euforia
Familiares usuários de álcool (modelos)(2)		“Os moleques mais velhos bebem” (2)	Consumo de álcool	Gosto da bebida agradável	R+	Euforia
Baixa supervisão parental				Mudança na percepção	R+	Relaxamento
				Passividade dos pais	Ausência de P	Relaxamento
				Desinibição	R-	Relaxamento
				Diminuição da atividade motora(2)	R-	Relaxamento
				Gosto ruim	P+	Aversão
				Advertência e ameaça dos pais(3)	P+	Constrangimento/Esquiva
				Punição física por parte dos pais(2)	P+	Constrangimento/Esquiva

Ao realizar a análise de contingências do uso de álcool atual dos participantes do G1 (Tabela 17), foi possível identificar que os fatores de risco mais presentes foram o fácil acesso

a bebidas alcoólicas e a presença de pares usuários, sendo os contextos de uso mais frequentes, novamente, as festas com amigos, quase que exclusivamente aos finais de semana. Cabe salientar a dificuldade de lidar com emoções aversivas, estas que podem se apresentar como operações estabelecidas para alguns participantes, como o tédio (privação de reforçadores) e a experiência de pensamentos intrusivos. Os estímulos discriminativos verbais (Sd) mais frequentes eram relacionados a legitimação do uso do álcool e seus efeitos. A bebida mais consumida pelos jovens deste grupo é o whisky, que nestes contextos é responsável por gerar consequências, majoritariamente, relacionadas a atenção social e de alívio de condições aversivas, como emoções e pensamentos. Ao comparar o uso atual de álcool do Grupo 1 com o primeiro uso, é possível observar um aumento dos processos de reforço negativo, que sugerem o uso de álcool como estratégia de esquiva/autorregulação.

Tabela 17 – Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 1

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares criminalizados(2)	Festas com amigos(6)	“Se não tem nada pra fazer no final de semana a gente bebe”	Tédio (privação de reforçadores)(3)		Atenção social de pares (4)	R+	Euforia
Fácil acesso(6)	Finais de semana(5)	“Nas festas tem que beber pra conversar com as meninas”	Insegurança para conversar com garotas(2)		Atenção social de garotas	R+	Euforia
Pares usuários(6)	Som alto	“Beber faz esquecer os problemas”(3)	Ansiedade		Sensação de prazer(3)	R+	Euforia
Dificuldade de lidar com emoções aversivas(3)	Ocasões especiais	“Se eu beber nas quebradas posso ter problemas”	Pensamentos intrusivos (problemas da semana)(2)	Beber alguns copos de whisky	Agitação motora	R+	Euforia
	Churrascos	“Todo mundo bebe, é normal”(2)	Fissura		Mudança na percepção	R+	Euforia
	Casa de amigos	“De final de semana pode”(2)	Raiva(2)		Diminuição do fluxo de pensamentos(3)	R-	Autorregulação
	Festas com namorada	“Se eu beber junto com meus amigos não terei problema”	Estresse		Diminuição da atenção(3)	R-	Relaxamento
	Só quando está acompanhado	“Se eu beber de dia terei dor de cabeça”			Diminuição da atividade motora(3)	R-	Relaxamento
		“Quando eu bebo sozinho não tem graça”			Desinibição (2)	R-	Autorregulação
		“Quando eu bebo meus amigos me chamam para roubar”			Alívio da fissura	R-	Autorregulação
					Alívio de emoções aversivas(2)	R-	Autorregulação
					Esquiva de problemas em locais que não são seguros	R-	Relaxamento

Também foi possível analisar o primeiro uso de maconha dos participantes deste grupo, como exibido na Tabela 18. Os fatores de risco que mais se destacaram foram o fácil acesso à maconha, pares usuários e a pressão por pares. Diferentes contextos foram identificados, mas a maioria envolvia a presença de amigos. Os pensamentos e regras mais frequentes foram referentes aos efeitos da substância, e as consequências, por sua vez, foram relacionadas à

atenção social e aos efeitos percebidos como agradáveis, que geraram efeitos majoritariamente de euforia.

Tabela 18 – Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 1

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Fácil acesso(6)	Praça com amigos(2)	“A brisa é diferente”(2)		Sensação de prazer	R+	Euforia
Pares usuários(6)	Cheiro de maconha	“Todo mundo fuma”(6)		Risos(4)	R+	Euforia
Pressão por pares mais velhos (3)	Biqueira	“Quem é mais velho fuma”(2)	Fumar um cigarro de maconha	Atenção e aprovação dos pares(4)	R+	Euforia
		“Maconha relaxa”(3)		Mudança na percepção(4)	R+	Euforia
Pares criminalizados	Soltando pipa com amigos	“Meus familiares fumam e não têm prejuízos”		Fome(2)	R+	Intensificação sensorial
Familiares usuários (modelos) (2)	Pista de skate com amigos			Sonolência(4)	R+	Relaxamento
	Na rua			Diminuição da atividade motora e do discurso(3)	R-	Relaxamento
	Antes de entrar na escola			Advertência dos pais(4)	P+	Constrangimento e esquiva
				Punição física por parte dos pais	P+	Constrangimento

G1, por apresentar uso diário de maconha, evidentemente apresentou o uso mais intenso da substância, havendo indicação de uso variando entre 2 à 6 cigarros de maconha no dia. A análise de contingências do uso atual (Tabela 19) permitiu identificar que os fatores de risco mais salientes foram a presença de pares usuários, o fácil acesso à substância e o condicionamento do uso, este último, responsável por eliciar fissura em condições aversivas, como apresentam as operações estabelecidas. Os contextos de uso envolvem diferentes horários do dia na companhia de pares, majoritariamente, tendo consequências diferentes para cada um. As consequências reforçadoras se negativamente apresentaram-se de forma mais

sobressalente quando comparadas àquelas reforçadoras positivamente, denotando o uso de maconha como estratégia de fuga/esquiva.

Tabela 19 – Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 1

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares usuários(6)	Ao acordar(6)	“Seu eu fumar vou sentir fome para conseguir comer”(4)	Tédio (privação de reforçadores)(6)		Sensação de prazer(2)	R+	Euforia
Fácil acesso(6)	Antes de almoçar(4)	“Se eu fumar vou ter sono para dormir”(6)	Estresse(6)		Risos	R+	Euforia
Dificuldade de lidar com emoções aversivas(4)	Após o almoço	“Se não tem nada para fazer eu fumo”(3)	Tristeza(3)		Socialização com pares(4)	R+	Euforia
Condicionamento do uso(5)	À tarde com amigos (5)	“Se eu fumar em um local discreto não terei problemas”(2) “Se estou com muitos	Privação de sono(2)	Fumar em média 4 baseados por dia (mín.2,máx.6)	Mudança na percepção(3)	R+	Euforia
Pais permissivos	Antes de dormir(5)	pensamentos na cabeça eu fumo para esquecê-los”(3)	Fissura(3)		Fome(4)	R+	Autorregulação
	Na praça com amigos(4)	“Seu eu fumar vou sentir fome para conseguir comer”	Tolerância (respostas compensatórias) (6)		Sonolência(6)	R+	Autorregulação/ Relaxamento
	Com amigos (2)	“Se acordo preciso fumar para dar disposição”(3)	Ausência de apetite(2)		Diminuição do fluxo de pensamentos(2)	R-	Autorregulação/ Relaxamento
	Após discussões com colegas ou família	“Se eu fumar vou esquecer meus problemas”	Ansiedade		Diminuição de emoções aversivas(6)	R-	Autorregulação/ Relaxamento
	Natureza	“Se estou nervoso preciso fumar para aliviar a cabeça”	Pensamentos intrusivos		Esquiva de problemas com a polícia	R-	Relaxamento
	Casa de amigos	“Se eu fumar com meus amigos vamos dar risada”	Raiva(3)		Disposição para começar o dia(2)	R+	Autorregulação/ Relaxamento
	Locais reservados (2)	“Se acordo preciso fumar para dar disposição”(3)			Alívio da fissura	R-	Autorregulação/ Relaxamento
	Sozinho em casa(2)				Esquiva de pessoas que possam vê-los fumando	R-	Relaxamento

A última seção do Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências permitiu investigar a relação do uso de substâncias com a trajetória infracional dos participantes, resumida na Tabela 20. Para G1, denota-se o uso de substâncias antes e durante a prática dos delitos, especialmente o tráfico (por longos períodos – 1 a 5 anos), com a função de aliviar tensões. Apenas um participante reportou que não fazia uso durante o tráfico, para que não prejudicasse a prática infracional. Os participantes também reportaram o uso de substâncias após a prática dos delitos, como forma de atenuar as emoções aversivas advindas da prática infracional. A maioria também reportou fazer uso de drogas, na atualidade, com pares com engajamento infracional e perceberem que a droga teria facilitado o cometimento dos delitos.

Tabela 20 – Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 1

Uso antes do delito	Uso com o intuito de cometer o delito	Uso depois do delito	Pares usuários são os mesmos dos delitos	A droga ajudou a cometer delitos
Bebeu e fumou maconha antes do furto, receptação e tráfico. Uso de maconha durante os 2 anos de tráfico.	Sim, para criar coragem	Bebeu para relaxar	Sim	Sim, para criar coragem
Bebeu e fumou maconha antes da direção, compra de armas, receptação, rixa e tráfico. Uso de maconha durante os 4 anos de tráfico.	Sim, para ficar menos tenso	Sim, bebia e fumava para esquecer os problemas e a tensão.	Sim	Sim, para ir menos tenso
Bebeu antes das brigas, ameaça e durante um ano de tráfico.	Não	Sim, bebeu para aliviar a tensão.	Sim	Sim, começou a traficar para sustentar o uso financeiramente
Fumava antes e durante os 5 anos de tráfico.	Sim, pois todos os pares também fumavam.	Não	Sim	Não
Fumou antes do furto e durante os 2 anos de tráfico	Sim, para passar o tempo.	Sim, dinheiro advindo do tráfico permitiu a compra de drogas.	Não	Sim

Não, evitava fumar nos 4 anos de tráfico.	Não, para não prejudicar atenção e memória.	Sim, após o tráfico para aliviar a tensão.	Não	Não
---	---	--	-----	-----

4.4.2. Grupo 2 (G2) – Uso diário de maconha e conduta delituosa normativa (n=5)

O Grupo 2 apresentou média de idade de 16 anos, sendo a média de idade do início da prática de delitos 13 anos e do uso de substâncias 14 anos. A maioria dos jovens seria oriunda de famílias da classe socioeconômica C2, também beneficiária de auxílio assistencial. A maioria se identificou como parda, apresentando escolaridade de Fundamental II incompleto. Ainda, a maioria relatou não trabalhar e em relação à contribuição de problemas associados ao uso de substâncias, os domínios que apresentaram maior destaque foram a escola, lazer/recreação e comportamento.

A análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 2 (Tabela 21) permitiu identificar que os fatores de risco que se destacaram foram a busca por sensações, pares usuáries e fácil acesso a bebidas alcoólicas. Os contextos de uso foram majoritariamente na companhia de pares, e os pensamentos e regras envolviam principalmente expectativas em relação aos efeitos “positivos” do álcool. As consequências do consumo (exclusivamente de whisky) envolveram a atenção social de pares e, também, constrangimentos por parte dos responsáveis e quebra de expectativa com o sabor da bebida. O processo que mais se destacou foi o de punição positiva.

Tabela 21 – Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 2

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e Regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Busca por sensações (3)	Pegou bebida escondido	“Álcool tem gosto bom”	Bebeu um copo de whisky	Aprovação por pares(3)	R+	Euforia
Pares usuáries(3)	Cachoeira com amigos	“Ficar bêbado é legal”		Diminuição do fluxo de pensamento	R-	Relaxamento
Pressão por pares(2)	Na praça com amigos	“Álcool tem gosto bom”		Gosto ruim(3)	P+	Aversão ao gosto
Fácil acesso(3)	Festa com amigos	“Se todo mundo bebe eu posso beber também”		Pais brigaram com amigos que deram bebida	P+	Constrangimento
				Discussão e castigo por parte dos pais	P+/P-	Constrangimento

Por meio da análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do G2 (Tabela 22), foi possível observar que os fatores de risco mais salientes foram os pares usuários e o fácil acesso a bebidas alcoólicas. Os contextos de uso mais frequentes envolveriam a companhia de pares, majoritariamente aos finais de semana, sendo baixa a quantidade de bebidas. As consequências envolveriam a atenção social e efeitos depressores do álcool, responsáveis pela experiência de relaxamento.

Tabela 22 – Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 2

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares usuários(3)	Final de semana(3)	“Bebo um goles só pra falar que bebi”(2)	Estresse	Alguns goles de copos de amigos	Aprovação por pares	R+	Euforia
Pressão por pares	Festas com amigos	“Festa é lugar de curtidão”		Bebe um copo de catuaba	Gosto bom	R+	Prazer
Fácil acesso (3)	Com amigos na praça	“Em festas é bom ficar relaxado”		Bebe duas latas de cerveja no final de semana	Diminuição da atividade motora(2)	R-	Relaxamento
	Com amigos na rua				Diminuição do fluxo de pensamentos	R-	Relaxamento
	Antes de sair para uma festa com amigos				Gosto forte	P+	Aversão ao gosto

Ao avaliar o primeiro uso de maconha dos participantes do G2 (Tabela 23), foi possível observar que os fatores de risco mais frequentes foram a busca por sensações, a pressão por pares e pares usuários, sendo que o contexto mais comum foi na companhia de pares. Os pensamentos e regras envolveram expectativas em relação a características positivas da maconha, e as consequências mais reportadas foram a mudança de percepção, a diminuição do fluxo de pensamentos e a discussão com os responsáveis.

Tabela 23 – Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 2

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e Regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Familiares usuários (modelos)	Em casa com o primo mais velho	“Maconha relaxa”(2)	Fumar um cigarro de maconha	Aprovação por pares(2)	R+	Euforia
Busca por sensações(5)	Achou na rua	“O cheiro é bom”		Mudança de percepção(5)	R+	Euforia
Pressão por pares(4)	Sozinho	“Fumar dá uma brisa legal”(2)		Risos(2)	R+	Euforia
Fácil acesso	Praça com um amigo	“Maconha te deixa melhor”		Fome	R+	Intensificação sensorial
Pares usuários(4)	Com amigos na rua	“Você tem que fumar porque vai gostar”(2)		Diminuição da atividade motora(2)	R-	Relaxamento
Pares mais velhos	Em uma construção com amigos			Diminuição do fluxo de pensamentos(3)	R-	Relaxamento
Pais permissivos				Pais ficaram sabendo, mas não houve advertência	Ausência de P	Relaxamento
				Discussão com os pais(4)	P+	Constrangimento
				Punição física por parte dos pais	P+	Constrangimento
				Foi preso pela polícia	P+	Constrangimento

Por meio da análise de contingências do uso atual de maconha em G2 (Tabela 24), foi possível observar que os fatores de risco mais relatados foram o fácil acesso à substância e pares usuários. O contexto de uso também seria referente a diferentes momentos do dia (ao acordar, antes de almoçar, após o trabalho, antes de dormir) envolvendo companhia de pares ou não. É notável o condicionamento do uso, especialmente em condições aversivas, representadas nas operações estabelecedoras. As consequências envolveriam, em sua maioria, os processos de reforço negativo, como forma de autorregulação.

Tabela 24 – Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 2

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecidas	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares usuários(3)	Ao acordar(3)	“Se eu fumar quando chego do trabalho vou relaxar”	Cansaço do trabalho	Fumar em média 4 cigarros de maconha (Mín. 1, Máx. 10)	Mudança na percepção(4)	R+	Euforia
Fácil acesso(5)	Antes do almoço(2)	“Fumar maconha relaxa”	Estresse(2)		Risos(2)	R+	Euforia
Dificuldade para lidar com emoções(2)	Após o almoço	“Se eu fumar vou ter fome para conseguir comer”(2)	Raiva		Atenção e aprovação por pares (3)	R+	Euforia
Condicionamento do uso(2)	De tarde escutando música	“Se eu fumo sozinho sinto os efeitos mais intensos”	Pensamentos autodeprecia tivos		Intensificação do efeito (sozinho)	R+	Euforia
Pressão por pares	Quando chega do trabalho	“Se saio com meus amigos eu vou fumar”	Fissura		Aprovação de pares	R+	Euforia
	Antes de dormir(2)	“Se eu fumar vou ter fome para conseguir comer”	Tédio (privação de reforçadores)		Fome(3)	R+	Autorregulação
	Na rua com amigos(3)	“Se eu fumar antes de dormir terei sono”	Abstinência		Diminuição da atividade motora(2)	R-	Relaxamento
	Na rua , sozinho(2)		Privação de sono(2)		Diminuição do fluxo de pensamentos(3)	R-	Relaxamento
	Na praça, sozinho(2)				Sonolência(3)	R-	Autorregulação/ Relaxamento
	Em casa abandonada				Esquiva de pessoas vê-lo fumando	R-	Relaxamento
					Diminuição da indigestão	R-	Relaxamento
					Diminuição da fissura	R-	Autorregulação

A análise da relação entre uso de substâncias e práticas de delitos em G2 (Tabela 25) permitiu identificar que a maioria dos participantes, porém em uma menor proporção, em comparação ao G1, relatou uso de substância antes da prática infracional, novamente destacando-se o uso durante o tráfico (porém em um período de tempo bem menor – 3 a 10 meses - que os participantes do G1). Apenas dois integrantes reportaram uso com o intuito do cometimento dos delitos, e apenas um referiu uso após o tráfico. A presença de pares com engajamento infracional também foi menor, comparada ao Grupo 1.

Tabela 25 - Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 2

Uso antes do delito	Uso com o intuito de cometer o delito	Uso depois do delito	Pares usuários são os mesmos dos delitos	A droga ajudou a cometer
Não	Não	Não	Não	Não
Não	Não	Não	Não	Não
Fumava durante o tráfico (3 meses)	Sim, ajudava passar tempo e o estado de alerta	Sim, para aliviar a tensão	Sim	Sim
Fumou antes da receitação	Não	Não	Sim	Não
Fumava durante o tráfico (10 meses)	Sim, ajudava passar o tempo	Não	Não	Não

4.4.3. Grupo 3 (G3) - Uso de maconha esporádico e conduta delituosa distintiva (n=4)

G3 apresentou média de idade de 16 anos e meio, sendo que a média de idade de início da conduta delituosa foi de 12 anos e de 13 anos para o uso de substâncias. A maioria seria oriunda de família da classe socioeconômica C2, sendo que metade receberia benefícios sociais do governo. A maioria também se identificou como pardos, estando o grupo dividido entre escolaridades do Ensino Fundamental II incompleto e Ensino Médio incompleto. Em relação à contribuição de problemas associados ao uso de substância, os domínios que apresentaram destaque foram os escolares, de comportamento e desordens psiquiátricas.

A análise denotou semelhanças entre as características do primeiro uso de álcool em G3 (Tabela 26), com relação aos grupos anteriores, envolvendo condições de fácil acesso, busca por sensações, pressão por pares usuários, familiares usuários e permissividade por parte dos responsáveis. Os contextos envolveram contextos de socialização e de baixa supervisão parental. Os pensamentos envolveram tanto a normalização do uso, quando expectativas positivas em relação aos efeitos. Novamente, observa-se a escolha do whisky, responsável por gerar, principalmente, consequências de atenção social e aprovação por parte de pares e sensação de prazer, na ausência de constrangimentos parentais.

Tabela 26 – Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 3

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e Regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Familiares usuários (modelos)	Em casa com irmãos mais velhos	“Se todo mundo está bebendo vou beber também”(2)	Beber alguns goles de whisky(2)	Atenção e aprovação dos pares(3)	R+	Euforia
Pressão por pares(3)	Festa com amigos(2)	“Álcool dá uma brisa legal”	Bebeu um copo de whisky(2)	Sensação de prazer(3)	R+	Euforia
Busca por sensações(2)	Pares mais velhos			Mudança na percepção	R+	Euforia
Fácil acesso(4)	Sozinho em casa			Gosto bom do whisky	R+	Euforia
Pais permissivos(3)				Diminuição da atividade motora	R-	Relaxamento
Pares usuários(2)				Ausência de constrangimentos parentais(3)	Ausência de P	Relaxamento

Ao avaliar o uso atual de álcool dos participantes do G3 (Tabela 27), por meio da análise de contingências, foi possível identificar que os fatores de risco mais relatados foram o fácil acesso à substância, busca por sensações, pressão por pares e associação a pares usuários. Novamente, os contextos de uso mais frequentes foram nas companhias dos amigos, aos finais de semana, apesar de a metade do grupo reportar uso sozinho, ocasionalmente. Um dos participantes relatou que em festas, nos finais de semana, fazia uso acentuado de álcool, ao contrário dos demais, que referiram beber alguns copos de whisky. Dentre as consequências, as que mais se destacaram foram a sensação de prazer e a diminuição da atividade motora.

Tabela 27 – Análise de contingência do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 3

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Busca por sensações (2)	Festas com amigos (3)	“Se todo mundo está bebendo eu bebo também” “Quando estou com meus amigos em festas eu bebo”	Ansiedade	Beber alguns copos de whisky (3)	Sensação de prazer (3)	R+	Euforia
Pares usuários (2)	Finais de semana (3)	“Quando as coisas dão certo bebo pra comemorar” “Quando eu fumo narguilé tenho vontade de beber”	Cansaço do trabalho	Uso acentuado de álcool	Atenção e aprovação por pares (2)	R+	Euforia
Fácil acesso (4)	Sozinho (2)		Fissura		Mudança na percepção (2)	R+	Euforia
Dificuldade para lidar com emoções aversivas					Sensação de que valeu a pena trabalhar	R+	Euforia
Pressão por pares (2)					Diminuição da atividade motora (3)	R-	Relaxamento
Pares mais velhos					Diminuição do fluxo de pensamentos (2)	R-	Relaxamento
Pares infratores					Esquiva de problemas em bairros criminalizados	R-	Relaxamento
Condicionamento do uso					Alívio da fissura	R-	Autorregulação

Em relação ao primeiro uso de maconha dos participantes em G3 (Tabela 28), os fatores de risco mais reportados foram o fácil acesso à maconha, pressão por pares e busca por sensações. Os contextos de uso foram acompanhados dos amigos e de familiares usuários, sendo que os pensamentos e regras que se destacaram foram a respeito da legitimação do uso. As consequências mais frequentes foram mudança na percepção, fome e discussão com os responsáveis.

Tabela 28 – Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 3

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Busca por sensações(2)	Sozinho na casa de um primo que era usuário	“Maconha dá uma brisa legal”(2)	Fumou um baseado	Mudança na percepção(3)	R+	Euforia
Familiares usuários (modelos)	Praça com amigos	“Todo mundo usa”		Fome(2)	R+	Intensificação sensorial
Pares usuários	Casa de um amigo	“Os moleques mais velhos fumam”		Atenção e aprovação por pares	R+	Euforia
Pares infratores				Percepção de maturidade	R+	Euforia
Pares mais velhos(2)				Diminuição do fluxo de pensamento	R-	Relaxamento
Fácil acesso(3)				Discussão com os pais(2)	P+	Constrangimento
Pressão por pares(2)						

No que diz respeito ao uso atual de maconha dos participantes do G3 (Tabela 29), que se dá em média 2 vezes por semana, a análise de contingências apontou como fatores de risco pares usuários e fácil acesso à maconha, sendo o contexto de uso na companhia de amigos. Foi possível observar a presença de algumas operações estabelecidas, como estresse e raiva, porém em um menor nível, se comparado aos grupos anteriores. As consequências reportadas foram relacionadas majoritariamente a processos de reforço positivo, como sensação de prazer, fome e risos.

Tabela 29 – Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 3

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequência	Processos	Efeitos
Pares usuários (2)	Uso de álcool com amigos	“Se eu fumo quando estou bêbado os efeitos são mais intensos”	Estresse	Fumar um cigarro de maconha (2 por semana)	Sensação de prazer	R+	Euforia
Fácil acesso (2)	Na praça com amigos	“Se vou conversar com meus amigos fumo para estar com eles”	Raiva		Fome	R+	Intensificação sensorial
Pressão por pares					Risos	R+	Euforia
					Conversa com amigos	R+	Euforia
					Gosto bom	R+	Euforia
					Diminuição do fluxo de pensamentos	R-	Relaxamento

Analisando a relação entre o uso de substâncias do G3 (uso esporádico de maconha e conduta distintiva), como exposto na Tabela 30, foi possível observar que metade dos participantes não realizou uso de nenhuma substância antes da prática infracional, de modo a preservar sua “atenção” para o cometimento dos delitos. Contudo, reportaram uso de substância após os delitos, de forma a aliviar as tensões e comemorar o desempenho. Dos que reportaram o uso antes da prática infracional, destaca-se o participante que reportou o uso de maconha com função hedonista, antes do furto, e medicamentosa durante os poucos dias em que praticou tráfico. Também relatou uso de álcool durante a direção de veículo automotor, legitimado pelo próprio responsável. Apenas um participante relatou uso de substâncias na companhia de pares que cometeram os delitos de forma conjunta.

Tabela 30 – Relações entre o uso de substâncias e a prática de delitos do Grupo 3

Uso antes do delito	Uso com o intuito de cometer o delito	Uso depois do delito	Pares usuários são os mesmos dos delitos	A droga ajudou a cometer
Bebeu antes da rixa	Não	Não	Não	Não
Não, evitava para poder executar os delitos.	Não	Sim, bebeu e fumou maconha para aliviar a tensão da prática infracional	Não	Não
Não, queria executar os delitos de forma eficiente	Não	Sim, bebeu para comemorar a execução dos delitos.	Sim	Não
Fumou maconha antes do furto para sentir emoções mais intensas e ficar mais atento. Fumou durante a única semana de tráfico. Bebeu uma vez enquanto dirigia.	Sim, no furto para sentir emoções mais intensas e ficar mais atento. No tráfico para ficar mais relaxado para vender. Durante a direção porque o pai comprou bebida para ele.	Fumou maconha após o furto.	Não	Não

4.4.4. Grupo 4 (G4) - Uso esporádico de maconha e conduta delituosa normativa (n=6)

G4 apresentou média de idade de 16 anos e as médias de idade de início de início da conduta delituosa e do uso de substâncias, de 12 anos e de 14 anos, respectivamente. Os jovens deste grupo estiveram dispostos de forma igual nas classes socioeconômicas B2 a C2, sendo nenhum trabalhava e todos seriam oriundos de famílias que recebiam benefícios sociais governamentais. A maioria se autodeclarou parda e indicou ter nível de escolaridade do Ensino Médio incompleto. No que diz respeito à contribuição de problemas associados ao uso de substância, os domínios que se destacaram foram problemas de comportamento, ambiente escolar e desordens psiquiátricas.

Por meio da análise do primeiro uso de álcool dos participantes do G4 (Tabela 31), foi possível identificar um uso menos acentuado, também de whisky. Os fatores de risco que se destacaram foram o fácil acesso, busca por sensações e a pressão por pares (usuários em maioria). Os contextos também foram em companhias de amigos, principalmente em festas, e os pensamentos e regras reportados foram a respeito de expectativas positivas em relação ao

álcool. As consequências mais frequentes foram atenção e aprovação por pares, o gosto forte do whisky e a advertência por parte dos responsáveis.

Tabela 31 – Análise do primeiro uso de álcool dos participantes do Grupo 4

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Fácil acesso(6)	Em uma festa com o irmão mais velho	“Com 12 anos já posso beber”	Bebeu alguns goles de whisky(6)	Sensação de prazer	R+	Euforia
Familiares usuários (modelos)(2)	Festa com amigos(3)	“Álcool é legal, você vai gostar”(2)		Percepção de maturidade	R+	Euforia
Pressão por pares(5)	Em casa com um amigo	“Todo mundo bebe”(2)		Atenção e aprovação por pares(5)	R+	Euforia
Pais permissivos	Sozinho em casa	“Não tem nada para fazer, vou experimentar”		Mudança de percepção	R+	Euforia
Busca por sensações(5)	Tédio (privação de reforçadores)			Diminuição da atividade motora	R-	Relaxamento
Pares usuários(4)				Gosto forte/ruim (5)	P+	Aversão
				Advertência dos pais(4)	P+	Constrangimento
				Advertência dos pais, mas posterior legitimação do uso	Ausência de P	Relaxamento
			Castigo	P-	Constrangimento	
			Vômito	P+	Aversão	

A análise de contingências do uso atual de álcool em G4 (Tabela 32) apontou como fatores de risco mais frequentes os pares usuários, o fácil acesso a bebidas alcoólicas e a dificuldade de lidar com emoções aversivas (representadas nas operações estabelecidas), apesar de o uso de álcool ser muito mais esporádico e em volume muito menor que os grupos 1 e 3. Os contextos de uso mais frequentes foram casas de amigos e festas com eles, quase que exclusivamente aos finais de semana. As consequências mais reportadas foram a atenção e aprovação por pares e diminuição do fluxo de pensamentos.

Tabela 32 – Análise de contingências do uso atual de álcool dos participantes do Grupo 4

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Sd verbais	Operações estabelecedoras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares usuários(5)	Em casa de amigos(3)	“De domingo não tem compromisso”	Estresse(3)	Beber um copo de caipirinha ou whisky (3)	Atenção e aprovação de pares(5)	R+	Euforia
Fácil acesso(5)	Campo de futebol com amigos	“Se eu beber com as meninas posso curtir com elas”(2)	Tristeza	Beber alguns copos de whisky	Atenção de garotas(2)	R+	Euforia
Busca por sensações(2)	Quando está chateado com pessoas	“Se eu beber com meus amigos não terei problemas”	Tédio(privação de reforçadores)(2)	Beber alguns goles de copos de amigos eventualmente	Percepção de maturidade	R+	Euforia
Dificuldade de lidar com emoções aversivas(4)	Acompanhado de amigas	“Se eu beber em locais reservados não terei problema”	Raiva(2)		Sensação de prazer(2)	R+	Euforia
Pressão por pares(2)	Final de semana(4)	“Quando estou estressado bebo para aliviar”	Semana com problemas em casa		Diminuição da atividade motora	R-	Relaxamento
	Casa de uma prima	“Se eu beber com meus amigos vou me divertir”(3)	Insegurança		Diminuição do fluxo de pensamentos(4)	R-	Relaxamento
	Adega	“Quando bebo esqueço os problemas da semana”			Alívio de emoções aversivas(2)	R-	Relaxamento
	Churrasco com amigos	“Se eu beber posso ficar igual meu pai”			Esquiva de comentários a seu respeito	R-	Relaxamento
	Festa com amigos(3)	“Se eu beber só alguns goles já conta”			Desinibição(2)	R-	Relaxamento
	Festa com garotas	“Se estou nervoso bebo para relaxar”			Gosto ruim	P+	Aversão

A análise do primeiro uso de maconha dos integrantes do G4 (Tabela 33) apontou como fatores de risco a busca por sensações, o fácil acesso, pares usuários e pressão por pares. Os contextos mais frequentes foram na rua, sozinhos e na companhia de amigos. Os pensamentos e regras que mais se destacaram tinham relação com expectativas positivas em relação aos

efeitos da maconha, e as consequências mais relatadas foram a mudança de percepção, atenção social, diminuição do fluxo de pensamentos e discussão com os pais.

Tabela 33 – Análise do primeiro uso de maconha dos participantes do Grupo 4

Desenvolvimento e fatores de risco	Sd	Pensamentos e regras	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Busca por sensações(3)	Antes de entrar na escola	“Maconha relaxa”(3)	Fumou um baseado	Mudança de percepção(2)	R+	Euforia
Fácil acesso(3)	Na rua(2)	“Se eu fumar fora da escola não terei problemas”		Fome	R+	Intensificação sensorial
Pares usuários(2)	Sozinho	“Maconha é remédio”		Sensação de prazer	R+	Euforia
Pressão por pares(2)	Com amigos	“Todo mundo fuma”		Atenção e aprovação por pares(2)	R+	Euforia
	Em um pico com amigos	“Fuma que você vai gostar”		Risos	R+	Euforia
		“Fuma que você vai ficar mais alegre”		Diminuição da atividade motora	R-	Relaxamento
				Esquiva de problemas na escola	R-	Relaxamento
				Discussão com os pais(3)	P+	Constrangimento
				Diminuição do fluxo de pensamentos(2)	R-	Constrangimento
				Ameaça de internação	P+	Constrangimento

Ao avaliar o uso atual de maconha dos participantes em G4, foi possível perceber que a frequência e quantidade de cigarros de maconha são maiores do que em G3. Apesar de não apresentarem uso diário de maconha, pode-se apreender que, ainda assim, G4 apresentou uma frequência significativa. A análise de contingências, sintetizada na Tabela 34, apontou como fatores de risco o fácil acesso e a dificuldade de lidar com emoções aversivas, tais como o estresse e ansiedade, responsáveis por eliciar fissura em alguns dos integrantes. Os contextos mais frequentes foram aos finais de semana, na companhia de amigos e locais perto da natureza. As consequências identificadas foram a diminuição do fluxo de pensamentos, alívio de emoções aversivas, sensação de prazer e esquiva de problemas com a polícia (contextos mais isolados/solitários).

Tabela 34 – Análise de contingências do uso atual de maconha dos participantes do Grupo 4

História e desenvolvimento	Sd	Sd verbais	Operações estabelecidas	Resposta	Consequências	Processos	Efeitos
Pares usuários	Final de semana	“Maconha é remédio”	Estresse(2) (fissura)	Fumar 2 baseados Fumar 3 baseados	Sensação de prazer	R+	Euforia
Fácil acesso(2)	Com amigos	“Se estou ansioso fumo para aliviar”	Ansiedade(fissura)	em alguns dias da semana	Diminuição do fluxo de pensamentos(2)	R-	Relaxamento
Dificuldade de lidar com emoções aversivas(2)	Sozinho (2)	“Se eu fumar no mato não terei problemas com a polícia”	Tristeza		Alívio de emoções aversivas(2)	R-	Autorregulação/Relaxamento
Condicionamento do uso	Natureza(2)	“Se eu estou estressado ou com problemas fumar pode me ajudar”	Raiva		Esquiva de problemas com a polícia	R-	Relaxamento
	À tarde	“Quando não consigo conversar com ninguém fumo para me ajudar”	Sensação de isolamento				

A relação entre uso de substâncias e a prática de delitos (Tabela 35) do G4 apontou que apenas dois participantes fizeram uso antes dos delitos, porém sem indicação de que seria para praticá-los. Dois participantes reportaram que evitavam o uso de maconha antes ou durante o tráfico, para que não atrapalhasse seu desempenho durante a prática infracional. Contudo, o tempo de tráfico destes participantes foi bem menor, comparado ao dos outros grupos. Em relação ao uso de maconha após o tráfico de drogas, dois participantes reportaram que o faziam para esquecer os problemas e aliviar as tensões da prática infracional.

Tabela 35 – Relação entre uso de substâncias e prática de delitos do Grupo 4

Uso antes do delito	Uso com o intuito de cometer o delito	Uso depois do delito	Pares usuários são os mesmos dos delitos	A droga ajudou a cometer
Não	Não	Não	Não	Não
Não	Não	Não	Sim	Não
Não	Não	Não	Não	Não
Ecstasy antes da rixa.	Não fumou antes do único dia de tráfico para não prejudicar suas funções executivas.	Não	Sim	Não
Não	Não fumava antes do tráfico (1 mês) para não prejudicar suas funções executivas.	Sim, usava depois do trabalho e do tráfico para esquecer os problemas	Não	Não
Bebeu antes e fumava durante a única semana que cometeu tráfico	Não	Fumava depois do tráfico para aliviar a tensão	Não	Não

5. DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo investigar as características pessoais e contextuais implicadas na conduta problemática de uso de substâncias em jovens que apresentassem variados padrões de conduta delituosa, visando evidenciar as diferenças em fatores atinentes ao uso problemático de substâncias e observar aqueles aparentemente mais relacionados a um maior engajamento em práticas de delitos. A amostra constituída por 21 jovens recrutados em contexto de judicialização pela prática de atos infracionais. Eles apresentaram idade média de 16 anos e preencheram os critérios para classificação socioeconômica de classes mais baixas, sendo que a maioria seria oriunda de famílias da classe C2. Além disso, mais da metade dos jovens reportou que a família seria beneficiária de auxílio governamental, o que sugere a uma fragilidade socioeconômica por parte das famílias destes jovens. Os jovens, por sua vez, teriam escolaridade nos níveis do ensino médio incompleto (61,90%), ensino fundamental II incompleto (33,33%) e ensino fundamental II completo (4,76%), apresentando alguma defasagem idade-série, sendo que a maioria reportou não trabalhar. A literatura indica que

baixos níveis-socioeconômicos caracterizam vulnerabilidade social, o que aumenta a chance de exposição a fatores de risco para o uso de substâncias e a prática infracional (Almohaishi et al., 2018; Galinari et al., 2019, Le Blanc, 2003). Nessa mesma direção, destaca-se que a maior parte da amostra se identificou como parda e preta. A literatura mostra que pertencer a minorias sociais (em termos de garantia de direitos) pode aumentar a probabilidade de experimentar maiores níveis de pobreza, apresentar menores índices socioeconômicos, e residir em comunidades mais desorganizadas e violentas, além das chances destes jovens serem vitimizados, apreendidos pela polícia e encarcerados (Anúnciação, Trad & Ferreira, 2020; Green, Doherty, Sifat & Ensminger, 2019; Leiber & Peck, 2015; Mersky et al., 2013; Wallace 1999).

No que diz respeito à conduta delituosa, a caracterização da amostra geral permitiu observar escores que apontam precocidade, diversidade e frequência alta de delitos, além da presença de delitos com violência. Mas, conforme se previa, os dados denotaram uma heterogeneidade da amostra em termos de padrões de conduta delituosa, com maior ou menor engajamento infracional (Bazon & Galinari, 2017; Galinari et al., 2020; Komatsu & Bazon, 2017). A idade de início do agir delituoso teve média de 12 anos, variando entre 8 e 17 anos. A frequência total de delitos reportados teve média de 430 delitos, variando entre 4 até 1.868 delitos reportados; ao excluir o delito de tráfico de drogas, contabilizado por “dia de tráfico”, obteve a média de 18 delitos, variando entre 2 e 44. Dos delitos reportados, foram identificados entre 2 a 10 tipos diferentes (média de 4 delitos diferentes), não tendo sido reportado prática de estupro, homicídio ou explosão. A literatura científica tem bem documentado que a manifestação e a manutenção da conduta delituosa pode variar, de acordo com a exposição a diversos fatores de risco, e características psicossociais dos adolescentes, de forma que é possível identificar diferentes índices dos parâmetros analisados (Farrington et al., 2006; Galinari et al., 2019; Komatsu & Bazon, 2017; Le Blanc, 2003; Moffit, 2018; Piquero, 2000).

Ao analisar os índices de violência, cerca de 85% da amostra reportou pelo menos um delito com violência (ameaça, lesão corporal, rixa e roubo). Como primeiro delito, se destacaram a lesão corporal e a direção de veículo automotor (28,5% cada) e, em seguida, o tráfico de drogas (19%). Apesar de a amostra estudada ter reportado uma frequência maior de delitos violentos, quando comparada a amostra de adolescentes também judicializados, no contexto sociocultural brasileiro (Galinari et al., 2020), verificou-se boa parte dos adolescentes teriam se implicado em delito de “lesão corporal” em um contexto de briga/conflito com pares de idade, no início da adolescência (e não em um contexto subcultura criminalizada/violenta).

Assim, essa conduta, em particular, talvez seja mais representativa de inadequação, impulsividade e/ou falta de repertório de enfrentamento para lidar com situações sociais e, em algum nível, uma característica esperada para a faixa etária (Romer, 2010). Esta hipótese se mantém ao se apreender que os delitos mais reportados da amostra geral foram o tráfico (62%) e a direção sem habilitação (19%), e não a lesão corporal, o que poderia sugerir uma trajetória infracional marcada por violência.

No tocante a trajetória do uso de substâncias, percebe-se que as substâncias mais utilizadas no último mês foram o álcool (95,23%), seguido da maconha (76,19%). Os participantes da amostra geral também reportaram, majoritariamente, o uso do álcool (80,95%) como a primeira substância, sendo que apenas 19% fizeram o uso prévio de maconha. Estes resultados também vão ao encontro de dados da literatura, que apontam que a maioria da população tende a iniciar o uso de substâncias com o álcool ou o tabaco, de forma episódica e relacionado à busca por sensações ou por pressão por pares (Kandel & Yamaguchi, 1993; White, 2015). Aqueles que apresentam uma sequência diferente dessa, iniciando pelo uso por substâncias ilícitas, e com maior potencial de dependência, tenderiam a apresentar maior exposição a risco e padrões de uso mais nocivos. Contudo, apesar de o álcool ter sido a substância mais reportada pelos participantes, as maiores frequências de uso no último mês foram observadas para a maconha. Enquanto a maioria da amostra reportou que fez uso de álcool nos intervalos “1 ou 2 vezes” ou de “3 a 9 vezes”, mais da metade da amostra também reportou o uso de maconha na categoria “mais de 20 vezes”, sendo possível observar, também, que 62% apontaram a maconha como droga predileta/preferida, enquanto o álcool foi indicado em apenas 14% dos casos. Investigações com amostras de realidade sociodemográfica parecida com as deste estudo também mostram que jovens judicializados apresentam um uso expressivo de maconha, superior aos reportados por jovens escolares, da população geral (Komatsu & Bazon, 2015; Komatsu, Bono & Bazon, 2021).

Em relação aos problemas associados às diferentes dimensões do DUSI-R, as médias das densidades absolutas que mais apresentaram problemas foram as de lazer/recreação, relacionamento com pares e a dimensão escolar. Estes dados também se aproximam aos encontrados por Komatsu et al. (2021), em estudo com amostra de adolescentes também judicializados, os quais apresentaram maiores problemas nas dimensões relacionamento com pares, domínio escolar e lazer/recreação, sendo os valores das médias próximas. No estudo de De Michelli e Formigoni (2000), com jovens em diferentes graus de problema de uso, a subamostra constituída por jovens que apresentaram critérios para uso abusivo e dependência

moderada (chamado como grupo 2), apresentou maiores problemas nas dimensões de relacionamento com pares, domínio escolar e lazer/recreação, também, ao passo que outra subamostra constituída por jovens com dependência severa (chamado como grupo 3), apresentou maiores problemas nas dimensões de problemas com o uso, lazer recreação e relacionamento com pares. De forma bastante consistente, a literatura aponta que as questões nestas dimensões possuem grande importância na manifestação e na manutenção das condutas antissociais, seja o uso de substâncias, seja a prática de delitos. Experiências negativas na escola, baixo vínculo com a instituição e evasão escolar frequentemente são descritos como fatores de risco para ambas as condutas (AlMohaishi et al., 2018, Franco & Bazon, 2019; Le Blanc, 2006), assim como uma rotina desestruturada e com baixas atividades pró-sociais/supervisionada por adultos, e associação a pares antissociais ou usuários (AlMohaishi et al., 2018; Bazon et al., 2011, Le Blanc, 1997, 2003).

As densidades relativas, contudo, que apresentam a contribuição dos domínios para os problemas gerais, mostraram maiores problemas, respectivamente, em escola, em comportamento e em relacionamento com pares/amigos. O domínio 2 (problemas de comportamento) busca identificar presença de isolamento social, raiva e níveis de autocontrole, aspectos também destacados na literatura como fatores de risco, para ambas as condutas de interesse no presente estudo, sendo tais aspectos observados em jovens usuários e infratores, em níveis significativamente superiores aos apresentados por jovens da população geral (Bazon et al., 2011; Galinari et al., 2019; Le Blanc, 1997; Lopes et al., 2013).

No que diz respeito à densidade global de problemas, a amostra apresentou valor médio de 32,71. Comparando este valor com os identificados no estudo de De Micheli e Formigoni (2000), pode-se perceber que a densidade global de problemas dos jovens da amostra foi superior a encontrada no grupo 2 (uso abusivo e dependência moderada), mas inferior à do grupo 3 (dependência severa), o que sugere presença de problemas significativos (maior que o grupo de uso abusivo e dependência moderada do estudo das autoras). Mesmo identificando problemas nos diferentes domínios e uso frequente (e significativo) de maconha para grande parte, os participantes da amostra investigada no presente estudo, pontuaram baixos valores no domínio 1 da área II do DUSI-R – os problemas decorrentes do uso de substâncias e, também, não referiram prejuízos percebidos em decorrência do uso, na área I. Estes dados sugerem alguns vieses, talvez relacionados ao método. Pode-se cogitar que a forma de coleta de dados, por meio de relato verbal (entrevista) e o fato de se estar em um contexto de avaliação pré-decisão judicial, possa ter influenciado na oferta de informação pelo jovem, deixando ele de

reportar todos as problemáticas percebidas, por receio de que seus relatos interferissem de alguma forma na decisão judicial. Outra possibilidade, tem a ver com o delineamento transversal do estudo. Primeiramente, uma das hipóteses consideradas é a de que, talvez, os participantes ainda não apresentassem os problemas investigados (como fissura, tolerância, baixo autocontrole) em decorrência do uso de substâncias, visto que estes podem se manifestar com o decorrer do tempo e com o desenvolvimento desta conduta (King & Chassin, 2007; Le Blanc, 2006; 2009; Madruga et al., 2012; White, 2015). Além disso, pode-se inferir que, talvez, os jovens, mesmo com um uso acentuado, ainda não percebessem o uso como um problema ou não percebessem os problemas eventualmente vividos como decorrentes do uso de substância. Miller e Rollnick (2001) apontam que diferentes estágios motivacionais podem ser identificados em indivíduos que apresentam uso problemático de substâncias, sendo que nas etapas iniciais, esses não percebem riscos ou prejuízos advindos deste uso. Nesta perspectiva, foi criada a Entrevista Motivacional, que busca avaliar a percepção do indivíduo a respeito do uso e sua motivação à mudança, de forma que, de acordo com a etapa que se encontre, diferentes intervenções possam ser realizadas (Andretta & Oliveira, 2008; Castro & Passos, 2005).

Por fim, é importante também analisar a idade de início do uso de substâncias. Os jovens apresentaram média de idade do primeiro uso próxima aos 14 anos, que pode ser considerado como um uso precoce (ainda que variando em um intervalo de 10 a 17 anos). Esse dado corrobora o apontamento de que, frequentemente, adolescentes que reportam implicação em delitos também reportam uso mais precoce de substâncias psicoativas (e uso mais acentuado) (Turner, Daneback & Skarner, 2018; White, 2015). Quando comparada a idade de início da prática de delitos (12 anos e meio), o uso de substâncias teria se iniciado algum tempo depois (em termos médios). A discussão a respeito da ordem de manifestação das condutas apresenta resultados mistos. Contudo, a maioria dos estudos apontam que a prática de delitos costuma anteceder a de uso de substâncias (Mason et al., 2010; White, 2015). Apesar disso, no estudo de Bono (2015), por exemplo, os jovens recrutados em contexto equivalente ao do presente estudo, também judicializados, apresentaram idade de início similar para ambas as condutas (em torno dos 12 anos), o que ressalta a importância de adotar modelos não determinísticos de causalidade entre as condutas.

Ao dividir a amostra geral em grupos, de acordo com o padrão de conduta delituosa, foi possível observar, como esperado, grande discrepância entre os padrões apresentados pelos jovens, sendo o padrão marcado por maiores índices infracionais aquele do grupo apresentando conduta distintiva/persistente. Apesar de ambos os grupos apresentarem idades de início

similares, os valores mínimo e máximo de idade de início dos jovens com conduta distintiva foram menores, assim como todas as medidas de frequência de delitos reportados (frequência total, sem contabilizar o tráfico e de delitos violentos) foram muito maiores para este grupo também. A idade de início da prática infracional de ambos os grupos se apresenta como precoce, quando comparadas ao que aponta a literatura internacional (Le Blanc, 2003; Moffit, 2018), mas se alinham aos dados identificados em outros estudos brasileiros, como os de Komatsu e Bazon (2015; 2017), que investigaram jovens com diferentes níveis de engajamento infracional, o que pode sugerir que, talvez, os jovens, na realidade brasileira, possam manifestar a prática de delitos de forma mais precoce do que os jovens em outros contextos socioculturais e que essa precocidade não é um marcador tão relevante em nosso contexto, como é em outros contextos.

Além disso, foi observada uma maior diversidade de classes de delitos, sendo que 100% dos jovens apresentando conduta classificada como distintiva reportaram prática de pelo menos um delito violento. Como já apontado, a literatura da Psicologia Criminal e Criminologia Desenvolvimental mostram, com base em estudos empíricos e longitudinais, que os jovens que apresentam um padrão de conduta distintiva/persistente reportam um início mais precoce, uma alta frequência e diversidade de delitos, com a possibilidade de agravamento, marcado por implicação em delitos contra pessoas, ou seja, que envolvem violência (Farrington et al., 2006; Le Blanc, 2003; Moffit, 2018; Piquero, 2000). Apesar de os dois grupos terem como delito mais praticado o tráfico de drogas, pela frequência total de delitos é possível apreender um maior envolvimento dos jovens apresentando conduta distintiva, com a atividade de tráfico de drogas, em razão de um intervalo de tempo muito superior (denotando a prática por mais tempo/maior duração).

Focalizando agora o padrão de uso de maconha, em meio aos jovens estudados, deve-se ressaltar que o pequeno tamanho amostral limita a possibilidade de aferir diferenças estatísticas significativas, entre os dois grupos, o que ressalta a importância de tomar tais inferências com mais parcimônia. Todavia, é possível observar algumas diferenças entre os grupos de uso diário e esporádico de maconha, no tocante aos problemas associados ao uso de substâncias. Os jovens que reportaram uso diário apresentaram, modestamente, escores mais elevados em algumas densidades absolutas, principalmente nos domínios de lazer/recreação, relacionamento com pares, trabalho, sistema escolar e uso de substâncias. Como já apontado, jovens que reportam uso de substâncias em níveis mais nocivos podem estar mais expostos a fatores de risco (em intensidade e diversidade) e, por sua vez, podem também apresentar mais

prejuízos em diferentes dimensões, como as identificadas neste estudo (De Micheli & Formigoni, 2000; Komatsu et al., 2021), o que também é identificado para jovens com maiores níveis de engajamento infracional. Os jovens de ambos os grupos apresentaram densidade de problemas globais similares, e a maioria preencheu critério para uso exploratório, somente. Isso, contudo, pode ser explicado pela baixa percepção de problemas associados ao uso, ou a não-oferta de informação, por precaução da parte dos jovens, como explanado anteriormente.

Outro aspecto importante, diferencial dos grupos em termos de padrão de uso de substâncias é que, embora em ambos eles tenham apresentado idade de início também semelhantes, o intervalo entre os valores mínimo e máximo de idade do início do uso para os jovens apresentando uso diário foi ligeiramente menor, e uma parcela destes jovens relataram o uso de maconha previamente ao de álcool. Este dado pode sugerir que os jovens que iniciam o uso precoce de maconha podem apresentar uma maior probabilidade de desenvolver padrões de uso de maconha mais nocivos e/ou prejudiciais (Costello et al., 2011; Madruga et al., 2012) e, também, pelo fato de o início do uso de substâncias ser com uma substância ilegal (apresentado comportamento diferente no que respeita à sequência hierárquica entre as substâncias, conforme dado de população geral), eles apresentam maiores riscos para o desenvolvimento de padrões de uso mais problemáticos (Kandel & Yamaguchi, 1993; White, 2015).

Considerando a composição dos quatro grupos formados pelo cruzamento dos padrões de conduta delituosa (distintiva e comum) e de uso de maconha (diário e esporádico), passou-se à Análise de Contingências tendo por base as informações coletadas com o Roteiro de Entrevista Semiestruturada elaborado para esse fim, investigando o histórico de uso de álcool e de maconha (as substâncias que se destacaram pela maior frequência de uso). Na análise, focalizou-se o contexto, os fatores de risco presentes, os principais efeitos experienciados e os processos envolvidos. Além disso, o roteiro permitiu levantar informação visando a identificação das unidades funcionais implicadas no uso atual dos participantes, sendo possível categorizar, por meio das respostas transcritas, as principais unidades envolvidas no comportamento operante do uso de substâncias, como estímulos discriminativos (verbais e não verbais), operações estabelecedoras, resposta e suas consequências, focando, também, no possível condicionamento com o ambiente.

Em síntese, o início do uso de álcool e de maconha nos quatro grupos apresentou diversas semelhanças. Os principais contextos foram de socialização de jovens (festas) e na ausência de supervisão parental, em suas próprias casas ou de familiares, que se caracterizam

como ambientes de aumento de risco para a manifestação de comportamentos antissociais (Bazon & Komatsu, 2021; Galinari et al., 2019; Nawi et al., 2021; Simons, Sutton, Shannon, Berg & Gibbons, 2017). Além disso, foi identificada a busca por sensações, uma característica inerente à adolescência, que pode propiciar riscos em decorrência da própria experimentação de novos contextos, teste de limites e valor reforçador de novas atividades (Arain et al., 2013, Bennett et al., 2008). A associação a pares usuários também foi reportada. Esta pode se caracterizar como fator de risco em decorrência da própria pressão social que se estabelece para realização de novos comportamentos (Nawi et al., 2021), que possam ter a função de garantir pertencimento ao grupo e facilitar a construção de uma identidade própria (na adolescência, é possível perceber uma sensibilização e maior atenção a opiniões e aceitação dos pares). Além disso, a presença de familiares usuários também foi mencionada e está relacionada à aquisição de novos comportamentos, por meio de exposição a modelos (Chein, Albert, O'Brien, Uckert & Steinberg, 2011; Davis, Dumas, Wagner & Merrin, 2016; Le Blanc, 2006, Nawi et al., 2021).

Destaca-se também o fácil acesso a substâncias, observado em todos as contingências de primeiro uso e de uso atual. Este fator, no contexto de comunidades descritas como desorganizadas, vem sendo indicado como um importante fator de risco para a manifestação do uso de substâncias (Davis et al., 2016; Hawkins et al., 2002, Nawi et al., 2021). Os pensamentos e regras mais reportados foram em relação às expectativas quanto aos efeitos das substâncias (Hecht et al., 2008), que se resumiam, principalmente, aos efeitos agradáveis, a normalização do uso nos ambientes de frequentação e a percepção de maturidade atrelada aos comportamentos de beber ou fumar maconha, apesar de que a percepção de maturidade foi mais atrelada ao álcool (Dijkstra et al., 2015; Simons et al., 2017).

As principais consequências reportadas, associadas ao primeiro uso de álcool foram efeitos como agitação motora, sensação de prazer, atenção social e aprovação social (que geraram efeitos de euforia), desinibição, diminuição da atividade motora e diminuição do fluxo de pensamentos (relaxamento). De fato, a literatura mostra que o álcool, apesar de ser caracterizado como uma droga depressora do Sistema Nervoso Central (SNC), possui duas fases em que se apresentam efeitos psicofarmacológicos diferentes: em um primeiro momento, em doses mais baixas, o álcool possui propriedade excitatória, responsável por sensações de euforia; depois, ele apresenta propriedade depressora, diminuindo a atividade do SNC, apresentando efeitos como diminuição da atividade motora, do discurso e de funções executivas (Gonçalves, 2021; Reichert et al., 2021b).

Sublinha-se que os jovens do G1 e G3 (ambos apresentando padrão de conduta delituosa distintiva) não reportaram aversão ao beberem pela primeira vez, e reportaram, levemente, o uso atual de álcool de forma mais intensa, vinculado à experiência de emoções aversivas. Os jovens do G2 e G4 (ambos apresentando padrão de conduta delituosa comum/normativa) reportaram uma maior aversão ao álcool, na primeira vez, e reportaram uso atual de bebidas alcoólicas menos concentradas e de forma mais esporádica.

Com relação aos constrangimentos parentais, os jovens em G1(apresentando problemáticas significativas no tocante ao envolvimento em prática de delitos e de uso de substâncias) reportaram punições mais severas, como abuso físico, ao passo que os jovens em G3 (problemática significativa somente no tocante ao envolvimento em prática de delitos) relataram permissividade por parte dos responsáveis. Em G2 e G4 (ambos com conduta delituosa normativa) relataram a ocorrência de constrangimentos parentais, mas em um nível, aparentemente adequado. Como aponta a literatura, estilos parentais que envolvam práticas autoritárias ou muito permissivas podem se caracterizar como fator de risco para o desenvolvimento de problemas de comportamento, e podem envolver práticas parentais como punição física e negligência ou ausência de supervisão, mais diretamente associadas à probabilidade do desenvolvimento de comportamentos antissociais (Pinheiro & Gomide, 2020; Valente, Cogo-Moreira & Sanchez, 2017). Nessa seara, seriam interessantes mais estudos, visandomelhorar as informações sobre as práticas parentais, sobretudo as implementadas junto aos jovens em G2, grupo no qual os jovens, embora não apresentando padrão de conduta delituosadistintiva, apresentariam padrão de uso de maconha problemático.

As consequências mais reportadas do primeiro uso de maconha foram risos imotivados, sonolência, sensação de prazer, diminuição da atividade motora e do discurso, aumento do apetite, e mudança da percepção, todos efeitos comuns decorrentes do uso de maconha(Reichert et al., 2021b). Além disso, novamente destacou-se a importância da atenção e da aprovação por pares de idade, e a presença de punições aplicadas pelos pais/responsáveis. No que diz respeito ao primeiro uso de maconha, os jovens reportaram condições semelhantes, como citado anteriormente. A principal diferença identificada foi a de que os jovens em G1 e G3 (apresentando conduta delituosa distintiva) descreveram o uso em contextos criminalizados,na companhia de pares infratores, tais como o contexto do tráfico (biqueira) e outros locais de socialização em que o uso de substâncias ilícitas é efetuado com frequência por outros jovens (segundo os participantes), como praças, pistas de skate e, até mesmo, em momentos antes das atividades escolares. A exposição a pares e a ambientes criminalizados constitui um fator de

risco altamente significativo para a delinquência juvenil e para o uso de substâncias (Davis et al., 2016; Ewing et al., 2015; Le Blanc, 2006). O uso de substâncias nestes ambientes é concebido por outros autores como um mecanismo de relação causal entre crime e droga (Goldstein, 1985; Komatsu et al., 2018).

Ao analisar o uso atual de álcool dos jovens dos quatro grupos, foi possível verificar elementos característicos em comum àqueles do primeiro uso, destacando-se, contudo, que o uso atual, segundo os jovens, seria delimitado ao consumo de bebidas alcoólicas nos finais de semana, principalmente em contextos de socialização. Apesar do uso atual de álcool não ser tão frequente como o de maconha, foi possível observar, também, a indicação de que o consumo de bebidas alcoólicas aconteceria mediante experiências de condições ou de emoções aversivas, tais como raiva, estresse, sensações de insegurança, tédio (privação de reforçadores), ansiedade (e experimentar pensamentos intrusivos) e tristeza. Nestas condições, os jovens reportaram uso de álcool em maiores quantidades (tolerância), ou experiência de fissura, sendo o álcool uma estratégia de enfrentamento. Isto se explica pelas consequências percebidas pelo uso de álcool, como diminuição do fluxo de pensamentos, da atenção e da atividade motora, desinibição e alívio de algumas destas emoções (Reichert et al., 2021b). Seria importante que novas pesquisas pudessem identificar e compreender as condições aversivas vivenciadas pelos jovens, assim como descrever seu repertório comportamental de enfrentamento de adversidades. É fato que dificuldades de regulação emocional se caracterizam como fator de risco bem estabelecido na literatura para a manifestação e para a manutenção do uso de substâncias (Darharaj et al., 2023; Nawi et al., 2021). Dessa forma, o uso de substâncias pode atuar como estratégia para atenuar ou para evitar emoções aversivas (convertendo-se em uso com final de automedicação), caracterizando-se como comportamentos de fuga e esquiva, mantidos por meio do reforço negativo (Aranha & Oshiro, 2019; Avery, 2011; Dowden & Latimer, 2006; Reichert et al., 2021a). Além disso, processos como fissura e tolerância podem se condicionar aos contextos em que estas emoções estão presentes, de forma que sensações de forte desejo e a necessidade de uma maior quantidade ou concentração de substâncias sejam experienciadas (Darharaj et al., 2023; Siegel & Ramos, 2002; Volkow et al., 2006). Vale sublinhar que o aumento do consumo de bebidas alcoólicas em contextos de vivência de emoções aversivas se destacou para G1 e, inusitadamente, para G4 (grupo caracterizado por apresentar indicativos de problemáticas não significativas). Contudo, os grupos que apresentaram uso de álcool em maiores quantidades foram G1 e G3 (ambos apresentando

conduta delituosa distintiva), os mesmos que também reportaram mais frequentemente o uso na companhia de pares infratores.

O uso atual de maconha, evidentemente, se apresentou de forma muito mais acentuada em G1 e G2 (ambos caracterizados por uso diário da substância). Da mesma maneira que o uso atual de álcool, foi possível observar relação com contextos de socialização. Contudo, o uso atual de maconha se apresentou muito vinculado a experiências de condições aversivas, especialmente para os grupos de uso diário. Quase todos os jovens destes grupos reportaram fumar maconha ao acordar, de forma a sentir disposição, antes de almoçar, para conseguirem sentir apetite, e antes de dormir, para que conseguirem relaxar e, enfim, dormir. Além disso, ao vivenciar emoções como estresse, raiva e privação de reforçadores (tédio), os jovens relataram experimentar fissura, ou uma necessidade de fumar uma maior quantidade de maconha (tolerância). Assim como no tocante ao uso de álcool, o uso de maconha remete a processos se caracterizam e são percebidos pelos próprios jovens como forma de autorregulação (descritos pelas autorregras identificadas), e sugerem um condicionamento muito maior para o uso de maconha (tanto por reforço positivo, quanto negativo), vista a frequência em que este comportamento ocorre (Aranha & Oshiro, 2019; Avery, 2011; Darharaj et al., 2023; Dowden & Latimer, 2006; Reichert et al., 2021a). Pode-se especular, também, a possibilidade do uso antes do almoço e de dormir, de forma repetitiva, ter promovido o processo de tolerância aprendida. Não só os antecedentes e os efeitos farmacológicos das substâncias podem se condicionar ao ambiente, mas também, as respostas fisiológicas geradas pelo organismo, após o uso (respostas compensatórias), de forma que na presença destes estímulos discriminativos, o próprio ambiente elicie estas respostas, fazendo com que seja necessário o uso de maconha ou de uma maior quantidade da substância (Siegel & Ramos, 2002; Volkow et al., 2006). Ressalta-se que os jovens em G1 e G2 (ambos com uso problemático de maconha) reportaram não conseguir comer ou dormir sem o uso da maconha, ou seja, denotaram seu uso como estratégia de autorregulação, e não como meio de buscar intensificação sensorial ou de buscar por sensações, como o referido associado ao primeiro uso. De fato, ao contrário do primeiro uso de maconha, efetuado em contextos mais relacionados à socialização com pares e à busca por sensações, o uso atual de maconha destes jovens se apresentaria em condições muito mais relacionadas à autorregulação. O uso em G3 (caracterizado por apresentar um uso de substância esporádico, mas um engajamento infracional significativo) foi o que menos apresentou vinculação com emoções aversivas, enquanto em G4 (caracterizado por apresentar um uso de substância esporádico, assim como um engajamento infracional não significativo), o uso

também pareceu condicionado ao contexto de emoções aversivas, porém, de forma menos grave e menos frequente que o verificado em G1 e G2.

Pode-se conjecturar que G1, por apresentar níveis mais problemáticos de uso de ambas as substâncias e padrão de conduta delituosa distintiva, também apresentou maiores problemáticas, de forma geral, talvez pela relação complexa entre droga e crime. Assim as vivências de emoções aversivas (no contexto infracional ou não) seriam mais intensas e, mediante baixo repertório comportamental, o uso acentuado das substâncias, com como estratégia de regulação emocional seria mais evidente. G2, caracterizado pelo uso de maconha acentuado, mas engajamento infracional normativo (não distintivo), também apresentou um condicionamento do uso de maconha durante a experiência de condições aversivas denotando, igualmente, um limitado repertório de enfrentamento em situações adversas, de forma geral (mas, não associado à prática infracional). G3, caracterizado por uso esporádico de maconha (e, também, de álcool), mas conduta delituosa distintiva, talvez reúna os jovens com mais alta socialização criminal (em convivência/aceitação social do entorno – incluindo o familiar). Nesse sentido, pode-se cogitar uma especialização na prática de delitos (sem que a implicação nessa se constitua em fonte de estresse). G4, por seu turno, para o qual se esperava menores índices de uso de ambas as substâncias e menores problemáticas associadas, talvez apresente as mesmas condições que as identificadas em G2 (um condicionamento do uso de substâncias atrelado a experiência de condições aversivas) denotando um limitado repertório de enfrentamento em situações adversas, de forma geral (mas, não associado à prática infracional). Nesse grupo, o diferencial seria o fato de o padrão de uso de maconha não ter se desenvolvido, no sentido de ser um uso diário. Pode-se pressupor, também, que o critério de seleção “manifestar uso diário de maconha” não tenha sido adequado para discriminar os participantes, de forma que fosse possível analisar o padrão de uso e problemas associados. Apesar de G4 não reportar uso diário de maconha, ainda assim, apresentou uso frequente, em alguns dias da semana, e em quantidades maiores que G3.

O uso de substâncias como estratégia de enfrentamento manifestou-se com a mesma função na relação entre uso de substâncias e prática de delitos. Em G1, a maioria dos participantes reportou o uso de substâncias antes ou durante a prática de algum delito, sendo que a maioria reportou o uso com o intuito de aliviar emoções aversivas ou estados de tensão. Apenas um participante não reportou uso antes ou durante o ato delituoso, de forma que fosse

possível preservar suas capacidades cognitivas, o que demonstraria mais alto planejamento e, por conseguinte, forte engajamento infracional. A maioria dos jovens também relatou o uso de substâncias após a prática do delito (até mesmo aquele que indicou não fazer uso antes), como estratégia de alívio de tensões vivenciadas durante a prática infracional, ou pelo fato de ter obtido dinheiro extra. Foi possível identificar que o uso se daria, majoritariamente, na presença de pares infratores; para uma parcela dos jovens se perceberia o auxílio da droga na prática infracional. O uso antes ou durante a prática infracional, como forma de alívio de tensões, assim como a prática de delitos como forma de sustentar o uso já foram postulados como fatores criminogênicos nos modelos causais da relação crime-droga, assim como o uso depois dos delitos, com a mesma função, ou como consequência da obtenção de dinheiro extra, de forma que a prática infracional sustenta o uso de substâncias (Goldstein, 1985; Komatsu et al., 2018; Menard et al., 2001; White, 2015). Também se destaca o fato do uso de substâncias, majoritariamente a maconha, ser efetuado no contexto do tráfico de drogas e com pares infratores e, ainda, a duração da prática de delitos, por um longo período (entre 1 e 5 anos), em G1 (Davis et al., 2016; Ewing et al., 2015; Le Blanc, 2006).

Percebe-se, então, que para este grupo, a relação crime-droga se apresenta de forma clara. O uso de substâncias em G1 teria se iniciado em contextos criminalizados e, pode-se conjecturar, também, que se o uso de substâncias teria se manifestado de forma mais intensa, como estratégia de alívio de tensões associadas à prática infracional, generalizando-se como estratégia de autorregulação para outros contextos (outros que o da prática de delitos), também eliciadores de emoções aversivas (identificadas na análise de contingências). De igual modo, pode-se conjecturar que o uso de substâncias se manifestou de forma mais intensa nestes contextos de emoções aversivas e ter se generalizado para o contexto da prática infracional, como emprego de estratégia de autorregulação no contexto criminalizado (Simões, Yamauchi & Miguel, 2021). De qualquer forma, percebe-se que o primeiro uso de álcool e de maconha em G1 se manifestou como forma de busca por sensações e de atenção social de pares, fatores que se apresentam para a maioria dos adolescentes que manifestaram estas condutas de forma normativa. Destaca-se, contudo, que o início do uso de maconha se deu, também, junto a pares criminalizados e em ambientes criminalizados. Embora o uso de álcool e de maconha terem podido se manifestar de modo equivalente àquele apresentado pelos jovens dos outros grupos, analisando a trajetória do uso de substâncias, é possível observar a intensificação e o condicionamento em contextos de vivências de emoções aversivas (especialmente, o uso da maconha). O contexto de pares usuários e o uso de substâncias como principal fonte de

reforçadores se evidencia ao se observar as densidades absolutas do DUSI-R, que apresentaram escores mais elevados: lazer/recreação e relacionamento com pares.

A relação entre uso de substâncias e prática de delitos em G2 apresenta semelhanças e diferenças importantes na comparação com G1. Apesar de mais da metade reportar uso de maconha antes e durante à prática infracional, apenas alguns relataram intuito do uso para aliviar tensões do ato delituoso. Contudo, o que mais se destaca, comparado a G1, é que a duração da prática do delito - o tráfico de drogas (e de uso de maconha durante o tráfico) - foi bem inferior (entre 3 e 10 meses), denotando uma conduta menos sustentada no tempo/menos persistente. Além disso, poucos participantes deste grupo reportaram uso depois do delito (com a mesma função medicamentosa), com pares infratores e percepção de auxílio da substância na infração.

No que diz respeito à relação entre crime e droga em G3, é possível observar que alguns dos participantes reportaram uso de substâncias antes e durante a prática de delitos, mas com apenas tendo relatado o uso para a prática infracional, de forma que pudesse experimentar sensações e atenuar tensões durante o tráfico. Ressalta-se também que o período da prática do tráfico neste grupo foi muito menor que identificado para os grupos anteriores (de apenas uma semana). Seu engajamento em delitos, dar-se-ia por intermédio da implicação em outros tipos de delitos. Ademais, outra parcela desse grupo relatou não fazer uso de nenhuma substância durante a prática de delitos, para que pudesse preservar as capacidades cognitivas durante a infração, assim como um participante em G1 (que também preencheu critérios para conduta delituosa distintiva), o que denota novamente planejamento e engajamento infracional.

A maioria dos participantes em G3 reportou uso de álcool ou de maconha após os delitos, como forma de alívio de tensões ou de comemoração da prática infracional, sendo que apenas um reportou fazer uso com pares infratores, na atualidade. Destaca-se, portanto, que uma parcela deste grupo apresentava engajamento infracional, mas não o uso de substâncias antes do delito, e apenas um participante indicou fazer uso antes dos delitos, porém, em um contexto ligado à busca por sensações. Apesar de ser identificado o uso como estratégia de regulação emocional durante o tráfico, é importante lembrar que o tempo de implicação no tráfico foi muito menor.

A análise da relação entre uso de substâncias e prática de delitos em G4, por fim, mostrou que apenas alguns participantes fariam uso de alguma substância antes da prática infracional, sendo que nenhum utilizou antes ou durante a prática com o intuito de cometer o

delito. Dois participantes relataram não terem feito uso de maconha antes ou durante o tráfico, para não prejudicar seu desempenho. Contudo, destaca-se que a prática do tráfico nesse grupo se deu em um curto espaço de tempo (um dia/um mês). Apenas dois participantes reportaram uso de maconha após o tráfico, novamente, em curtos espaços de tempo. Apenas dois reportam uso com pares infratores.

Em síntese, a relação entre ambas as condutas investigadas neste estudo se apresentou de acordo com os níveis de uso de maconha e de engajamento infracional. Para o G1 (uso diário de maconha e conduta delituosa distintiva) pode-se observar que ambas as condutas se relacionam a uma problemática em comum: a dificuldade de lidar com emoções/condições aversivas, provavelmente relacionada ao fato de estarem em condição de muita adversidade e, também de possuírem um baixo repertório de enfrentamento. Embora essas condições mereçam mais estudos, lidando com mais informação, coletadas de diferentes modos, pode-se dizer que a hipótese vai ao encontro do proposto por Le Blanc (2006, 2009), quanto ao modelo da síndrome geral do desvio, pela qual a prática de delitos e de uso de substâncias podem compartilhar de fatores de risco em comum e, ao se manifestarem, apresentam relações de aproximação e intensificação, com o aumento de frequência e da gravidade e, assim, se reforçam por problemáticas associadas em comum, construindo uma relação complexa e se tornando um só problema. Indivíduos que manifestam ambas as condutas em padrões intensos/problemáticos, quando comparados a indivíduos que apresentam problemática significativa atinente a apenas uma das condutas, também teriam maior probabilidade de apresentarem defasagens desenvolvimentais importantes e mais problemas associados (Walters, 2018).

As relações identificadas em todos os grupos, mas de maneira muito mais expressiva para o G1, são descritas em diferentes modelos teóricos. Os mecanismos dos modelos causais estão incluídos, sendo possível observar o uso de substâncias, especialmente da maconha, antes ou durante a prática infracional, como forma de atenuação de tensões e facilitação da conduta antissocial, a pressão econômica para a manutenção do uso, e o contato com contextos criminalizados, especialmente o do tráfico (Goldstein, 1985; Komatsu et al., 2018; White, 2015). Também é possível identificar os mecanismos propostos no modelo do crime como condição de manifestação do uso de substâncias, observando o relato relativo ao dinheiro extra, advindo do tráfico, como facilitador do uso de substâncias e, também, do contexto de uso de maconha, sem restrições, no contexto do tráfico (abundância de oferta e acessibilidade).

Os modelos de causa comum também são pleiteados, observando que diversos dos fatores de risco identificados nas análises de contingências, também se apresentam como fatores de risco para a manifestação, manutenção e agravamento da conduta delituosa, tais como baixo autocontrole (visto a dificuldade de controlar o uso de substâncias), busca por sensações, compartilhamento de crenças antissociais, pressão por pares e associação a pares usuários e infratores, ausência de supervisão e outras práticas parentais inadequadas, além de familiares usuários, dificuldades vivenciadas no ambiente escolar, rotina desestruturada (o que também se evidencia pela falta de reforçadores e de atividades pró-sociais), fácil acesso a substâncias, bairros criminalizados e comunidades desorganizadas (Bazon & Komatsu, 2021; Davis et al., 2016; Galinari et al., 2019; Komatsu et al. (2021); Nawi et al., 2021; Pinheiro & Gomide, 2020; Simons et al., 2017). Estes fatores de risco explicam as maiores pontuações nos domínios relacionamento com pares, lazer/recreação e ambiente escolar, identificadas no DUSI-R.

Estudos mostram que contextos comunitários permeados pelo tráfico de drogas e por valores de normalização do tráfico são fatores de risco significativos a desempenhar um papel importante para a manifestação e para a manutenção do uso de substâncias, especialmente da maconha, de forma a dessensibilizar os jovens em relação aos prejuízos advindos do uso, e aumentando o acesso às substâncias (Valdez et al., 2021; Valdez et al., 2022). Uma significativa parte de crimes cometidos poderiam ser evitados se os infratores não se encontrassem sob efeitos do uso de substâncias ou em busca de substâncias (Young et al., 2021). De fato, no presente estudo, é possível apreender, de acordo com a diminuição do agravamento dos problemas no plano das condutas (do Grupo 1 ao Grupo 4), que a duração da prática do tráfico de drogas, no tempo, diminuiu, mesmo que o G3 também apresentasse padrão de conduta delituosa distintiva, assim como o uso de substâncias. Isto sugere que talvez o tempo despendido ao tráfico de drogas e ao uso de substâncias (com destaque para a maconha), no contexto do tráfico, pode ser fundamental ao desenvolvimento da relação crime-droga e sua complexificação, além do aumento de problemas associados.

Esta hipótese também se vale dos processos comportamentais identificados na análise de contingências do uso atual de maconha, como explanado anteriormente: talvez o uso como estratégia de regulação emocional tenha se iniciado em decorrência da vivência de emoções aversivas no contexto do tráfico, ou então, se iniciado antes da prática do tráfico, e se generalizado para este contexto. Ademais, a literatura mostra que maiores frequências de uso de maconha, especialmente o uso diário, aumentam significativamente as chances para o

desenvolvimento do Transtorno por uso de Maconha, e diversos problemas associados (Robinson, 2022).

Ao analisar as relações entre uso de substâncias e práticas de delitos identificadas neste estudo, é possível apreender que apenas um modelo explicativo, principalmente os que assumem caráter determinístico, não dê conta de abarcar toda a complexidade da relação entre ambas as condutas, e que métodos de análise e de investigação que explorem relações bidirecionais, e que englobem diferentes mecanismos de influência, talvez possam ser de maior interesse (Bean, 2008; Komatsu et al., 2018; Walters, 2014; 2018; White, 2015).

6. LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou investigar as características pessoais e contextuais implicadas na conduta problemática de uso de substâncias em jovens que apresentavam variados padrões de conduta delituosa, visando evidenciar as diferenças em fatores atinentes ao uso problemático de substâncias e observar aqueles que parecem mais relacionados a um maior engajamento em práticas de delitos. Isto foi feito por meio de instrumentos e de análises que permitiram a caracterização da amostra em termos sociodemográficos, mas também em termos de padrão de conduta delituosa, de padrão de uso de substâncias e de problemas associados, implementado ainda análise de contingências do primeiro uso e uso atual de álcool e maconha, além da descrição das possíveis relações entre uso de substâncias e prática de delitos. Ressalta-se o emprego de metodologia mista, permitindo a triangulação e complementariedade dos dados.

Foi possível observar fatores de risco em comum para o primeiro uso de álcool e de maconha, porém, evidenciando que os grupos com padrões de conduta delituosa distintiva manifestaram o primeiro uso junto a pares e em ambientes criminalizados. A análise de contingências do uso atual de maconha evidenciou que a manutenção destes comportamentos, para os grupos com padrões de conduta mais problemáticos, se dá principalmente pela diminuição de emoções e condições aversivas, como forma de regulação emocional. A análise da relação entre o uso de substâncias e a prática de delitos permitiu identificar a exposição dos jovens a fatores de risco em comum, para ambas as condutas e diferentes mecanismos de influência, tais como o uso de substâncias antes, durante e depois da prática infracional, novamente como forma de atenuar tensões vivenciadas no agir delituoso, a possibilidade de acesso às drogas, com dinheiro obtido com as infrações, com a prática de delitos para sustento

do uso. Destacaram-se o contexto do tráfico e a dificuldade de lidar com emoções aversivas como principais fatores de fusão entre droga-crime.

Pode-se sublinhar, desde já, que intervenções com jovens infratores e/ou usuários de substâncias podem avaliar e propor intervenções visando desenvolver o repertório de estratégias de regulação emocional. Assim, este estudo contribuiu com dados para a literatura científica ao realizar a análise de contingências do primeiro uso e uso atual de álcool e maconha de jovens com diferentes padrões de conduta delituosa, identificando as principais unidades funcionais. Também ofereceu dados para auxiliar na melhor compreensão da “relação crime-droga”.

Contudo, também possui limitações. Apesar de o autorrelato se configurar como importante estratégia de pesquisa, também pode apresentar vieses, especialmente em um estudo de natureza retrospectiva e em um contexto de avaliação pré-judicial. Ademais, mesmo o estudo tendo como objetivos caracterizar e descrever trajetórias da prática infracional e do uso de substâncias e apreender relações entre as condutas, passível de serem alcançados com o delineamento implementado, considera-se que a amostra limitada e a impossibilidade de realizar cálculos e testes estatísticos inferenciais, mais complexos, é um importante limite e circunscreve as generalizações possíveis.

Futuras investigações podem ser implementadas com o intuito de realizar análises de contingências da prática infracional, replicando estes objetivos em amostras maiores, com a proposta de generalizar achados das análises de contingências, realizando diferentes e novas comparações entre grupos caracterizados por apresentarem diferentes padrões de uso e de conduta delituosa, e examinar as possíveis relações entre o tráfico de drogas e o uso de substâncias, e também, investigar emoções comuns presentes nos atos infracionais e uso de substâncias psicoativas. Devem ainda analisar as relações entre uso de drogas e prática de delitos e possíveis emoções advindas, e investigar se a prática de delitos está relacionada ao uso de substâncias.

REFERÊNCIAS

- Agra, C. (1998). *Entre Droga e Crime*. Porto: Casa das Letras.
- AlMohaishi, S., Mohanna, A., Alshehri, F., Alsaleem, M., Alzamil, A., Al-Aithan, F. ... Alqahtani, M. (2018). Substance abuse risk factors: Systematic review in literature. *Indo American Journal of Pharmaceutical Sciences*, 5(12), 15757-15764. doi:10.5281/zenodo.2084459.
- American Psychiatric Association. (1987). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders – DSM - III*. Washington, DC: American Psychiatric Association.
- American Psychiatry Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders - DSM-5*. Washington: American Psychiatric Association
- Andretta, I. & Oliveira, M. S. (2008). Efeitos da entrevista motivacional em adolescentes infratores. *Estudos em Psicologia*, 25(1). doi:10.1590/S0103-166X2008000100005
- Anuniação, D., Trad., L. A. B. & Ferreira, T. (2020). “Mão na cabeça!”: Abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste. *Saúde e Sociedade*, 29(1). doi:10.1590/S0104-12902020190271
- Arain, M., Haque, M., Johal, L., Mathur, P., Nel, W., Rais, A. Sharma, S. (2013). Maturation of the adolescent brain. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 9, 449-461. doi: 10.2147/NDT.S39776
- Aranha, A. S. & Oshiro, C. K. B. (2019). Contribuições da psicoterapia analítica funcional (FAP) no tratamento do transtorno por uso de substâncias (TUS). *Acta comportamental*, 27(2), 197-213. Acesso em: <https://psycnet.apa.org/record/2019-69128-005>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2020). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2022). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>.
- Aureliano, L. F. G. & Borges, N. B. (2012). Operações motivadoras. In. N. B. Borges, F. A. Cassas e colaboradores. *Clínica Analítico-Comportamental. Aspectos teóricos e práticos*, 32-39. Porto Alegre: Artmed

- Avery, M. (2011). Behavior analysis and addictive behavior: A chance for change. *Research Papers. Paper 48*, 1-69. Acesso em: http://opensiuc.lib.siu.edu/gp_rp/48
- Banaco, R. A. (1997). Auto regras e patologia comportamental. In. D. R. Zamignani (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição. Aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos*, vol.3, cap.12. São Paulo: Arbytes.
- Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. In. R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição*, vol.4, cap. 9. Santo André: Esetec.
- Barberet, R., Bowling, B., Junger-Tas, J., Rechea-Arberola, C. & Zurawan, A. (2004). *Self-Reported Juvenile Delinquency in England and Wales, The Netherlands and Spain*. Helsinki: Heuni.
- Basto-Pereira, M. & Farrington, D.P. (2022). Developmental predictors of offending and persistence in crime: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior*, 65. doi:10.1016/j.avb.2022.101761
- Bazon, M., & Galinari, L. (2017). Psychological Profiles of Brazilian Adolescent Offenders. *International Annals of Criminology*, 55(2), 158-171. doi:10.1017/cri.2018.3
- Bazon, M. R. & Komatsu, A. V. (2021). Juvenile Delinquency in Brazil: Development of Adolescents in Adverse Contexts. In: B. E. B. Eguiarte & P. S. Brito. (Orgs.). *Child and Adolescent Development in Risky Adverse Contexts A Latin American Perspective* (199-222). Mexico City: Springer.
- Bazon, M. R., Komatsu, A. V., Panosso, I. R. & Estevão, R. (2011). Adolescentes em conflito com a lei, padrões de comportamento infracional e trajetória da conduta delituosa: Um modelo explicativo na perspectiva desenvolvimental. *Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade*, 5, 59-87. doi:10.17921/2176-5626.n5p%25p
- Bean, P. (2008). Drugs and crime: theoretical assumptions. In P. Bean, *Drugs and Crime*, (19-50, 3ed), Cullompton: Willan Publishing.

- Beavers, G. A., Iwata, B. A., & Lerman, D. C. (2013). Thirty years of research on the functional analysis of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis, 46*(1), 1–21. doi: <https://doi.org/10.1002/jaba.30>.
- Bennett, T., Holloway, K., & Farrington, D. (2008). The statistical association between drug misuse and crime: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior, 13*(2), 107–118. doi:10.1016/j.avb.2008.02.001
- Benvenuti, M. F. (2004). Condicionamento respondente: Algumas implicações para o desenvolvimento de tolerância, síndrome de abstinência e overdose. In Abreu, C. N. & Guilhardi, H. J. (2004). *Terapia Comportamental E Cognitivo-comportamental - Práticas Clínicas*. São Paulo: Roca.
- Bono, E. L. (2015). *Adolescentes em conflito com a lei: Relações entre o comportamento delituoso e o uso de substâncias psicoativas*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Acesso em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122015-121319/pt-br.php>.
- Borloti, E. B., Haydu, V. B., & Machado, A. R. (2015). Crack: Análise comportamental e exemplos das funções da dependência. *Acta Comportamentalia, 23*(3), 323–338. Acesso em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-52924-007>.
- Brasil. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Estatuto da Juventude*. Brasília: Diário Oficial da União, 2013
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa.
- Bright, C. L., Sacco, P., Kolivoski, K. M., Stapleton, L. M., Jun, H. & Morris-Compton, D. (2017) Gender differences in patterns of substance use and delinquency: a latent transition analysis, *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse, 26*(2), 162-173. doi:10.1080/1067828X.2016.1242100
- Brochu, S. (1997). *O estado da investigação científica na América do Norte*. Lisboa: Futura Ltda.
- Brook, J. S., Lee, J. Y., Finch, S. J. & Brook, D. W. (2015). Conjoint trajectories of depressive symptoms and delinquent behavior predicting substance use disorders. *Addictive Behaviors, 42*, 14-19. doi:10.1016/j.addbeh.2014.10.038

- Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56(2), 81–105. doi:10.1037/h0046016.
- Carlini, E. L. A., Noto, A. R., Sanchez, Z. v. d. M., Carlini, C. M. A., Locatelli, D. P., Abeid, L. R. ... Moura, Y. G. (2010). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras*. Acesso em: <https://www.cebrid.com.br/vi-levantamento-estudantes-2010>.
- Castro, M. M. L. D. & Passos, S. R. L. (2005). Entrevista motivacional e escalas de motivação para tratamento em dependência de drogas. *Archives of Clinical Psychiatry*, 32(6). doi:10.1590/S0101-60832005000600004
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (4a. ed., A. Schmidt, D. das G. de Souza, F. C. Capovilla, J. C. C. de Rose, M. de J. D. dos Reis, A. A. da Costa, ... & A. Gadotti, (trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Chein, J., Albert, D., O'Brien, L., Uckert, K. & Steinberg, L. (2011). Peers increase adolescent risky taking by enhancing activity in the brain's reward circuitry. *Developmental Science*, 14(2). doi:10.1111/j.1467-7687.2010.01035.x
- Clark, L. A., Watson, D., & Reynolds, S. (1995). Diagnosis and classification of psychopathology: Challenges to the current system and future directions. *Annual Review of Psychology*, 46, 121–153. doi:10.1146/annurev.ps.46.020195.001005.
- Coelho, C. R., & Amaral, V. L. A. R. (2008). Análise de contingências de um portador de diabetes mellitus tipo 2: estudo de caso. *Psico USF*, 13(2), 243-251. Acesso em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2712008000200011.
- Coie, J. D., Watt, N. F., West, S. G., Hawkins, J. D., Asarnow, J.R., Markman, H. J., ... Long. (1993). The science of prevention: A conceptual framework and some directions for a national research program. *American Psychologist*, 48(10), 1013-1022. doi:10.1037/0003-066X.48.10.1013.
- Cone, J. D. (1997). Issues in functional analysis in behavioral assessment. *Behaviour Research and Therapy*, 35(3), 259–275. doi:10.1016/S0005-7967(96)00101-5

- Conselho Nacional de Justiça. (2012). *Panorama Nacional: A execução das medidas socioeducativas de internação. Programa Justiça ao Jovem*. Brasília, DF: Autor.
- Costa, R. C. S., Komatsu, A. V. & Bazon, M. R. (2019). Violent offenses and substance use among brazilian adolescents. *International E-journal of Criminal Sciences*, 14, 1-18. Acesso em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/inecs/article/view/21285>
- Costa, S. E. G. C. & Marinho, M. L. (2002). Um modelo de apresentação de análises funcionais do comportamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 19(3), 43-54. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000300005>.
- Costello, E. J., Copeland, W. & Angold, A. (2011). Trends in psychopathology across the adolescent years: What changes when children become adolescents, and when adolescents become adults? *Journal of Child Psychology and Psychiatric, and Allied Disciplines*, 52, 1015-1025. doi: 10.1111/j.1469-7610.2011.02446.x.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. (P. I. C. Gomide, Trad.). São Paulo: Atlas.
- Craig, J. M., Zettler, H. R., Wolff, K. T., & Baglivio, M. T. (2019). Considering the mediating effects of drug and alcohol use, mental health, and their co-occurrence on the adverse childhood experiences–recidivism relationship. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 17(3), 219–240. doi:10.1177/1541204018796910.
- Creswell, J. W., Clark, V. L., Gutmann, M. L., & Hanson, W. E. (2003). Advanced mixed methods research designs. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social and behavioral research*, (209-240). Thousand Oaks, CA: Sage.
- D’Abreu, L. C. F. (2011). Delinquência auto-revelada em serviços de medidas socioeducativas em meio aberto no Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(2), 154-170. Acesso em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2236-64072011000200003&script=sci_abstract
- Darharaj, M., Hekmati, I., Ayagh, F. M. G., Ahmadi, A., Eskin, M. & Ranjbar, H. A. (2023). Emotional dysregulation and craving in patients with substance use disorder: The mediating role of psychological distress. *International Journal of Mental Health and Addiction*. doi:10.1007/s11469-023-01031-z

- Darwich, R. A. & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118. Acesso em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-55452005000100011.
- Davis, J. P., Dumas, T. M., Wagner, E. F. & Merrin, G. J. (2016). Social ecological determinants of substance use treatment entry among serious juvenile offenders from adolescence through emerging adulthood. *Journal of Substance Use & Addiction treatment*, 71, 8-15. doi:10.1016/j.jsat.2016.08.004
- Dembo, R., Wareham, J., & Schmeidler, J. (2007). Drug use and delinquent behavior: A growth model of parallel processes among high-risk youths. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 680-696. doi:10.1177/0093854806296905
- De Micheli, D., & Formigoni, M. L. O. S. (2000). Screening of drug use in a teenage brazilian sample using the Drug Use Screening Inventory (DUSI). *Addictive Behaviors*, 25(5), 683-691. doi:10.1016/s0306-4603(00)00065-4.
- De Micheli, D., & Formigoni, M. L. O. S. (2002). Psychometric properties of the Brazilian version of the drug use screening inventory. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 26(10), 1523-1528. doi:10.1097/01.ALC.0000033124.61068.A7.
- De Rose, J. C. C. (1997). O que é comportamento? In: R. A. Banaco (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição*, v.1, cap. 9. São Paulo: Arbytes.
- De Souza, D. G. O que é contingência? In: R. A. Banaco (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição*, v.1, cap. 10. São Paulo: Arbytes
- Dijkstra, J. K., Kretschmer, T., Pattiselanno, K., Franken, A., Harakeh, Z., Vollebergh, W., & Veenstra, R. (2015). Explaining Adolescents' Delinquency and Substance Use: A Test of the Maturity Gap: The SNARE study. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 52(5), 747-767. doi:10.1177/0022427815582249
- Dowden, C. & Latimer, J. (2006). Providing effective substance abuse treatment for young-offender populations: What works! *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 15(2), 517-537. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chc.2005.12.002>.

- Drazdowski, T. K., Jäggi, L., Borre, A. & Kliever, W. L. (2015). Use of prescription drugs and future delinquency among adolescent offenders. *Journal of Substance Abuse Treatment, 48*, 28-36. doi:10.1016/j.jsat.2014.07.008.
- Dures, E., Rumsey, N., Morris, M., & Gleeson, K. (2011). Mixed Methods in Health Psychology: Theoretical and Practical Considerations of the Third Paradigm. *Journal of Health Psychology, 16*(2), 332–341. doi:10.1177/1359105310377537.
- Elliott, D. S., Ageton, S. S., Huizinga, D., Knowles, B. A. & Canter, R. J. (1983). *Prevalence and Incidence of Delinquent Behavior: 1976-1980-National Estimates of Delinquent Behavior by Sex, Race, Social Class and Other Selected Variables*. Washington, DC: US Department of Justice. Acessado em março de 2023, em: <https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=128841>.
- Escohotado, A. (2010). *The general history of drugs* (G. W. Robinette, Trad.). Chile: Graffiti Militante Press.
- Ewing, S. W. F., Filbey, F. M., Loughran, T. A., Chassin, L., & Piquero, A. R. (2015). Which matters most? Demographic, neuropsychological, personality, and situational factors in long-term marijuana and alcohol trajectories for justice-involved male youth. *Psychology of Addictive Behaviors, 29*(3), 603–612. doi:10.1037/adb0000076.
- Farrington, D. P. (2015). Prospective longitudinal research on the development of offending. *Australian & New Zealand Journal of Criminology, 48*(3), 314– 335. doi:10.1177/0004865815590461
- Farrington, D. P., Coid, J. W., Harnett, L. M., Jolliffe, D., Soteriou, N., Turner, R. E. & West, D. J. (2006). Criminal careers up to age 50 and life success up to age 48: New findings from the Cambridge Study in Delinquent Development. *Home Office Research, Development and Statistics Directorate, Estudo de Pesquisa n° 299*.
- Ferigolo, M., Barbosa, F. S., Arbo, E., Malysz, A. S. & Stein, A. T. (2004). Prevalência do consumo de drogas na FEBEM, Porto Alegre. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 26*(1), 10-16. doi:10.1590/S1516-44462004000100006.
- Fluharty, M. E., Taylor, A. E., Grabski, M. & Munafò, M. R. (2017). The association of cigarette smoking with depression and anxiety: A systematic review. *Nicotine and Tobacco Research, 19*, 3-13. doi:10.1093/ntr/ntw140

- Follette, W. C., Naugle, A. E. & Linnerooth, P. J. N. (2000). Functional alternatives to traditional assessment and diagnosis. In. M. J. Dougher (ed). *Clinical Behavior Analysis*, (99-125). Reno: Context.
- Franco, M. G. O. (2018). *Processamento de informação social da conduta delituosa em adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Acesso em: http://dedalus.usp.br/F/XQ7DXRVD87MQB494DR7R959282AVFTBRTS8XFENPRHHKAUCHK65121?func=direct&doc%5Fnumber=002916692%2E&pds_handle=GUEST.
- Franco, M. G. O. & Bazon, M. R. (2017). Social Information Processing and Aggravation of Conduct in Young Offenders. *International Annals of Criminology*, 55(1), 114-131. doi:10.1017/cri.2017.3
- Franco, M. G. O. & Bazon, M. R. (2019). Percurso e experiência escolar de adolescentes em conflito com a lei: Trajetórias possíveis. *Educação em Revista*, 35, e183939. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4698183939>
- Galinari, L. S. (2019). *Prática de atos infracionais na adolescência: Padrões de conduta e perfis psicossociais*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.
- Galinari, L. S., Costa, R. C. S., Komatsu, A. V. & Bazon, M. R. (2020). Mudanças em desadaptação social e padrão de conduta delituosa de adolescentes em conflito com a lei. *Revista Paideia*, 30, 1-10. doi:10.1590/1982-4327e3040.
- Galinari, L. S., Guimarães, L. C. & Bazon, M. R. (2020). A (in)sensibilidade do sistema socioeducativo: caracterização dos padrões de conduta infracional e de exposição a risco de uma amostra de adolescentes internados. *Revista Eletrônica do CNJ*, 4(2), 42-56. doi:10.54829/revistacnj.v4i2.171
- Galinari, L. S., Vicari, I. D. A. & Bazon, M. R. (2019). Fatores associados ao cometimento de atos infracionais na adolescência. *Psico*, 50(4), e34094. doi:10.15448/1980-8623.2019.4.34094.
- Gilman, A. B., Hill, K. G., Kim, B. K., Nevell, A., Hawkins, J. D., & Farrington, D. P. (2014). Understanding the relationship between self-reported offending and official criminal charges across early adulthood. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 24(4), 229–240. doi:10.1002/cbm.1934.

- Goldstein, P. J. (1985). The drugs/violence nexus: A tripartite conceptual framework. *Journal of Drug Issues*, 39, 143-174. doi:10.1177/002204268501500406.
- Gonçalves, F. L. (2021). Basic concepts of behavioral pharmacology. In: S.M. Oliani, R. A. Reichert & R. A. Banaco (Orgs). *Behavior Analysis and Substance Dependence: Theory, Research and Intervention* (39-49). Springer Cham.
- Green, K. M., Doherty, E. E., Sifat, M. S., & Ensminger, M. (2019). Explaining continuity in substance use: The role of criminal justice system involvement over the life course of an urban African American prospective cohort. *Drug and Alcohol Dependence*, 195, 74-81. doi:10.1016/j.drugalcdep.2018.09.033
- Guimarães, L. C. (2018). *Engajamento infracional e maus-tratos domésticos: Estudo comparativo entre adolescentes judicializados do sexo feminino e masculino*. Monografia de Bacharelado Especial. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.
- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 22, 201-210. doi:10.1590/S0102-37722006000200010
- Gunther, H., Elali, G. A. & Pinheiro, J. Q. (2008). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In J. Q. Pinheiro, H. Gunther, (Org.) *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*, 369-396. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hanley, G. P., Iwata, B. A., & McCord, B. E. (2003). Functional analysis of problem behavior: a review. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(2), 147–185. <https://doi.org/10.1901/jaba.2003.36-147>.
- Hanson, W. E., Creswell, J. W., Clark, V. P., Petska, K. S. & Creswell, J. D. (2005). Mixed methods research designs in counseling psychology. *Journal of Counseling Psychology*, 52, 224-235. doi:10.1037/0022-0167.52.2.224.
- Hawkins, J. D., Catalano, R. F. & Arthur, M. W. (2002). Promoting science-based prevention in communities. *Addictive Behaviors*, 27(6), 951-976. doi:10.1016/S0306-4603(02)00298-8
- Hawkins, J. D., Graham, J. W., Maguin, E., Abbott, R., Hill, K. G. & Catalano, R. F. (1997). Exploring the effects of age of alcohol use initiation and psychosocial risk factors on

- subsequent alcohol misuse. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 58, 280- 290. doi: 10.15288/jsa.1997.58.280.
- Haynes, S. N., & O'Brien, W. H. (1990). Functional analysis in behavior therapy. *Clinical Psychology Review*, 10(6), 649–668. doi:10.1016/0272-7358(90)90074-K.
- Hecht, M. L., Elek, E., Wagstaff, D. A., Kam, J. A., Marsiglia, F., Dustman, P., ... Harthun, (2008). Immediate and short-term effects of the 5th grade version of the keepin' it real substance use prevention intervention. *Journal of Drug Education*, 38, 225- 251. doi:10.2190/DE.38.3.c.
- Higgins, S. T., Heil, S. H., & Lussier, J. P. (2004). Clinical implications of reinforcement as a determinant of substance use disorders. *Annual Review of Psychology*, 55, 431–461. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.142033
- Higgins, S. T., Heil, S. H. & Sigmon, S. (2007). A behavioral approach to the treatment of substance use disorders. In. Sturmey, P. (Ed.). *Functional Analysis in Clinical Treatment*, (vol. 1, 261-282). San Diego: Academic Press.
- Hirschi, T. (1969). *Causes of Delinquency*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Iwata, B. A., Vollmer, T. R., & Zarcone, J. R. (1990). The experimental (functional) analysis of behavior disorders: Methodology, applications, and limitations. In A. C. Repp & N. Singh (Eds.), *Perspectives on the use of nonaversive and aversive interventions for persons with developmental disabilities* (301-330). Dycamore, IL: Sycamore Publishing Co.
- Kandel, D. & Yamaguchi, K. (1993). From beer to crack: Developmental patterns of drug involvement. *American Journal of Public Health*, 83, 851-855. doi:10.2105/AJPH.83.6.851
- Kazemian, L., Farrington, D. P., & Piquero, A. R. (2019). Developmental and life-course criminology. In D. P. Farrington, L. Kazemian, & A. R. Piquero (Eds.), *The Oxford handbook of developmental and lifecourse criminology* (pp. 3-10). New York, NY: Oxford University Press.
- Kim, B. K. E., Gilman, A. B., Kosterman, R. & Hill, K. G. (2019). Longitudinal associations among depression, substance abuse, and crime: A test of competing hypotheses for

- driving mechanisms. *Journal of Criminal Justice*, 62, 50-57. doi:10.1016/j.jcrimjus.2018.08.005.
- King, K. M. & Chassin, L. (2007). A prospective study of the effects of age of initiation of alcohol and drug use on young adult substance dependence. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 68, 256-265. doi:10.15288/jsad.2007.68.256
- Komatsu, A. V. & Bazon, M. R. (2015). Caracterização de adolescentes do sexo masculino em relação a comportamentos antissociais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13, 725-735. doi:10.11600/1692715x.13212210814.
- Komatsu, A. V. & Bazon, M. R. (2017). Personal differences among brazilian adolescents with distinct levels of engagement in delinquency. *International Journal of Criminology and Sociology*, 6, 65-74. doi:10.6000/1929-4409.2017.06.07
- Komatsu, A. V., Bono, E. L. & Bazon, M. R. (2021). Padrões de uso de drogas e problemas associados em adolescentes judicializados. *Psico-USF*, 26(2). doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260203>
- Komatsu, A. V., Costa, R. C. S., Galinari, L. S., de La Torre, R. C. & Bazon, M. R. (2020). Substance use involvement in situations of violence: A typological study of a brazilian population-based sample. *International Annals of Criminology*, 57, 1-23. doi:10.1017/cri.2020.3
- Komatsu, A. V., Estevão, R. & Bazon, M. R. (2018). Relação droga-crime: Modelos teóricos e pesquisas empíricas com adolescentes no Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial da Universidade de São Paulo. In: C. Agra & M. A. Gomes (Orgs.). *Criminologia Integrativa: Contributos para uma comunidade criminológica de Língua Portuguesa* (199-221). Belo Horizonte: Editora D'Plácido.
- Komatsu, A. V., Wenger, L., Costa, R. C. S., Bazon, M. R. & Pueyo, A. A. (2019). Factores protectores em adolescentes infractores: Um estudo tipológico. *International E-Journal of Criminal Sciences*, 14, 1-17. Recuperado em: <https://ojs.ehu.es/index.php/inecs/article/view/21304>.
- Labate, B. C., Goulart, S. L., Fiore, M., MacRae, E. & Carneiro, H. (2008). *Drogas e cultura: Novas perspectivas*. Salvador: Edufba

- Lanctôt, N. & Le Blanc, M. (2002). Explaining deviance by adolescent females. *Crime and Justice*, 29, 113-202. doi: 10.1086/652220.
- Le Blanc, M. (1997). A generic control theory of the criminal phenomenon, the structural and the dynamical statements of an integrative multilayered control theory. In T.P. Thornberry (ed). *Developmental theories of crime and delinquency. Advances in theoretical criminology*, 7, 215-286. New Brunswick: Transaction Publishers
- Le Blanc, M. (2003). Trajetórias de delinquência comum, transitória e persistente: Uma estratégia de prevenção diferencial. In I. Alberto (org.) *Comportamento Anti-Social: Escola e Família* (pp. 31-80). Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra: Coimbra.
- Le Blanc, M. (2005). An integrative personal control theory of deviant behavior: Answers to contemporary empirical and theoretical developmental criminology issues. *Advances in Theoretical Criminology*, 13, 1-27. Recuperado em: https://www.researchgate.net/publication/292838713_An_Integrative_Personal_Control_Theory_of_Deviant_Behavior_Answers_
- Le Blanc, M. (2006). Self-control and social control of deviant behavior in context: development and interactions along the life course. In P. O. H. Wikström & R. J. Sampson (Eds.). *The explanation of crime: context, mechanisms, and development*. (pp. 195-242). Cambridge, UK: Cambridge University Press. doi:10.1017/cbo9780511489341.007
- Le Blanc, M. (2009). The development of deviant behavior, its self-regulation. *Monatsschrift für Kriminologie und Strafrechtsreform*, 92, 17-126. doi:10.1515/mks-2009-922-304.
- Le Blanc, M. & Bouthillier, C. (2003). A developmental test of the general deviance syndrome with adjudicated girls and boys using hierarchical confirmatory factor analysis. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 13(2), 81-105. doi:10.1002/cbm.533
- Le Blanc, M. & Fréchette, M. (1989). Male criminal activity from childhood through youth: Multilevel and developmental perspectives. In Farrington, D. & Blumstein, A. (Eds.). *Research in Criminology*. New York: Springer-Verlag.
- Leiber, M. J. & Peck, J. H. (2015). Race, ethnicity, immigration and crime. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds), *The Development of Criminal and Antisocial Behavior: Theory, Research and Practical Applications* (331-347). doi:10.1007/978-3-319-08720-7.

- Loeber, R., Farrington, D. & Petechuk, D. (2013). *From juvenile delinquency to young adult offending*. Washington, D. C.: U. S. National Institute of Justice. Acessado em março de 2023, em: <https://nij.ojp.gov/topics/articles/youth-justice-involvement-young-adult-offending>.
- Lopes, G. M., Nobrega, B. A., Del Prette, G. & Scivoletto, S. (2013). Use of psychoactive substances by adolescents: current panorama. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 35, 51-61. doi:10.1590/1516-4446-2013-S105.
- Madruga, C. S., Laranjeira, R., Caetano, R., Pinsky, I., Zaleski, M. & Ferri, C. P. (2012). Use of licit and illicit substances among adolescents in Brazil – A national survey. *Addictive Behaviors*, 37, 1171-1175. doi:10.1016/j.addbeh.2012.05.008
- Magidson, J. F., Young, K. C. & Lejuez, C. W. (2014). A how-to guide for conducting a functional analysis: Behavioral principles and clinical application. *The Behavior Therapist*, 37(1), 4-12.
- Mancini, M. (2013). Assessment strategies for substance use disorders. In M. G. Vaughn & B. E. Perron (Eds.) *Social Work Practice in the Addictions*, 49-71. New York: Springer.
- Martins, M., C. & Pillon, S., C. (2008). A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 1112-1120. doi:10.1590/S0102-311X2008000500018.
- Mason, W. A., & Windle, M. (2002). Reciprocal relations between adolescent substance use and delinquency: A longitudinal latent variable analysis. *Journal of Abnormal Psychology*, 111, 63-76. doi:10.1037/0021-843X.111.1.63.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*, 16(3), 8-18. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300002>
- McKim, W. A. & Hancock, S. D. (2013). *Drugs and behavior: An introduction to behavioral pharmacology* (7ªed). New Jersey: Pearson.
- Medeiros, C. A. (2010). Comportamento governado por regras na clínica comportamental: Algumas considerações. In A. K. C. R. de-Farias (Org.). *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (95-111). Porto Alegre: ArtMed.
- Menard, S., Mihalic, S. & Huizinga, D. (2001). Drugs and crime revisited. *Justice Quarterly*, 18, 269-299. doi:10.1080/07418820100094901.

- Mersky, J. P., Topitzes, J. & Reynolds, A. J. (2013). Impacts of adverse childhood experiences on health, mental health, and substance use in early adulthood: A cohort study of an urban, minority sample in the U.S. *Child abuse & Neglect*, 37(11), 917-925. doi:10.1016/j.chiabu.2013.07.011.
- Meyer, S. B., Del Prette, G, Zamignani, D. R., Banaco, R. A., Neno, S., & Tourinho, E. Z. (2010). Análise do comportamento e Terapia Analítico-comportamental. In: E. Z. Tourinho, & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (153-174). São Paulo: Editora Roca.
- Meyers, R. J. & Squires, D. D. (2001) *The community reinforcement approach: a guideline developed for the Behavioral Health Recovery Management Project*. Albuquerque, New Mexico: University of New Mexico Center on Alcoholism, Substance Abuse and Addictions. Acesso em: <https://www.drugsandalcohol.ie/13609/>.
- Micheletto, N. (1997). Bases filosóficas do behaviorismo radical. In: R. A. Banaco (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição*, v.1, cap. 5. São Paulo: Arbytes.
- Miller, W., & Rollnick, S. (2001). *A entrevista motivacional: Preparando as pessoas para mudança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mitsuhiro, S. S. (2013). Classificação das substâncias psicoativas. In: N. A. Zanelatto & R. Laranjeira (orgs). *O Tratamento da Dependência Química e as Terapias Cognitivo-Comportamentais: Um Guia para Terapeutas* (43-52). Porto Alegre: Artmed.
- Moffitt, T. E. (2018). Male antisocial behaviour in adolescence and beyond. *Nature Human Behaviour*, 2(3), 177-186. doi:10.1038/s41562-018-0309-4.
- Nardi, F. L., Jahn, G. M. & Dell'Aglio, D. D. (2014). Perfil de adolescentes em privação de liberdade: eventos estressores, uso de drogas e expectativas de futuro. *Psicologia em Revista*, 20, 116-137. doi:10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p116.
- Nawi, A. M., Ismail, R., Ibrahim, F., Hassan, M., Manaf, M. Amit, N. ... Shafurdin, N. (2021). Risk and protective factors of drug abuse among adolescents: A systematic review. *BMC Public Health*, 21. doi:10.1186/s12889-021-11906-2
- Nery, L. B. & Fonseca, F. N. (2018). Análises funcionais moleculares e molares: Um passo a passo. In. A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca & L. B.Nery. *Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica*, 1-22, cap.1. Porto Alegre: Artmed

- Nutt, D. J., King, L. & Phillips, L. D. (2010). Drug harms in the UK: A multicriteria analysis, *The Lancet*, 376, 1558-1565. doi:10.1016/S0140-6736(10)61462-6.
- Organização Mundial da Saúde – OMS (1996). Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde/CID-10. 3. ed. São Paulo: Edusp.
- Pacheco, J. T. B. & Hutz, C. S. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 213-219. doi:10.1590/S0102-37722009000200009.
- Pinheiro, E. P. & Gomide, P. I. C. (2020). Parenting styles and alcohol use in brazilian males. *Paideia*, 30, e3033. doi:10.1590/1982-4327e3033
- Piquero, A. (2000). Frequency, specialization and violence in offending careers. *Journal of Reseach in Crime and Delinquency*, 37 (4). doi:10.1177/00224278000370004003.
- Powell, H., Mihalas, S., Onwuegbuzie, A. J., Suldo, S., & Daley, C. E. (2008). Mixed methods research in school psychology: A mixed methods investigation of trends in the literature. *Psychology in the Schools*, 45(4), 291–309. doi:10.1002/pits.20296.
- Ramos, B. M. C., Siegel, S. & Bueno, J. L. O. (2002). Occasion-setting and drug tolerance. *Integrative Physiological and Behavioral Science*, 37(3), 165-177. doi: 10.1007/BF02734179
- Reichert, R. A., Legal, E. J, Oliani, S. M. & Zamignani, R. (2021). Functional analysis of substance use and dependence. In: S.M. Oliani, R. A. Reichert & R. A. Banaco (Orgs). *Behavior Analysis and Substance Dependence: Theory, Research and Intervention* (51-60). Springer Cham.
- Reichert, R. A., Silveira, K. M., Lopes, F. M. & de Micheli, D. (2021). Drug abuse: Classifications, effects and risks. In: S.M. Oliani, R. A. Reichert & R. A. Banaco (Orgs). *Behavior Analysis and Substance Dependence: Theory, Research and Intervention* (3-20). Springer Cham.
- Ribeiro, L. P. (2006). *Análise funcional de relatos sobre tentativas de suicídio*. (Dissertação de Mestrado). PUC-Campinas. Acesso em: http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/145?locale=pt_BR.
- Robinson, T., Ali, M. U., Easterbrook, B., Coronado-Montoya, S., Daldegan-Bueno, D., Hall, W., Jutras-Aswad, D. & Fischer, B. (2022). Identifying risk-thresholds for the

- Association between frequency of cannabis use and development of cannabis use disorder: A systematic review and meta-analysis. *Drug and Alcohol Dependence*, 238. doi:10.1016/j.drugalcdep.2022.109582
- Romer, D. (2010). Adolescent risk taking, impulsivity and brain development: Implications for prevention. *Developmental Psychobiology*, 52, 263-276. doi:10.1002/dev.20442.
- Shpiegel, S., Lister, J. J. & Isralowitz, R. (2016). Relationships between delinquency and substance use among adolescents emancipating from foster care. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 16, 113-131. doi:10.1080/1533256X.2016.1164059.
- Siegel, S. (1975). Evidence from rats that morphine tolerance is a learned response. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 89, 498-506. doi:10.1037/h0077058
- Siegel, S. (1999). Drug anticipation and drug addiction: The 1998 H. David Archibald lecture. *Addiction*, 94(8), 1113–1124. doi:10.1046/j.1360-0443.1999.94811132.x.
- Siegel, S. (2005). Drug tolerance, drug addiction, and drug anticipation. *Current Directions in Psychological Science*, 14, 296-300. doi:10.1111/j.0963-7214.2005.00384. x.
- Siegel, S., & Ramos, B. M. C. (2002). Applying laboratory research: Drug anticipation and the treatment of drug addiction. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 10(3), 162–183. doi: <https://doi.org/10.1037/1064-1297.10.3.162>
- Silva, M. T. A., Guerra, L. G. G. C., Gonçalves, F. L., & Garcia-Mijares, M. (2001). Análise funcional das dependências de drogas. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.) *Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade*, (v.7). Santo André: ESETec.
- Silva, R. S. & Silva, V. R. (2011). Política nacional de juventude: Trajetórias e desafios. *Caderno CRH*, 24(63), 663-678. doi:10.1590/S0103-49792011000300013.
- Silverman, K., Roll, J. M., & Higgins, S. T. (2008). Introduction to the special issue on the behavior analysis and treatment of drug addiction. *Journal of applied behavior analysis*, 41(4), 471–480. doi: <https://doi.org/10.1901/jaba.2008.41-471>.
- Simões, V., Yamauchi, R. & Miguel, A. Q. C. (2021). Contingency management, for the treatment of substance use disorders. In: S.M. Oliani, R. A. Reichert & R. A. Banaco (Orgs). *Behavior Analysis and Substance Dependence: Theory, Research and Intervention* (771-88). Springer Cham.

- Simons, L. G., Sutton, T. E., Shannon, S., Berg, M. T. & Gibbons, F. X. (2017). The cost of being cool: How adolescent pseudomature behavior maps onto adult adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 47. doi:10.1007/s10964-017-0743-z
- Skinner, B. F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov; R. Azzi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes
- Spadin, F. B., Chohfi, A. F., & Zanelatto, N. A. (2018). Análise funcional, formulação de caso e conceituação cognitiva. In N. A. Zanelatto & R. Laranjeira (Eds.), *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas* (2nd ed., 383–401). Artmed.
- Swendsen, J., Conway, K.P., Degenhardt, L., Glantz, M., Kin, R., Merikangas, K. R. ... Kessler, R. C. (2010). Mental disorders as risk factors for substance use, abuse and dependence: Results from the 10-year follow-up of the National Comorbidity Survey. *Addiction*, 105, 1117-1128. doi:10.1111/j.1360-0443.2010.02902. x.
- Tarter, R. E. (1990). Evaluation and treatment of adolescent substance abuse: a decision tree method. *The American journal of drug and alcohol abuse*, 16(1-2), 1–46. doi: <https://doi.org/10.3109/00952999009001570>.
- Thomaz, C. R. da C. (2012). Episódios emocionais como interações entre operantes e respondentes. In N. B. Borges, F. A. Casas e colaboradores. *Clínica Analítico-Comportamental. Aspectos teóricos e práticos*, 40-48. Porto Alegre: Artmed.
- Tsai, M., Kohlenberg, R. J., Kanter, J. W., Kohlenberg, B., Follete, W. C. & Callaghan, G. M. (2009). *A guide to functional analytic psychotherapy. Awareness, Courage, Love and Behaviorism*. New York: Springer.
- Turner, R., Daneback, K. & Skarner, A. (2018). Assessing reciprocal association between drunkenness, drug use, and delinquency during adolescence: Separating within- and between-person effects. *Drug and Alcohol Dependence*, 191, 286-293. doi:10.1016/j.drugalcdep.2018.06.035.
- Tuten, L. M., Jones, H. E., Schaeffer, C. M., & Stitzer, M. L. (2012). Conducting a functional assessment of substance use. In L. M. Tuten, H. E. Jones, C. M. Schaeffer, & M. L. Stitzer, *Reinforcement-based treatment for substance use disorders: A comprehensive behavioral approach* (43–56). American Psychological Association. doi:10.1037/13088-002

- Ulian, A. L. A. O. (2007). *Uma sistematização da prática do terapeuta analítico-comportamental: Subsídios para a formação*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Acesso em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-06052008-162313/pt-br.php>.
- U.S. Department of Health and Human Services, National Institute on Drug Abuse. (2003). *Preventing drug use among children and adolescents: A research-based guide for parents, educators and community leaders*. Second Edition. Acesso em: <https://www.drugabuse.gov/publications/preventing-drug-use-among-childrenadolescentes/introduction>.
- Valdez, E. S., Obeng-Kusi, M., Brady, B., Huff-Macpherson, A., Bell, M., & Derose, K. (2022). Perceived Normalization of Drug Trafficking and Adolescent Substance Use on the US–Mexico Border. *Journal of Drug Issues*, 52(3), 421–433. doi:10.1177/00220426211046593
- Valdez E. S., Valdez L., Korchmaros J., Garcia, D. O., Stevens, S., Sabo, S. & Carvajal, S. (2021) Socioenvironmental Risk Factors for Adolescent Marijuana Use in a United States-Mexico Border Community. *American Journal of Health Promotion*, 35(1), 20-27. doi:10.1177/0890117120927527
- Valente, J. Y., Cogo-Moreira, H. & Sanchez, Z. M. (2017). Gradient of Association between parenting styles and patterns of drug use in adolescence: A latent class analysis. *Drug and Alcohol Dependence*, 180(1), 272-278. doi:10.1016/j.drugalcdep.2017.08.015
- Volkow, N. D., Wang, G. J., Telang, F., Fowler, J. S., Logan, J., Childress, ... Wong, C. (2006). Cocaine cues and dopamine in dorsal striatum: mechanism of craving in cocaine addiction. *The Journal of neuroscience: the official journal of the Society for Neuroscience*, 26(24), 6583–6588. doi:10.1523/JNEUROSCI.1544-06.2006
- Wallace J. M., Jr (1999). The social ecology of addiction: Race, risk, and resilience. *Pediatrics*, 103(5 Pt 2), 1122–1127. Acesso em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10224199/>.
- Walters, G. D. (2014). Crime and substance misuse in adjudicated delinquent youth: The worst of both worlds. *Law and Human Behavior*, 38(2), 139–150. doi:10.1037/lhb0000050
- Walters, G. D. (2018). Does drug use inhibit crime deceleration or does crime inhibit drug use deceleration? a test of the reciprocal risk postulate of the worst of both worlds

hypothesis, *Substance Use & Misuse*, 53, 1681-1687, doi:10.1080/10826084.2018.1424914.

White, H. R. (2014). Substance use and crime. In K. J. Sher (Ed), *The Oxford Handbook of Substance Use and Substance Use Disorders*, (1-61). doi:10.1093/oxfordhb/9780199381708.013.004.

White, H. R. (2015). A developmental approach to understanding the substance use-crime connection. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds), *The Development of Criminal and Antisocial Behavior: Theory, Research and Practical Applications* (379-397). doi:10.1007/978-3-319-08720-7.

Young, M. M., De Moor, C., Kent, P., Stockwell, T., Sherk, A., Zhao, J., Sorge, J. T., Farrell MacDonald, S., Weekes, J., Biggar, E., and Maloney-Hall, B. (2021) Attributable fractions for substance use in relation to crime. *Addiction*, 116, 3198–3205. doi:10.1111/add.15494

Zamignani, D. R. & Banaco, R. A. (2005). Um panorama analítico-comportamental sobre os transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 77-92. Acesso em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário de caracterização socioeconômica

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E EVENTOS ADVERSOS NA FAMÍLIA	
Entrevistador:	Data:
1. IDENTIFICAÇÃO	
Nome completo:	
Endereço:	
Bairro:	Cidade:
Ponto de referência:	
Telefone:	
RG:	CPF:
Possui algum tipo de deficiência: (1) Sim (2) Não (1) Visual (2) Mental (3) Física (4) Auditiva (5) Outras:	
Possui alguma doença crônica?: (1) Sim (2) Não Se sim, qual?:	
2. SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA	
2.1 Escolaridade:	
(1) Analfabeto	(6) Ensino médio incompleto
(2) Fundamental I Incompleto (primário)	(7) Ensino médio completo
(3) Fundamental I Completo (primário)	(8) Superior incompleto
(4) Fundamental II incompleto (ginásio)	(9) Superior completo
(5) Fundamental completo (ginásio completo)	
2.2 Trabalha fora? (1) Sim (2) Não Se sim: Quantas horas semanais? _____ Atividade	
2.3 Mercado: (1) Formal (2) Informal (3) Desempregada (4) Autônoma (5) Aposentada	
2.4 Renda Familiar: (1) Até um salário mínimo (R\$ 1.100,00) (2) Até dois salários mínimos (R\$ 2.200) (3) De três a quatro salários mínimos (R\$ 3.300 a R\$ 4.400) (4) De cinco a sete salários mínimos (R\$ 5.500 a R\$ 7.700) (5) Oito a dez salários mínimos (R\$ 8.800 a R\$ 11.000)	2.5 Quantas pessoas trabalham na casa? Quem são?
2.6 Você é beneficiário de bolsas ou benefícios sociais, como o Bolsa Família? (1) Sim (2) Não Qual/Quais?	

3. COMPOSIÇÃO FAMILIAR E CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO				
3.1 Pessoas que moram com você (quem é o (a) “chefe” da família?)				
Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Trabalho
3.2 Moradia: (1) Própria (2) Alugada (3) Cedida (4) Invadida (5) Outras:	3.3 Quantos cômodos possui a casa? _____		3.4 Quantas pessoas dormem juntas no mesmo cômodo?	
	() Quarto () Sala () Cozinha () Banheiro			
3.5 Quantos (as): () Banheiros () Geladeiras () Freezer () Microondas () Lava louças () Lava roupas () Secadoras de roupa	() Computadores (não celular, tablet, etc) () DVD () Automóveis (para passeio, não trabalho) () Motocicletas () Empregados domésticos (mensalistas)		3.6 Sua casa conta com: Energia elétrica (1) Sim (2) Não Água encanada (1) Sim (2) Não Saneamento básico (1) Sim (2) Não Iluminação pública (1) Sim (2) Não Pavimento (1) Sim (2) Não	
3.7 Qual o grau de satisfação em relação a sua moradia? (1) Muito satisfeito (2) Satisfeito (3) Parcialmente satisfeito (4) Insatisfeito (5) Muito Insatisfeito				
4. SATISFAÇÃO COM O BAIRRO E APOIO SOCIAL				

<p>4.1 Qual o grau de satisfação em relação a seu bairro?</p> <p>(1) Muito satisfeito (2) Satisfeito (3) Parcialmente satisfeito (4) Insatisfeito (5) Muito Insatisfeito</p>	<p>4.2 Você acredita que tem acesso aos serviços dos quais necessita aqui no seu bairro?</p> <p>(1) Sim (2) Às vezes (3) Não; quais precisa e não tem ?</p>
<p>4.3 Você percebe seu bairro como perigoso o violento?</p> <p>(1) Sim (2) Às vezes (3) Não</p> <p>Por quê?</p>	<p>4.4 Quando precisa de algum tipo de ajuda, considera que pode contar com as pessoas que moram na vizinhança?</p> <p>(1) Sim (2) Às vezes (3) Não</p>
<p>4.5 Sempre morou nesta cidade? (1) Sim (2) Não</p> <p>Se não, veio de onde? _____</p> <p>A família mudou de residência nos últimos 2 anos? _____</p> <p>Há quanto tempo? _____</p> <p>Se sim, quantas vezes? _____</p>	

5. RAÇA

4.1 Qual opção de cor ou raça você acha que define melhor como você se percebe?

- (1) Preto
(2) Pardo
(3) Indígena
(4) Amarelo
(5) Branco
(6) Outra. Qual? _____

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Análise de Contingências do Uso de Substâncias

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – HISTÓRIA DE USO DE SUBSTÂNCIAS

Todas as perguntas devem ser realizadas para cada tipo de substância que o adolescente relatou fazer uso, de acordo com o DUSI-R. Este roteiro é semiestruturado, ou seja, pode-se aprofundar as questões de acordo com a dinâmica da entrevista, caso seja importante buscar mais informações.

Roteiro

Agora nós iremos conversar um pouco sobre as circunstâncias em que você faz o uso dessas substâncias, ou seja, o lugar, em que momento, que emoções você sente nesse momento, dentre outras coisas: as características do ambiente em que você costuma estar.

“Agora há pouco você me contou que faz uso de (selecionar uma substância a ser investigada). Podemos falar um pouco sobre isso?”

Histórico

1. Quando você começou a usar essa droga? Quantos anos você tinha? (primeira vez)
2. Onde você estava? Estava sozinho ou acompanhado?
3. O que você sentiu que te fez pensar que deveria fazer o uso?
4. Você já havia ouvido falar alguma coisa dessa droga? O quê?
5. Você teve algum pensamento que te encorajou a fazer o uso?

6. (em caso de estar acompanhado) O que as pessoas que estavam junto te disseram que fez você usar a droga?
7. Você acha que algo contribuiu para você se encorajar a usar a droga?
8. Quando você fez uso dessa droga, o que você sentiu?
9. Você pensou que continuaria fazendo uso dessa droga?
10. Você sabia se esse uso poderia trazer alguma consequência para você? Quais?
11. Seus pais e/ou cuidadores ficaram sabendo que você fez uso? Eles se importaram com isso? Por quê?
12. Mais alguém ficou sabendo que você fez uso? Essas pessoas se importaram? Te disseram alguma coisa?

Momento Presente (última vez – pergunta aberta)

1. Quanto você usa por dia?
2. Em que momento do dia você faz uso dessa droga? Por que nesse momento?
3. Em que lugares você faz uso dessa droga? Por que nesses lugares?
4. Normalmente você está acompanhado ou sozinho?
5. Quando você faz o uso dessa droga, o que você sente?
6. Você sente alguma sensação de prazer ou de alívio?
7. Por que você acha que faz uso dessa droga?
8. Quando você faz uso dessa droga, você tem algum pensamento que contribui para você fazer o uso, que te encoraje? Por exemplo: “*vou usar tal droga porquê...*” (pouco antes de usar, você pensou algo, sentiu algo?)
9. Se você faz uso dessa droga acompanhado de outras pessoas, elas dizem algo para te motivar a usar ou que te influencie a usar?
10. Não sei se você já notou, mas as vezes nós associamos um lugar com alguma coisa que a gente gosta, por exemplo, quando vamos ao cinema, dá vontade de comer pipoca... Lembramos que no cinema costumamos comer pipoca... Com você acontece isso em

relação a alguma dessas drogas? Existe alguma situação ou lugar em que você sente vontade de fazer uso?

11. Existe alguma situação em que você usa mais do que usa normalmente? Ou sente mais vontade?
12. Existe alguma situação em que você não sente vontade nenhuma de fazer uso dessa droga? Qual? Por quê?
13. Existe alguma estratégia que te ajuda a usar menos?
14. Quando você sente alguma emoção diferente, você sente vontade de usar a droga? Por exemplo, quando está estressado, sentindo raiva, ou triste, tédio?
15. Estas emoções que você se refere sempre sentir antes de você fazer o uso, em que situações você sente elas com mais frequência?
16. Você acha que esse uso pode te trazer alguma consequência, te atrapalhar de alguma forma? Física ou social? Quais? Por que você acha isso?
17. Você sente medo de fazer uso dessa droga nessas circunstâncias? Por quê?
18. O que você pensava de usar drogas na primeira vez/experimentou, e o que você pensa hoje? Mudou?

Relação com a prática de delitos

“Nós conversamos também um pouco sobre aqueles delitos que você cometeu... Eu gostaria de saber algumas coisas sobre esses episódios...”

1. Alguma vez você cometeu esses delitos depois de fazer uso de alguma dessas drogas?
2. Alguma vez você usou alguma dessas drogas para com o intuito de cometer algum desses delitos?
3. Você costuma usar alguma dessas drogas enquanto está com os amigos que cometeram delitos com você?
4. Alguma vez você usou a droga depois de cometer algum desses delitos?

5. Você acha que a droga te ajudou de alguma forma para cometer algum desses delitos?
Antes ou depois?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Jovens Maiores de Idade

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AO PARTICIPANTE **(Jovem com 18 anos ou mais)**

Meu nome é Thales Vinicius Mozaner Romano, sou psicólogo e estou realizando uma pesquisa sobre o comportamento dos jovens. A pesquisa se chama “*Conduta Delitiosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento*”. A pesquisa é orientada pela Professora Dra. Marina Rezende Bazon, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP).

Este documento que vocês está lendo – que se chama **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** - é para te explicar o que é essa pesquisa e pedir a sua colaboração.

O objetivo da pesquisa é ver se existem diferenças entre jovens que apresentam um uso problemático de drogas e jovens em conflito com a Lei que também apresentam o mesmo padrão de uso. Com isso, pretendemos contribuir para entender melhor os jovens que se envolvem no uso de drogas e também na prática de delitos, suas características, dificuldades e necessidades de atendimento. Este estudo pode também, no futuro, ajudar a refletir sobre novas opções de intervenções para o uso de drogas e também para as medidas sócio educativas a serem cumpridas pelos adolescentes.

Se você aceitar participar desta pesquisa, você responderá a um questionário e dois modelos de entrevistas que contêm perguntas sobre os delitos que você já cometeu, o seu padrão de uso de drogas e outras áreas, como atividades cotidianas, desempenho na escola e dinâmica familiar. É importante lembrar que não existem respostas certas e que o objetivo é entender melhor sobre essas questões relacionadas ao uso de drogas. Um única entrevista será gravada em áudio, respeitando o anonimato e o sigilo, ou seja, não constará seu nome ou qualquer dado que te identifique. O tempo aproximado para responder aos questionários é de 60 minutos, em um único dia.

Os riscos em participar da pesquisa são muito pequenos. O único risco previsto é um desconforto em pensar sobre certos assuntos considerados incômodos por algumas pessoas. Se você sentir esse desconforto durante a nossa conversa, podemos falar sobre isso, e se você quiser, caso te interesse, é possível que eu indique a existência de serviços de apoio psicológico gratuitos na sua cidade. Além disso, podemos pular algumas questões se isso ajudar, ou você pode desistir da participação a qualquer momento, pois não há qualquer consequência ou problema para você ou para sua família por desistir de participar. E antes de tudo, você pode escolher se quer ou não participar da pesquisa.

Todas as respostas dadas ao questionário e as entrevistas serão sigilosas e sem identificação; ou seja, os jovens convidados para a pesquisa não são identificados com o seu nome. Os resultados da pesquisa que serão divulgados em artigos e livros científicos referem-se aos dados de todos os participantes em conjunto; assim, os nomes dos participantes jamais aparecem em qualquer lugar.

É importante que você saiba que a sua participação na pesquisa é voluntária; você não será pago/remunerado pela participação. No caso de você ter algum gasto com a participação na pesquisa você será ressarcido

Caso você tenha alguma dúvida agora ou em qualquer outro momento da pesquisa, estou disponível para responder. Para esclarecimento de dúvidas sobre ética você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa que conhece essa pesquisa e autorizou que ela pudesse ser realizada.

Os dados para o contato com o Comitê de Ética são os seguintes:

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Avenida Bandeirantes, 3900 – bloco 01 – Prédio Administração – Sala 07
Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-2660
E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br

Notar que o Comitê deve ser acionado somente em caso de dúvidas/questões de natureza ética.

Li e concordo em participar da pesquisa.

Confirmo que estou recebendo uma via assinada e datada deste Termo de Assentimento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Thales Vinicius Mozaner Romano
(Pesquisador)
Telefone: (16) 99737-5707
e-mail: thales_rom@hotmail.com

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon
(Coordenadora da Pesquisa)
Telefone: (16) 3602-3830
e-mail: mbazon@ffclrp.usp.br

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Jovens Menores de Idade

TERMO DE ASSENTIMENTO (Jovem com até 18 anos incompletos)

Meu nome é Thales Vinicius Mozaner Romano, sou psicólogo e estou realizando uma pesquisa sobre o comportamento dos jovens. A pesquisa se chama “*Conduta Delitosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento*”. A pesquisa é orientada pela Professora Dra. Marina Rezende Bazon, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP).

Este documento que vocês está lendo – que se chama **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** - é para te explicar o que é essa pesquisa e pedir a sua colaboração. O objetivo da pesquisa é ver se existem diferenças entre jovens que apresentam um uso problemático de drogas e jovens em conflito com a Lei que também apresentam o mesmo padrão de uso. Com isso, pretendemos contribuir para entender melhor os jovens que se envolvem no uso de drogas e também na prática de delitos, suas características, dificuldades e necessidades de atendimento. Este estudo pode também, no futuro, ajudar a refletir sobre novas opções de intervenções para o uso de drogas e também para as medidas sócio educativas a serem cumpridas pelos adolescentes.

Se você aceitar participar desta pesquisa, você responderá a um questionário e dois modelos de entrevistas que contém perguntas sobre os delitos que você já cometeu, o seu padrão de uso de drogas e outras áreas, como atividades cotidianas, desempenho na escola e dinâmica familiar. É importante lembrar que não existem respostas certas e que o objetivo é entender melhor sobre essas questões relacionadas ao uso de drogas. Um única entrevista será gravada em áudio, respeitando o anonimato e o sigilo, ou seja, não constará seu nome ou qualquer dado que te identifique. O tempo aproximado para responder aos questionários é de 60 minutos, em um único dia.

Os riscos em participar da pesquisa são muito pequenos. O único risco previsto é um desconforto em pensar sobre certos assuntos considerados incômodos por algumas pessoas. Se você sentir esse desconforto durante a nossa conversa, podemos falar sobre isso, e se você quiser, caso te interesse, é possível que eu indique a existência de serviços de apoio psicológico gratuitos na sua cidade. Além disso, podemos pular algumas questões se isso ajudar, ou você pode desistir da participação a qualquer momento, pois não há qualquer consequência ou problema para você ou para sua família por desistir de participar. E antes de tudo, você pode escolher se quer ou não participar da pesquisa.

Todas as respostas dadas ao questionário e as entrevistas serão sigilosas e sem identificação; ou seja, os jovens convidados para a pesquisa não são identificados com o seu nome. Os resultados da pesquisa que serão divulgados em artigos e livros científicos referem-se aos dados de todos os participantes em conjunto; assim, os nomes dos participantes jamais aparecem em qualquer lugar.

É importante que você saiba que a sua participação na pesquisa é voluntária; você não será pago/remunerado pela participação. No caso de você ter algum gasto com a participação na pesquisa você será ressarcido.

Caso você tenha alguma dúvida agora ou em qualquer outro momento da pesquisa, estou disponível para responder. Para esclarecimento de dúvidas sobre ética você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa que conhece essa pesquisa e autorizou que ela pudesse ser realizada.

Os dados para o contato com o Comitê de Ética são os seguintes:

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Avenida Bandeirantes, 3900 – bloco 01 – Prédio Administração – Sala 07
Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-2660
E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br

Notar que o Comitê deve ser acionado somente em caso de dúvidas/questões de natureza ética.

Li e concordo em participar da pesquisa.

Confirmo que estou recebendo uma via assinada e datada deste Termo de Assentimento.

Assinatura: _____

Thales Vinicius Mozaner Romano
(Pesquisador)
Telefone: (16) 99737-5707
e-mail: thales_rom@hotmail.com

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon
(Coordenadora da Pesquisa)
Telefone: (16) 3602-3830
e-mail: mbazon@ffclrp.usp.br

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20 ____.

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais e Responsáveis de Jovens menores de Idade

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS PELO ADOLESCENTE

Prezado (a),

Meu nome é Thales Vinicius Mozaner Romano, sou psicólogo e estou realizando uma pesquisa sobre o comportamento dos jovens. A pesquisa se chama “*Conduta Delitosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento*”. A pesquisa é orientada pela Professora Dra. Marina Rezende Bazon, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP).

Este documento que vocês está lendo – que se chama **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** - é para te explicar o que é essa pesquisa e pedir a sua autorização para que seu filho colabore com a pesquisa.

O objetivo da pesquisa é ver se existem diferenças entre jovens que apresentam um uso problemático de drogas e jovens em conflito com a Lei que também apresentam o mesmo padrão de uso. Com isso, pretendemos contribuir para entender melhor os jovens que se envolvem no uso de drogas e também na prática de delitos, suas características, dificuldades e necessidades de atendimento. Este estudo pode também, no futuro, ajudar a refletir sobre novas opções de intervenções para o uso de drogas e também para as medidas sócio educativas a serem cumpridas pelos adolescentes.

Se você autorizar a participação de seu filho nesta pesquisa, ele responderá a um questionário e dois modelos de entrevistas que contém perguntas sobre os delitos que ele já cometeu, o padrão de uso de drogas e outras áreas, como atividades cotidianas, desempenho na escola e dinâmica familiar. É importante lembrar que não existem respostas certas e que o objetivo é entender melhor sobre essas questões relacionadas ao uso de drogas. Um única entrevista será gravada em áudio, respeitando o anonimato e o sigilo, ou seja, não constará o nome ou qualquer dado que identifique o adolescente. O tempo aproximado para responder aos questionários é de 60 minutos, em um único dia.

Os riscos em participar da pesquisa são muito pequenos. O único risco previsto é um desconforto em pensar sobre certos assuntos considerados incômodos por algumas pessoas. Então, caso seu filho sinta-se desconfortável para falar sobre esses assuntos, posso conversar com ele sobre isso. Além disso, caso ele tenha interesse, posso indicar serviços de apoio psicológicos gratuitos em sua cidade. É possível também que possamos pular algumas perguntas, caso ele sinta necessidade. É importante ressaltar que ele pode desistir da participação a qualquer momento, pois não há qualquer consequência ou problema para ele ou para sua família por desistir de participar. E antes de tudo, ele pode escolher se quer ou não participar da pesquisa.

Todas as respostas dadas ao questionário e as entrevistas serão sigilosas e sem identificação; ou seja, os jovens convidados para a pesquisa não são identificados com o seu nome. Os resultados da pesquisa que serão divulgados em artigos e livros científicos referem-se aos dados de todos os participantes em conjunto; assim, os nomes dos participantes jamais aparecem em qualquer lugar.

É importante que você saiba que a participação de seu filho na pesquisa é voluntária; ele não será pago/remunerado pela participação. No caso de você ou ele terem algum gasto com a participação na pesquisa, vocês serão ressarcidos.

Caso você tenha alguma dúvida agora ou em qualquer outro momento da pesquisa, estou disponível para responder. Para esclarecimento de dúvidas sobre ética você pode entrar em contato com

o Comitê de Ética em Pesquisa que conhece essa pesquisa e autorizou que ela pudesse ser realizada.

Os dados para o contato com o Comitê de Ética são os seguintes:

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

Avenida Bandeirantes, 3900 – bloco 01 – Prédio Administração – Sala 07

Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-2660

E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br

Notar que o Comitê deve ser acionado somente em caso de dúvidas/questões de natureza ética.

Li e concordo que o adolescente participe da pesquisa.

Confirmo que estou recebendo uma via assinada e datada deste Termo de Assentimento.

Nome do Responsável: _____

Assinatura: _____

Thales Vinicius Mozaner Romano
(Pesquisador)
Telefone: (16) 99737-5707
e-mail: thales_rom@hotmail.com

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon
(Coordenadora da Pesquisa)
Telefone: (16) 3602-3830
e-mail: mbazon@ffclrp.usp.br

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE F – Autorização para Formação de Banco de Dados – Jovens Maiores de Idade

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS DE PESQUISAS – Destinado ao Jovem com 18 anos ou mais

Entendendo que você aceitou participar da pesquisa “Conduta Delituosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento”, o objetivo deste documento é solicitar sua permissão para que as informações que você vier a fornecer, ao longo da pesquisa, nas entrevistas, possam ser guardadas no que nós pesquisadores chamamos de “banco de dados”.

Banco de Dados é o armazenamento de informações de uma pesquisa, como esta que estamos realizando, para que essas informações sejam utilizadas em outras pesquisas. No nosso caso, as informações armazenadas serão as respostas que você dará às perguntas que faremos durante as entrevistas. Esses dados serão guardados em um computador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob a responsabilidade da Professora Marina Rezende Bazon, que é a nossa orientadora. Ela se torna responsável por essas informações e pode ser contata por você no endereço e/ou telefone disponibilizados abaixo, sempre que tiver dúvidas em relação à pesquisa e em relação ao que está sendo feito com o “banco de dados”.

O objetivo maior disto é que essas informações possam ser utilizadas futuramente por outros pesquisadores, do mesmo grupo de pesquisa a que pertencemos, coordenado pela professora Marina. Esse grupo na USP se interessa pelo desenvolvimento dos adolescentes em nossa sociedade e pelos diferentes tipos de dificuldades pelas quais os jovens passam nessa fase da vida e as ações de ajuda que necessitam.

É importante que você saiba que mesmo que diferentes pesquisadores venham a ler e estudar as informações dadas por você, armazenadas no banco, todos estão igualmente comprometidos com a confidencialidade das informações e com a manutenção do anonimato dos informantes. Ou seja, eles não vão expor, em hipótese alguma, sua identidade.

Você pode a qualquer momento obter informações dos resultados e das formas como os outros pesquisadores vierem a utilizar estes dados, inclusive após o término desta pesquisa que você está participando. É também importante dizer que você pode a qualquer momento decidir que as informações armazenadas no Banco de Dados não sejam mais utilizadas por nenhum pesquisador. Nestas situações entre em contato com a Professora Marina.

Dessa forma, após ter lido e entendido que é livre para aceitar ou recusar dar essa autorização para o armazenamento das informações em um banco de dados, pedimos que, caso concorde, por favor, preencha as informações abaixo e assine as duas vias deste termo, no local destacado. Uma via ficará com você e outra ficará guardada com a professora Marina.

Eu concordo com o armazenamento das informações que ofereci no quadro da pesquisa supra citada, em um banco de dados que poderá ser usado em pesquisas futuras, sob a responsabilidade da professora Marina Rezende Bazon e:

() SIM, eu quero ser avisado a cada nova pesquisa que vier a ser feita com os dados do banco.

() NÃO, eu não quero ser avisado a cada nova pesquisa que vier a ser feita com os dados do banco.

Nome do participante

Assinatura

Thales Vinicius Mozaner Romano
(Pesquisador)
Telefone: (16) 99737-5707
E-Mail: thales_rom@hotmail.com

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon
(Coordenadora da Pesquisa)
Telefone: (16) 3602-3830
E-Mail: mbazon@ffclrp.usp.br

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2020.

APÊNDICE G - Autorização para Formação de Banco de Dados – Pais e Responsáveis de jovens menores de Idade

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS DE PESQUISAS – destinado ao pais/responsáveis por menores de idade

Entendendo que você consentiu com a participação do seu filho na pesquisa “**Conduta Delituosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento**”, o objetivo deste documento é solicitar sua permissão para que as informações que ele vier a fornecer, ao longo da pesquisa, nas entrevistas, possam ser guardadas no que nós pesquisadores chamamos de “banco de dados”.

Banco de Dados é o armazenamento de informações de uma pesquisa, como esta que estamos realizando, para que essas informações sejam utilizadas em outras pesquisas. No nosso caso, as informações armazenadas serão as respostas que você dará às perguntas que faremos durante as entrevistas. Esses dados serão guardados em um computador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob a responsabilidade da Professora Marina Rezende Bazon, que é a nossa orientadora. Ela se torna responsável por essas informações e pode ser contata por você no endereço e/ou telefone disponibilizados abaixo, sempre que tiver dúvidas em relação à pesquisa e em relação ao que está sendo feito com o “banco de dados”.

O objetivo maior disto é que essas informações possam ser utilizadas futuramente por outros pesquisadores, do mesmo grupo de pesquisa a que pertencemos, coordenado pela professora Marina. Esse grupo na USP se interessa pelo desenvolvimento dos adolescentes em nossa sociedade e pelos diferentes tipos de dificuldades pelas quais os jovens passam nessa fase da vida e as ações de ajuda que necessitam.

É importante que você saiba que mesmo que diferentes pesquisadores venham a ler e estudar as informações dadas por adolescente, armazenadas no banco, todos estão igualmente comprometidos com a confidencialidade das informações e com a manutenção do anonimato dos informantes. Ou seja, eles não vão expor, em hipótese alguma, a identidade dos participantes da pesquisa.

Você pode a qualquer momento obter informações dos resultados e das formas como os outros pesquisadores vierem a utilizar estes dados, inclusive após o término desta pesquisa específica que você já autorizou. É também importante dizer que você pode a qualquer momento decidir que as informações armazenadas no Banco de Dados não sejam mais utilizadas por nenhum pesquisador. Nestas situações entre em contato com a Professora Marina.

Dessa forma, após ter lido e entendido que é livre para aceitar ou recusar dar essa autorização para o armazenamento das informações em um banco de dados, pedimos que, caso concorde, por favor, preencha as informações abaixo e assine as duas vias deste termo,

no local destacado. Uma via ficará com você e outra ficará guardada com a professora Marina.

Eu concordo com o armazenamento das informações que foram oferecidas pelo meu filho no quadro da pesquisa supra citada, em um banco de dados que poderá ser usado em pesquisas futuras, sob a responsabilidade da professora Marina Rezende Bazon e:

() SIM, eu quero ser avisado a cada nova pesquisa que vier a ser feita com os dados do banco.

() NÃO, eu não quero ser avisado a cada nova pesquisa que vier a ser feita com os dados do banco.

Nome do participante

Assinatura

Thales Vinicius Mozaner Romano
(Pesquisador)
Telefone: (16) 99737-5707
E-Mail: thales_rom@hotmail.com

Profa. Dra. Marina Rezende Bazon
(Coordenadora da Pesquisa)
Telefone: (16) 3602-3830
E-Mail: mbazon@ffclrp.usp.br

Ribeirão Preto, ___ de _____ de 2020.

ANEXOS

ANEXO A - Entrevista Estruturada de Delinquência Autorrevelada

Instrução para a realização da entrevista estruturada de
DELINQUÊNCIA AUTORREVELADA¹¹

a) Apresentação do Instrumento

1. Informa-se ao adolescente que o objetivo da “conversa” (entrevista) é conhecê-lo melhor e que, naquele momento específico, com a entrevista do dia, visa-se saber mais sobre os comportamentos que ele já apresentou.

- Assegurar que o que ele falará, de fato, servirá só para conhecê-lo melhor.

Explica-se, então, que lhe serão apresentados cartões¹² (n=13) que contém a denominação de alguns comportamentos, que são considerados “atos infracionais”.

b) Aplicação Individual

1. Entregam-se os cartões ao adolescente, certificando-se, antes, que o adolescente é capaz de ler e entender o que está escrito nos cartões;

- i. Se o adolescente não souber ler ou o faz com dificuldade, da mesma forma, pede-se que o adolescente segure os cartões e, um a um, na medida em que ele os manipula, o entrevistador verbaliza em voz alta o delito inscrito no cartão.

2. Cartão a cartão, pede-se que o adolescente vá separando, colocando de um lado, aqueles cujas denominações ele sabe o significado daqueles que ele refere não saber o significado, colocando de um outro lado;

3. Em relação aos cartões cujos atos o adolescente refere saber o significado, o entrevistador pede que o adolescente volte a pegá-los e, um a um, pede que ele explique brevemente o que entende, para checar se o que o adolescente entende procede e/ou para efetuar correções caso tenha um entendimento equivocado e/ou limitado;

- i. A cada cartão, o entrevistador pergunta ao adolescente se ele já teria feito aquele ato ou não, independente de a polícia tê-lo pego, de o ato ser ou não conhecido do Sistema de Justiça;

1. Em caso afirmativo, o entrevistador pede novamente que o adolescente separe o cartão, colocando de um lado;

4. Em relação aos cartões que ele referiu não saber o significado, o entrevistador pede que o adolescente volte a pegá-los e, um a um, na medida em o

¹¹ Roteiro adaptado disponibilizado pelo Centre Jeunesse de la Montérégie, Québec, Canadá; Tradução Adaptada - março/2012 por Estevão, R; Oliveira, NBC; Panosso, IR. Revisado por Bazon, M.R. & Komatsu, A. V. (junho, 2013).

¹² Os 13 cartões de papel plastificados contêm, cada qual, a inscrição das seguintes infrações: direção sem habilitação; dano; rixa; receptação; furto; produção não autorizada e tráfico ilícito de drogas - tráfico; porte ilegal de arma de fogo de uso permitido; explosão; roubo; homicídio; ameaça; lesão corporal; estupro. No verso, encontra-se a descrição dos comportamentos que constituem a infração, segundo elementos retirados das proposições legais.

adolescente mostra o cartão ao entrevistador, esse esclarece o significado do delito inscrito, *utilizando as descrições contidas no verso dos cartões*;

- i. A cada cartão explicado, o entrevistador pergunta ao adolescente se ele já teria feito aquele ato ou não, independentemente de a polícia tê-lo pego, de o ato ser ou não conhecido do Sistema de Justiça;

1. Em caso afirmativo, o entrevistador pede novamente que o adolescente separe o cartão, colocando de um lado, juntamente com os outros, caso já tenha indicado ter feito algum delito;

5. Feita a ação descrita nos itens “c” e “d”, o entrevistador organiza os cartões que representam os atos que o adolescente referiu ter feito sobre a mesa e o informa que **GOSTARIA QUE O ADOLESCENTE RELATASSE/DESCREVESSE COMO AQUELES ATOS ACONTECERAM**;

- c) **Levantamento de Informações sobre os atos representados nos cartões selecionados**;

1. Pede-se ao adolescente que disponha os cartões selecionados em ordem, ou seja, dispondo-os numa sequência temporal, do primeiro ao último ato cometido, considerando a idade que tinha;

“Você pode colocar os cartões em ordem, daquele que você fez primeiro até aquele que você fez por último?”

- d) **Em seguida, pergunta-se a idade em que cada delito foi cometido pela primeira vez e realocam-se os cartões em colunas quando necessário (ver imagem).**

“Quantos anos você tinha quando você fez isto [nome do delito] pela primeira vez?”

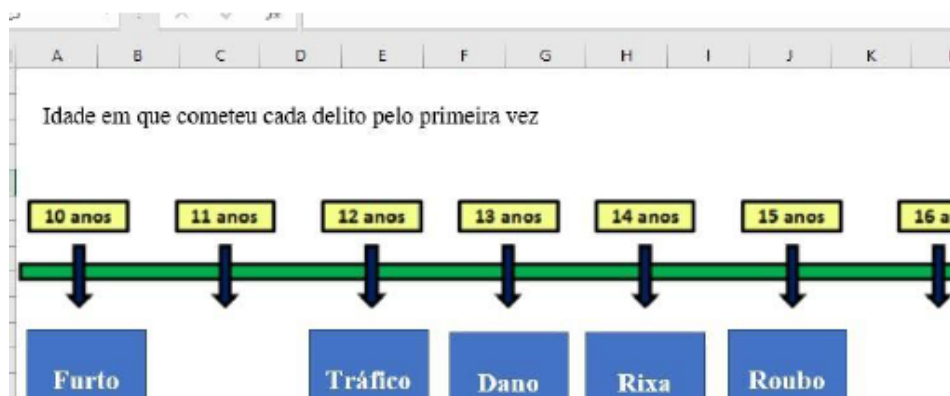


Figura 1. Idade em que cometeu cada delito pela primeira vez, ordenada cronologicamente. Roubo e Lesão Corporal ocorreram aos 15 anos, mas o roubo aconteceu antes.

- e) **Diante de cada ato ordenado, o entrevistador pergunta quantas vezes o adolescente cometeu o ato**;

“Quantas vezes você se envolveu nesse tipo de delito? Continua praticando? Com qual frequência comete tal delito?”

OBS: Caso entre os atos relatados esteja o tráfico, pergunta-se, ao invés de quantas vezes, por quanto tempo o adolescente traficou e se houve pausas.

- f) Se o adolescente relata ter cometido um mesmo ato mais de uma vez, o entrevistador pede, então, que o adolescente descreva a última vez¹³ que cometeu aquele ato. O adolescente deve ser estimulado a narrar, descrever como o ato aconteceu, em detalhes ...

“Me conta como foi essa última vez que você (nome do delito)...”.

OBS: Se o adolescente refere que cometeu o ato uma única vez, então, lhe é solicitado que descreva esse ato.

Se necessário, o entrevistador formulará perguntas mais objetivas que permitam obter informações sobre as seguintes questões:

(1) O adolescente agiu sozinho ou estava junto de colegas¹⁴ (no sentido de estar com cúmplices/comparsas)?

i. Se acompanhado de colegas, verificar se esses eram todos mais ou menos da idade do adolescente ou se havia alguém mais velho, “maior de idade”;

ii. Se acompanhado de colegas, verificar se algum (ou alguns) teria antecedentes criminais (passagem pela polícia, BO’s, processos e/ou medidas socioeducativas /encarceramento);

(2) Houve planejamento para fazer esse ato ou foi de improviso?

i. Se planejado, foi o adolescente mesmo quem o fez, ele ajudou a planejar ou foi planejado por outra pessoa (um dos colegas);

“Como o ato aconteceu? Como foi decidido que ele aconteceria?”

“Você planejou ou ajudou a planejar o ato ou outra pessoa planejou e você seguiu o plano?”

Se outra pessoa planejou: *“Em que momento você foi comunicado do plano? O que ficou definido para você fazer na hora do ato e por quê?”*

Havendo a existência de vítimas: *“Você(s) escolheu(ram) a vítima? Ficaram observando antes?”* Se sim: *“Como?”*

OBS: Considerar planejamento como sendo o “ato ou efeito de prever, antecipar, ou vislumbrar algo que ainda não aconteceu; preparar; projetar”. Em economia, o planejamento é a definição de um futuro desejado e de meios para alcançá-lo. Em outras palavras, planejamento é o exercício sistemático da antecipação.

OBS: Se o delito referir-se a “tráfico”, no tocante ao planejamento, é melhor investigar o papel do adolescente no exercício da atividade: quantas horas ele se

¹³ Só será solicitada a descrição do último ato em virtude de todos os indícios científicos no estudo da memória, tanto em contexto de pesquisa (ver revisão de Thornberry & Krohn, 2000) como em contexto clínico (Bartlett, 1932; Warren & Lane, 1995; Johnson, 2001), de que certas informações sobre eventos que ocorreram em anos anteriores possam estar sob influência de falsas memórias e confusões cognitivas.

¹⁴ Nessa questão, é importante deixar claro para o adolescente que não há interesse em conhecer os nomes das outras pessoas envolvidas nos delitos, mas tão somente se haviam outras pessoas e quais eram os seus comportamentos.

dedica a esta atividade e em qual período (se durante a madrugada, se a noite...), se o adolescente revende a droga ou se a adquire em maior quantidade, se a embala e se a distribui a outros adolescentes que, em seu turno, ajudam na venda, se o adolescente utiliza instrumento (balança de precisão), se o adolescente costuma armazenar droga em casa (ou se a armazena em local específico), se está ligado a um grupo maior, com envolvimento na prática do tráfico, se realiza a venda sempre no mesmo local ou se realiza vendas em pontos diferentes ou faz entregas para usuários personalizados.

(3) Houve uso de instrumentos, como armas ou qualquer outro tipo de objeto importante para a implementação do ato?

OBS: No caso de "tráfico de drogas", considerar o fato de o adolescente participar ou não do processo de preparação da droga para a venda, utilizando para isso, balança e outros artefatos, como embalagens, etc.

(4) Houve "destruição" de objetos durante a realização do ato?

i. Considerar que destruição, nesse caso, refere-se ao ato de quebrar objetos/coisas no sentido de eliminar obstáculos para a consecução do delito em questão.

(5) Agiu sob o efeito de alguma droga: álcool, maconha, cocaína, etc?

i. Identificar qual droga e a quantidade aproximada consumida;

ii. identificar se a droga foi usada para passar ao ato ou se a droga era consumida independentemente da passagem ao ato planejado;

Perguntar se teria tido coragem de praticar esse mesmo ato se não estivesse sob efeito da referida droga (para distinguir se era o uso cotidiano que o adolescente fazia da substância, independentemente do ato infracional que o seguiu, ou se consumiu propositadamente para criar condições psicológicas favoráveis para infracionar; ou mesmo se nem pensava em cometer um ato infracional *a priori* e a decisão de cometê-lo está relacionada com seu estado de intoxicação)

"Estava sob efeito de algum entorpecente? Qual? A que horas o havia consumido e em qual quantidade? Por qual razão o consumiu? Teria tido coragem de praticar esse mesmo ato se não estivesse sob efeito de entorpecente?"

iii. Verificar consumo atual de álcool e outras drogas – quais, quanto e frequência de consumo;

OBS: Considerar intoxicação exógena por drogas de abuso, segundo definição das Organizações das Nações Unidas para intoxicação por drogas de abuso como:

"condição seguida da administração de substâncias psicoativas e resultante em distúrbios no nível de consciência, cognição, percepção, julgamento, afeto ou comportamento, ou outra resposta ou função psicofisiológica. Os distúrbios são relatados aos efeitos farmacológicos e respostas às substâncias e os efeitos desaparecem com o decorrer do tempo, até a recuperação completa, exceto quando há lesões teciduais ou outras complicações."

(6) Qual a motivação para o ato?

i. O que pretendia obter com o ato, como resultado do ato? Explorar as motivações para o ato, que podem ser de natureza:

1. "Hedonista": busca de prazer, diversão imediata;

2. “Utilitária”: solução de problemas. O utilitarismo é uma forma de *consequencialismo*, ou seja, a ação é determinada em função de suas consequências visadas. Em economia, motivação utilitária associa-se mais fortemente a planejamento;
- a. “Vingança”: ir contra uma pessoa ou grupo em resposta a algo que foi percebido ou sentido como prejudicial. Dentro disso, a “vingança” visa resolver um problema; portanto, relaciona-se a uma motivação utilitarista.
3. “Liberação de Tensão”
- a. Considerar que “tensão” é o “estado do que é ou se apresenta tenso; estado de rigidez que se manifesta em certas partes do corpo: tensão muscular”;
A tensão associa-se ao estresse, ou seja, na pessoa sujeita a uma fonte de tensão, instala-se um processo bioquímico, com o aparecimento de taquicardia, sudorese excessiva, tensão muscular, boca seca e sensação de alerta. O estresse é uma atitude biológica necessária para a adaptação a situações novas.
- (7) O que sentia/pensava momentos antes de passar ao ato?
Focalizando cada um dos delitos, investigar se o adolescente sentia nervosismo/medo, empolgação/adrenalina, nada...;
i. Verificar a presença de TENSÃO.
- (8) O que sentia/pensava durante a passagem ao ato?
Focalizando cada um dos delitos, investigar se o adolescente sentia nervosismo/medo, empolgação/adrenalina, nada...;
i. Verificar a presença de TENSÃO.
- (9) Depois de cada ato realizado, quais pensamentos, sentimentos vinham à mente?
i. Para os atos que envolvem agressão à pessoa, investigar o que sentiu e o que pensa que a pessoa sentiu durante o ato;
ii. Sondar o por quê, de acordo com a opinião do próprio adolescente, os sentimentos/emoções indicados vinham à mente;
- (10) Finalizando a investigação em torno de um determinado delito, caso o adolescente tenha referido ter cometido o mesmo delito mais de uma vez, o entrevistador pode perguntar para o adolescente o que foi mudando ao longo do tempo no modo de praticar o delito, com vistas a obter informações sobre o modo de agir do adolescente, sobre um possível aperfeiçoamento e/ou agravamento.
- g) Repetir o procedimento para o levantamento das informações requeridas para cada um dos delitos representados nos cartões selecionados pelo adolescente no início da entrevista;
- h) Para finalizar a entrevista como um todo, voltar a ressaltar ao adolescente, que atividade teve o objetivo conhecê-lo melhor e refletir a cerca de como o envolvimento com os atos infracionais ocorreu em sua vida. Perguntar se o adolescente gostaria de dizer mais alguma coisa e sua opinião sobre a entrevista.



Parte II - Por favor, responda todas as questões seguintes. Se alguma questão não se aplicar exatamente, responda considerando o que ocorre com maior frequência (Sim ou Não). Responda as questões considerando o que ocorreu com você NOS ÚLTIMOS 12 MESES. Caso alguma questão não se aplique a você, responda "Não".

Área I	Sim	Não
1. Alguma vez você sentiu "fissura" ou um forte desejo por álcool ou outras drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Alguma vez você precisou usar mais e mais álcool ou drogas para conseguir o efeito desejado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Alguma vez você sentiu que não poderia controlar o uso de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Alguma vez você sentiu que estava dependente ou muito envolvido pelo álcool ou pelas drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Alguma vez você deixou de realizar alguma atividade por ter gasto muito dinheiro com drogas ou álcool?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Alguma vez você quebrou regras ou desobedeceu leis por estar "alto" sob o efeito de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você muda rapidamente de muito feliz para muito triste ou de muito triste para muito feliz, por causa das drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você sofreu algum acidente de carro depois de usar álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Alguma vez você se machucou acidentalmente ou machucou alguém depois de usar álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Alguma vez você teve uma discussão séria ou briga com um amigo ou membro da família por causa de do seu uso de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Alguma vez você teve problemas de relacionamento com algum de seus amigos devido ao uso de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Alguma vez você teve sintomas de abstinência após o uso de álcool (por exemplo: tremores, náuseas, vômitos ou dor de cabeça)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Alguma vez você teve problemas para lembrar o que fez enquanto estava sob efeito de drogas ou álcool?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você gosta de "brincadeiras" que envolvem bebidas "quando vai a festas? (Por exemplo: "vira-vira", apostas para ver quem bebe mais rápido ou em maior quantidade; etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Você tem problemas para resistir ao uso de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Alguma vez você já disse uma mentira?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área I Número de respostas afirmativas		

Área II	Sim	Não
1. Você briga muito?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Você se acha melhor que os outros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Você provoca ou faz coisas prejudiciais aos animais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você grita muito?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você é teimoso?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Você é desconfiado em relação a outras pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você xinga ou fala muitos palavrões?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área II Número de respostas afirmativas		

Área III	Sim	Não
5. Você provoca muito as pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Você tem um temperamento difícil?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você é muito tímido?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você ameaça ferir as pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você fala mais alto que os outros jovens?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Você se chateia (ou se aborrece) facilmente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você faz muitas coisas sem antes pensar nas consequências?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você se arrisca ou faz coisas perigosas muitas vezes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Se você puder você tira vantagem das pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Geralmente você se sente irritado ou bravo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Você gasta a maior parte do seu tempo livre, sozinho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Você costuma se isolar dos outros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Você é muito sensível a críticas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Sua maneira de comer é melhor no restaurante do que em casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área III Número de respostas afirmativas		

Área III	Sim	Não
1. Você se submeteu a algum exame físico ou esteve sob cuidados médicos nos últimos 12 meses?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Você teve algum acidente ou ferimento que ainda o incomode?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Você tem problemas com o seu sono (dorme demais ou muito pouco)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Recentemente, você perdeu ou ganhou mais de 4 kg?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você tem menos energia do que acha que deveria ter?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Você tem problemas de respiração ou de tosse?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você tem alguma preocupação sobre sexo ou com seus órgãos sexuais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Alguma vez você teve relações sexuais com alguém que se injetava com drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você teve dores abdominais ou náuseas no ano passado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Alguma vez a parte branca de seus olhos ficou amarela?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você às vezes sente vontade de xingar?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área III Número de respostas afirmativas		

Área IV	Sim	Não
1. Alguma vez você danificou a propriedade de alguém intencionalmente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Você roubou coisas em mais de uma ocasião?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Você se envolveu em mais brigas do que a maioria dos jovens?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você costuma fazer movimentos inquietos com as mãos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

SUPERA **3** **DETECÇÃO DO USO ABUSIVO E DIAGNÓSTICO DA DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICODATIVAS**
 módulo Coordenação: Telmo Mota Ronzani (UFJF)

CAPÍTULO 3: A Detecção do Uso Abusivo em Adolescentes usando o DUSI e o T-AS
 Denise De Micheli e Laisa Marcarella Andreoli Sartes

5. Você é agitado e não consegue sentar quieto?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Você fica frustrado facilmente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você tem problemas em se concentrar?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você se sente triste muitas vezes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você rói unhas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Você tem problemas durante o sono (pesadelos, sonambulismo, etc)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você é nervoso?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você se sente facilmente amedrontado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Você se preocupa demais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você tem dificuldade em deixar de pensar em determinadas coisas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. As pessoas olham com estranheza para você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Você escuta coisas que ninguém mais do seu lado escuta?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Você tem poderes especiais que ninguém mais tem?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Você sente medo de estar entre as pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Frequentemente você sente vontade de chorar?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Você tem tanta energia que você não sabe o que fazer com você mesmo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Alguma vez você se sentiu tentado a roubar alguma coisa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área IV Número de respostas afirmativas

Área V	Sim	Não
1. Você acha que os jovens de sua idade não gostam de você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Em geral, você se sente infeliz com o seu desempenho em atividades com seus amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. É difícil fazer amizades num grupo novo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. As pessoas tiram vantagens de você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você tem medo de lutar pelos seus direitos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. É difícil para você pedir ajuda aos outros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você é facilmente influenciado por outros jovens?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você prefere ter atividades com jovens bem mais velhos que você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você se preocupa em como suas ações vão afetar os outros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Você tem dificuldades em defender suas opiniões?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você tem dificuldade em dizer "não" para as pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você se sente desconfortável (sem jeito) se alguém o elogia?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. As pessoas o enxergam como uma pessoa não amigável?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você evita olhar nos olhos quando está conversando com as pessoas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. O seu humor as vezes muda?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área V Número de respostas afirmativas

Área VI	Sim	Não
1. Algum membro de sua família (mãe, pai, irmão ou irmã) usou maconha ou cocaína no último ano?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Algum membro de sua família usou álcool a ponto de causar problemas em casa, no trabalho ou com amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Algum membro de sua família foi preso no último ano?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você tem tido discussões frequentes com seus pais ou responsáveis que envolvam gritos e berros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Sua família dificilmente faz coisas juntas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Seus pais ou responsáveis desconhecem o que você gosta e o que não gosta?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Na sua casa faltam regras claras sobre o que você pode e não pode fazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Seus pais ou responsáveis desconhecem o que você realmente pensa ou sente sobre as coisas que são importantes para você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Seus pais ou responsáveis brigam muito entre si?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Seus pais ou responsáveis frequentemente desconhecem onde você está ou o que você está fazendo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Seus pais ou responsáveis estão fora de casa a maior parte do tempo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você sente que seus pais ou responsáveis não se importam ou não cuidam de você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Você se sente infeliz em relação ao local no qual você vive?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você se sente em perigo em casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Você as vezes fica bravo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área VI Número de respostas afirmativas

Área VII	Sim	Não
1. Você gosta da escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Você tem problemas para se concentrar na escola ou quando está estudando?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Suas notas são abaixo da média?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você "cabula" aulas mais do que dois dias por mês?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você falta muito à escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Alguma vez você pensou seriamente em abandonar a escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Frequentemente, você deixa de fazer os deveres escolares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Frequentemente, você se sente sonolento nas aulas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Frequentemente, você chega atrasado para a aula?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Neste ano, seus amigos da escola são diferentes daqueles do ano passado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você se irrita facilmente ou se chateia quando está na escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

SUPERA **3** **DETECÇÃO DO USO ABUSIVO E DIAGNÓSTICO DA DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**
 módulo Coordenação: Têmo Mota Ronzani (UFJF)

CAPÍTULO 3: A Detecção do Uso Abusivo em Adolescentes usando o DUSI e o T-ASI
 Denise De Micheli e Laisa Marcocela Andreoli Sartes

12. Você fica entediado na escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Suas notas na escola estão piores do que costumavam ser?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você se sente em perigo na escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Você já repeliu de ano alguma vez?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Você se sente indesejado nos clubes escolares (centro acadêmico, atlética, etc.) ou nas atividades extracurriculares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Alguma vez você faltou ou chegou atrasado na escola em consequência do uso de álcool ou drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Alguma vez você teve problemas na escola por causa do álcool ou das drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Alguma vez o álcool ou as drogas interferiram nas suas lições de casa ou trabalhos escolares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Alguma vez você foi suspenso?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Você às vezes adia coisas que você precisa fazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área VII Número de respostas afirmativas

Área VIII	Sim	Não
1. Alguma vez você teve um trabalho remunerado do qual foi despedido?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Alguma vez você parou de trabalhar simplesmente porque não se importava?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Você precisa de ajuda dos outros para procurar emprego?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Frequentemente, você falta ou chega atrasado no trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você acha difícil concluir tarefas no seu trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Alguma vez, você ganhou dinheiro realizando atividades ilegais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Alguma vez você consumiu álcool ou drogas durante o trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Alguma vez você foi demitido de um emprego por causa de drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você tem problemas de relacionamento com seus chefes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Você trabalha principalmente porque isto permite ter dinheiro para comprar drogas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você fica mais feliz quando você ganha do que quando você perde um jogo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área VIII Número de respostas afirmativas

Área IX	Sim	Não
1. Algum de seus amigos usa álcool ou drogas regularmente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Algum de seus amigos vende ou dá drogas a outros jovens?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Algum de seus amigos "cola" nas provas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você acha que seus pais ou responsáveis não gostam de seus amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Algum dos seus amigos teve problemas com a lei nos últimos 12 meses?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. A maioria dos seus amigos é mais velho do que você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

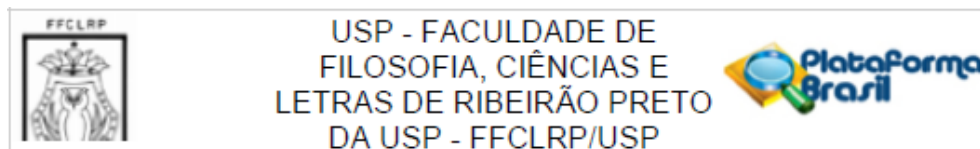
7. Seus amigos costumam falar muito na escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Seus amigos ficam entediados nas festas quando não é servido álcool?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Seus amigos levaram drogas ou álcool nas festas nos últimos 12 meses?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Seus amigos roubaram alguma coisa de uma loja ou danificaram a propriedade escolar de propósito nos últimos 12 meses?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você pertence a alguma "gang"?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Atualmente, você se sente incomodado por problemas que esteja tendo com seus amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Você sente que não tem nenhum amigo para quem possa fazer confidências?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Se comparado com a maioria dos jovens, você tem poucos amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Alguma vez você foi convencido a fazer alguma coisa que você não queria fazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área IX Número de respostas afirmativas

Área X	Sim	Não
1. Comparado com a maioria dos jovens, você faz menos esportes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Durante a semana, você normalmente sai à noite para se divertir, sem permissão?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Num dia comum, você assiste mais do que duas horas de televisão?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Na maioria das festas que você tem ido recentemente, os pais estão ausentes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você exercita-se menos do que a maioria dos jovens que você conhece?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Nas suas horas livres você simplesmente passa a maior parte do tempo com os amigos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você se sente entediado a maior parte do tempo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você realiza a maior parte das atividades de lazer sozinho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Você usa álcool ou drogas para se divertir?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Comparado a maioria dos jovens você se envolve menos em "hobbies" ou outras atividades de lazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você está insatisfeito com a maneira como passa seu tempo livre?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você se cansa muito rapidamente quando faz algum esforço físico?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Você alguma vez comprou alguma coisa que você não precisava?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Área X Número de respostas afirmativas

ANEXO C – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Conduta Delituosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Adolescentes: Análise Funcional das Trajetórias do Comportamento

Pesquisador: Thales Vinícius Mozaner Romano

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 31010220.2.0000.5407

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.984.797

Apresentação do Projeto:

De acordo com o documento Emenda ao Projeto de Pesquisa, submetido em 18/08/2020, o presente estudo afirma que o uso de substâncias e a conduta delituosa são comportamentos que podem se estabelecer durante a adolescência. Ambos comportamentos apresentam uma intrínseca relação, complexa, e que pode se retroalimentar, perdurando para a vida adulta e trazendo diversos prejuízos biológicos e psicossociais. Ainda se faz necessário examinar as variáveis individuais e contextuais existentes em adolescentes usuários de substâncias e adolescentes com níveis distintivos de conduta delituosa que fazem uso de álcool e outras drogas, investigando possíveis diferenças comportamentais, de fatores de risco e de proteção e de funcionamento de ambas as condutas. Os objetivos deste estudo são investigar as características individuais e unidades funcionais implicadas no comportamento de uso de substâncias de adolescentes que apresentam diferentes padrões de conduta delituosa, evidenciando as diferenças comportamentais e identificando os fatores de risco que podem levar a um maior engajamento nas práticas infracionais. Isto será feito por meio da aplicação de métodos quantitativos e qualitativos (métodos mistos), que podem aprimorar a investigação de ambos os comportamentos: Entrevista Sociodemográfica, Entrevista Estruturada de Delinquência Autorevelada (EEDA), que consiste em uma entrevista que busca compreender as práticas infracionais do adolescente durante esta fase de desenvolvimento, o Drug Use Screening Inventory revisado (DUSI-R) adaptado para a realidade

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900

Bairro: Monte Alegre

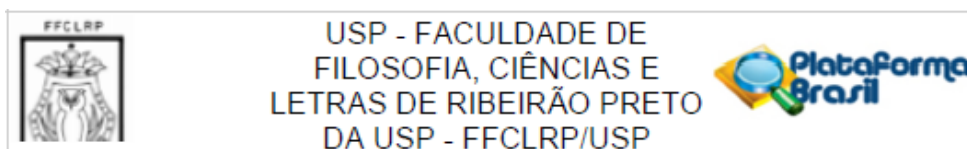
CEP: 14.040-901

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-4811

E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br



Continuação do Parecer: 4.984.797

brasileira, que consiste em instrumento de avaliação que busca mapear o uso de substâncias do adolescente e relacionar diversos fatores de risco, e por fim, uma entrevista semi estruturada (audiogravada) que busque realizar a Análise Funcional do Comportamento do uso de substâncias dos participantes, focando nas unidades funcionais: antecedentes, comportamento e consequências. A coleta de dados será realizada com 60 jovens do sexo masculino de idade de 16 a 21 anos. Com isto, análises estatísticas e de conteúdo irão permitir uma caracterização e comparação de grupos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto – USP.

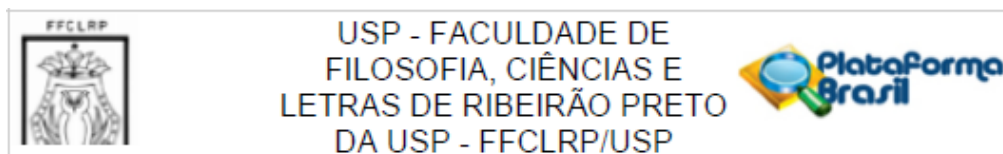
Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os documentos Informações Básicas do Projeto e Emenda ao Projeto de Pesquisa, submetidos em 18/08/2020, o objetivo geral é: estudo proposto pretende investigar as características pessoais e contextuais implicadas na conduta problemática de uso de substâncias em jovens do sexo masculino, que apresentam variados padrões de conduta delituosa, visando evidenciar as diferenças em fatores atinentes ao uso problemático de substâncias em cada qual e, assim, observar aqueles que parecem mais relacionados a um maior engajamento em práticas de delitos. Os objetivos específicos são: a) descrever as trajetórias de uso de substâncias em jovens que apresentem diferentes níveis de engajamento em delitos, focalizando a idade de início, as circunstâncias de uso e as substâncias usadas; b) identificar as motivações para o uso de substâncias, focalizando as unidades funcionais implicadas, em jovens que apresentem diferentes níveis de engajamento em delitos; c) verificar a existência de diferenças entre os jovens apresentando diferentes níveis de engajamento em delitos em termos de natureza e de densidade de problemas associados ao uso problemático de substâncias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o documento Informações Básicas do Projeto, submetido em 18/08/2020, os riscos em participar da pesquisa são muito pequenos. O único risco previsto é um desconforto em pensar sobre certos assuntos considerados incômodos por algumas pessoas. Evidentemente, será colocado para o participante que escolher se quer ou não participar e pode desistir da participação a qualquer momento. Benefícios: Este estudo pode contribuir para entender melhor os jovens que se envolvem no uso de drogas e também na prática de delitos, suas características, dificuldades e necessidades de atendimento. Este estudo pode também, no futuro, ajudar a refletir sobre novas opções de intervenções para o uso de substâncias e também para as medidas socioeducativas a serem cumpridas pelos adolescentes.

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900
 Bairro: Monte Alegre CEP: 14.040-901
 UF: SP Município: RIBEIRAO PRETO
 Telefone: (16)3315-4811 E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br



Continuação do Parecer: 4.984.797

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com os documentos "Informações básicas do projeto" e "Emenda ao Projeto de Pesquisa" submetidos em 18/08/2021, trata-se do projeto de pesquisa do discente Thales Vinícius Mozaner Romano, sob orientação do Prof^o. Dr^a. Marina Rezende Bazon. Participarão da pesquisa 60 jovens do sexo masculino de idade de 16 a 21 anos que apresentam variados padrões de conduta delituosa e que frequentam instituições que atendem adolescentes e jovens usuários de substâncias, os Centros de Atenção Psicossociais – Álcool e Drogas. Será utilizada metodologia mista (qualitativa e quantitativa) e os participantes responderão a entrevistas e instrumentos de avaliação psicológica. Haverá a formação de banco de dados já aprovado anteriormente. A coleta de dados terá início em outubro de 2021 e será encerrada em fevereiro de 2022. De acordo com cronograma o estudo será encerrado em agosto de 2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões e pendências e Lista de inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões e pendências e Lista de inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda Aprovada.

Trata-se de uma solicitação de emenda em função da pandemia da Covid-19, que abarca as seguintes alterações, que encontram-se devidamente justificadas:

- 1) Foi solicitada alteração das instituições em que seriam realizadas a coleta de dados, a mesma se dará em Centros de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas de São Carlos, sendo apresentada a autorização para a coleta de dados da Secretaria de Saúde de São Carlos, que foi anexada à anexada na Plataforma Brasil. Aprovada
- 2) Foi efetuada a inclusão dos cuidados relacionados a proliferação do COVID-19 junto ao projeto de pesquisa, ressaltando as medidas que serão adotadas durante a coleta de dados que envolve entrevista individual no serviço de saúde mental. Aprovada
- 3) Foi solicitada a gravação em áudio da entrevista, devidamente justificada. Foi realizada a alteração, referente a inclusão da gravação em áudio no projeto de pesquisa e nos Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos para participantes de idade igual ou maior de 18 anos e para pais e/ou responsáveis por participantes menores de 18 anos, e também, no Termo de

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900

Bairro: Monte Alegre

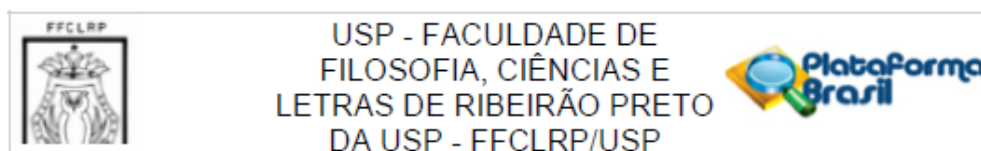
CEP: 14.040-901

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-4811

E-mail: coetp@istas.ffclrp.usp.br



Continuação do Parecer: 4.984.797

Assentimento Livre e Esclarecido para participantes menores de 18 anos. As alterações efetuadas estão destacadas nos documentos e seguem os preceitos éticos. Aprovada.

4) Foi solicitada a alteração do Cronograma de Pesquisa, uma vez que as atividades da pesquisa foram prejudicadas pela pandemia, assim foi necessário ampliar os prazos e nova configuração de cronograma, foi inserida na Plataforma Brasil com as novas datas planejadas para o início de coleta de dados, análise de resultados e redação de artigos científicos. Aprovada

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para sejam devidamente apreciadas no CEP conforme Norma Operacional CNS n 001/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1810756_E1.pdf	18/08/2021 15:51:18		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_SECRETARIA_DA_SAUDE_EMENDA.PDF	18/08/2021 15:49:33	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	EMENDA_PROJETO_DE_PESQUISA_DETALHADO_AGOSTO_2021.pdf	18/08/2021 15:48:33	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_SUBMISSAO_EMENDA.pdf	18/08/2021 15:48:06	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PARTICIPANTES_MAIORES_DE_18_ANOS_EMENDA.pdf	18/08/2021 15:46:56	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_OU_RESPONSAVEIS_EMENDA.pdf	18/08/2021 15:46:46	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_EMENDA.pdf	18/08/2021 15:46:36	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_BANco_DE_DADOS_PAIS E RESPONSAVEIS.pdf	14/04/2020 11:47:59	Thales Vinicius Mozaner Romano	Aceito

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900

Bairro: Monte Alegre

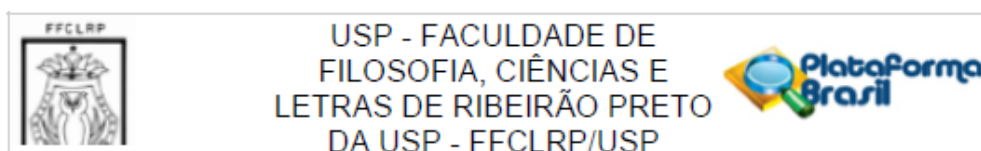
CEP: 14.040-901

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-4811

E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br



Continuação do Parecer: 4.984.797

Outros	AUTORIZACAO_BANCO_DE_DADOS_JOVENS_MAIORES_DE_IDADE.pdf	14/04/2020 11:47:11	Thales Vinícius Mozaner Romano	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ASSINADA.pdf	14/04/2020 11:32:48	Thales Vinícius Mozaner Romano	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRAO PRETO, 19 de Setembro de 2021

Assinado por:
Sylvia Domingos Barrera
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900
Bairro: Monte Alegre CEP: 14.040-901
UF: SP Município: RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-4811 E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br

ANEXO D – Autorização para realização da pesquisa – Secretaria de Cidadania e Assistência Social da cidade de São Carlos



Prefeitura Municipal de São Carlos
Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social
Estado de São Paulo

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA
 NO NÚCLEO DE ATENDIMENTO INTEGRADO - NAI**

Conforme análise realizada na documentação apresentada e parecer favorável do setor responsável. Fica o Senhor: **Thales Vinicius Mozaner Romano** número USP: 8934031, RG nº 53.587.449-2 CPF nº 441.599.258-71; regularmente matriculado no curso de Mestrado no Programa de Psicologia, área de concentração Psicologia em Saúde e Desenvolvimento ministrado no campus da Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto. **Autorizado** a realizar o Projeto de Pesquisa “**Conduta Delituosa e Uso de Substâncias Psicoativas em Jovens: Análise Funcional da Trajetórias do Comportamento**”. no Núcleo de Atendimento Integrado –NAI, que é vinculado a esta Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, com coleta de dados sob a supervisão da Orientadora da pesquisa Profa. Dra. Marina Rezende Bazon, “para melhor entender o papel exercido pelo uso de substancias no engajamento em pratica de delitos, ou seja, entender a função do uso de substancia no desenvolvimento da conduta delituosa”

A coleta de dados será realizada no período entre os **meses de abril/2022 à dezembro/2022**.

Destaca-se a relevância de ao final um documentário deverá ser entregue à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social para fins de complementação e finalização do processo.

São Carlos, 04 de abril de 2022.

Roberta Justel do Pinho

ROBERTA JUSTEL DO PINHO
 Chefe da Seção de Atenção à Proteção Social Especial – Média Complexidade

Vanessa Soriano Barbuto

VANESSA SORIANO BARBUTO
 Secretária Municipal de Cidadania e Assistência Social

CIENTE E DE ACORDO:

Thales Vinicius Mozaner Romano

Assinatura do(a) aluno(a)

**SECRETARIA MUNICIPAL
 DE CIDADANIA E
 ASSISTÊNCIA SOCIAL**

Rua Conde do Pinhal, 2228 – CEP 13560-648 – São Carlos – SP
 Fones / Fax: (16) 3371-2290 / 3371-1122
social@saocarlos.sp.gov.br

ANEXO E – Autorização para realização da pesquisa – Juiz da Vara da Infância da Comarca de São Carlos



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Juízo de Direito da 2ª. Vara Criminal – Fórum de São Carlos
 Rua Conde do Pinhal, 2061 Cx. Postal 638 – Centro
 São Carlos/SP – CEP: 13560-140 – Fone: (016) 3374.1255 Ramal: 1004 e 1005
 saocarlos2cr@tjsp.jus.br
 Horário de atendimento ao público: das 12h30min às 19h00min

Prezada Sra. Coordenadora do NAI de São Carlos,

Em retorno ao Ofício recebido, venho por meio deste autorizar que o estudante em nível de mestrado, THALES VINÍCIUS MOZANER ROMANO, possa ter acesso aos adolescentes em conflito com a lei, no Núcleo de Atendimento Integrado (NAI) da Vara da Infância e Juventude da Comarca de São Carlos, de modo que seja possível convidá-los a participar da pesquisa intitulada CONDUTA DELITUOSA E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM JOVENS: ANÁLISE FUNCIONAL DA TRAJETÓRIAS DO COMPORTAMENTO, nos termos em que requerido a este magistrado, principalmente considerando o aceite dos jovens e o consentimento de seus responsáveis legais.

São Carlos, 21 de março de 2022

CLAUDIO DO PRADO Assinado de forma digital por
 AMARAL:125519978 CLAUDIO DO PRADO
 AMARAL:12551997844
 44 Dados: 2022.03.22 10:13:08
 -03'00'

CLÁUDIO DO PRADO AMARAL
JUIZ DE DIREITO